

MESTRES DO HORROR E DA FANTASIA

Frank De Felitta

TERROR NA OKTOBERFEST



FRANCESCO
AVES



Frank De Felitta

TERROR NA OKTOBERFEST

Tradução Luiz Horácio da Matta

Francisco Alves

© 1973 by Frank De Felitta

Título original: Oktoberfest

Revisão tipográfica: Umberto Figueiredo Pinto e

Ana Maria Caldeira
Impresso no Brasil Printed in Brazil
1984

Todos os direitos desta tradução reservados à: Livraria FRANCISCO
ALVES EDITORA S.A.
Rua Sete de Setembro, 177 - Centro 20050 - Rio de Janeiro - RJ

Digitalização, Revisão, Formatação e restauração capa(s)

Luis Antonio Vergara Rojas

Á minha esposa

Os personagens deste livro são inteiramente fictícios, inclusive os que desempenham funções públicas, tais como: funcionários da Prefeitura de Munique e membros de seu Departamento de Polícia, bem como todos os funcionários mencionados tanto no *Tombeau de Martyr Juif Inconnu*, em Paris, e no *Yad Vashem*, em Israel. Toda e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha gratidão ao Sr. Steven Weiner, ao Professor Irwin R. Blacker, ao Sr. e Sra. Ben Schanzer, ao Sr.

Gene Lesser, ao Sr. Tini Seldes e à minha editora, Srta.

Diane Cleaver, pela confiança, estímulo e auxílio na elaboração deste livro.

"Raça maldita, fazendo das suas outra vez!

Quantas vezes já provamos, fora de dúvida, Que fantasma algum pode agir normalmente?

Mesmo assim, vocês ousam dançar como mortais!"

— GOETHE (Fausto/Noite de Walpurgis)

MUNIQUE:

O Primeiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 1

No outono, os céus da Baviera se tornam de um azul profundo e as árvores que se debruçam sobre as estradas ficam vermelhas e douradas. A névoa cobre as encostas alpinas. Um vento frio sobe pelas colinas verdes e arredondadas, os campos amarelos de feno e as pequenas aldeias brancas, brilhantes e compactas. Em Munique, as torres de cobre brilham ao sol. É a época da Oktoberfest.

Abaixo das fachadas renascentistas e torreões em estilo rococó, seis milhões de pessoas se acotovelam nas ruas, comprando, bebendo e dançando. Durante dezesseis dias, perdem-se nos desfiles, no álcool e no ruído da comemoração, até tombarem exaustas, com os olhos vermelhos; os forasteiros começam a partir e pequenos flocos de neve começam a cair no alto das montanhas. Então, os habitantes de Munique se levantam, limpam as ruas e voltam aos cafés boêmios na Schwabing ou ao alumínio dos escritórios das companhias de seguro ao longo da Maxburgerstrasse, e aguardam pacientes os feriados de Natal.

Quando Ludwig da Baviera se casou com Therese von Saxe-Hildburghausen, os camponeses e habitantes da cidade comemoraram com uma corrida de cavalos e um piquenique.

Depois disso, passou a existir uma festa anual em outubro.

Vagasse Ludwig atualmente em espírito pela Campina Therese ao final das festividades, passando sob a roda-gigante e por entre os pavilhões de venda de cerveja, entrando nas tendas onde homens e mulheres dormem embriagados, incapazes de se lembrarem onde moram, talvez percebesse que os bávaros não mudaram tanto em cento e cinquenta anos. Todavia, se perambulasse pelo recinto da feira, veria edifícios de cromo que se erguem inexplicavelmente onde antes existiam os chafarizes e pátios que ele construiu e saberia que Munique mudou muito após 150 Oktoberfests. Na verdade, a Alemanha inteira se alterou.

A névoa matinal levantava-se nas encostas das montanhas e se juntava nos

vales. Dizem que as próprias montanhas exalam esse ar vaporoso e o sol, penetrando a névoa com raios compridos, incide nas florestas e riachos que já existiam desde o início do mundo. Das profundezas de seu abrigo de folhagens, a Virgem Maria, toscamente entalhada em madeira, pintada de vermelho e azul, olha desinteressadamente a cena campestre lá embaixo. Equipamentos agrícolas verdes e vermelhos movimentam-se afanosamente sobre os campos férteis. Casas modernas, com paredes de chapas metálicas, dominam as colinas. E serpenteando através dos bosques, com os grandes portões de ferro enferrujados mas funcionando, a muralha cinzenta do Sanatório Brautnacht vigia os vales adjacentes.

O homem estava sentado numa cadeira de jardim de ferro batido. Os olhos escuros e profundos encaravam a brilhante névoa de outono. Encontrava-se na mesma posição em que a enfermeira o colocara. O sol mudara de posição, mas a cabeça do homem não se movera. As mãos, grandes e fortes, pendiam ao longo do corpo. Um álbum de fotografias desbotadas estava aberto em seu colo. Em volta, os belos pássaros cantavam nas árvores.

Ali perto, no gramado, estava deitado um menino que se contorcia. Os punhos tinham sido atados com uma tira de couro, de modo a não poderem alcançar a boca. O menino desejava desesperadamente comer as próprias mãos.

Debatendo-se para se libertar, rolou para a terra sob as roseiras.

Uma enfermeira saiu rapidamente de um prédio de concreto, o rosto pálido, os lábios se contorcendo embora fechados. Abaixou-se e puxou o menino do chão, apertando-lhe a clavícula. Lentamente, a boca frenética se abriu e a enfermeira, à custa de tapas, tirou a terra que nela havia. O

menino só parou de balbuciar quando a enfermeira o largou.

Abaixou-se outra vez até o nível das roseiras. A enfermeira o observou severamente durante um prolongado tempo antes de partir. Sorrindo, com lágrimas nos olhos, o menino rastejou rapidamente pelo gramado, os braços estendidos à frente, parando finalmente para explorar os fungos brancos na base de uma árvore.

Nenhum som tocara o homem sentado na cadeira de ferro batido. Entretanto uma veia azul em seu dedo pulsava depressa. Ocasionalmente, os pássaros voavam ou saltitavam no gramado; os olhos do homem, muito abertos e vagos, registravam as idas e vindas das aves como uma câmera sem filme.

Então uma ave pousou em seu chinelo, beliscou o couro e, extravagantemente, puxou do forro um comprido fio de feltro.

A sombra do pé do homem, espiou com atenção para todos os lados antes de saltitar de volta para a luz do sol. De repente um vulto cinzento atravessou velozmente o gramado, golpeando com a pata. O gato ergueu a pata e examinou

meticulosamente a ave estonteada. O sangue começou a aparecer nas penas e na pata.

O pássaro piou desesperadamente. O gato olhou em volta, pegou a ave na boca e carregou-a depressa para baixo da cadeira do homem.

A mão do homem tremia. Os pios da ave não cessavam, embora ela certamente estivesse sendo devorada. Pingos de perspiração brotaram na testa do homem. A veia em sua têmpora passou a pulsar em ritmo com os sons emitidos pelo pássaro moribundo embaixo da cadeira. De repente, sua mão agarrou o álbum num gesto espasmódico e ele se empertigou na cadeira, arrancando do álbum uma única fotografia. Os pios da ave aumentaram e, então, cessaram bruscamente. O homem ficou em pé, trêmulo, as veias intumescidas, os olhos ainda esbugalhados e fixos, mas agora alerta e cheios de um medo animalesco. Vagarosamente, ergueu a foto até o nível dos olhos, fitando-a até que ela se tornou um borrão diante dele. Então, amarrotou-a nos dedos.

A enfermeira espiou pela janela do prédio de concreto.

Franzindo as pálpebras por detrás dos óculos, movimentou os lábios numa expressão de alarme e ficou imóvel. A cadeira de ferro batido estava vazia, silhuetada contra o brilho do céu. O homem sumira. Ela saiu cautelosamente do prédio.

O menino atado com a tira de couro rastejava na orla do gramado. Ninguém mais estava à vista. Só os pássaros. Uma brisa ocasional fazia a grama ondular. A enfermeira olhou em volta, os olhos examinando a orla distante e escura do recinto murado. Então ela voltou ao prédio principal.

Por detrás dela, o rosto nervoso do Dr. Gunther Kaufmann, diretor do Sanatório Brautnacht, surgiu no corredor, lançando um rápido olhar por cima do ombro da enfermeira.

— Ele sumiu — murmurou ela.

— Não sei. Não pode ter ido longe. Vou procurá-lo.

— Sim, vá procurá-lo — ordenou o Dr. Kaufmann.

Procurando em vão um lenço para enxugar a testa, o Dr. Kaufmann encostou-se pesadamente à parede áspera e começou a pensar depressa em determinadas complicações jurídicas.

Bandas com bonés e casacos pretos percorriam a cidade velha, atravessando Munique a caminho da Campina Therese.

Carroças de cerveja puxadas por cavalos enfeitados de azul e prateado rodavam pelo recinto da feira. Mulheres idosas em trajes tiroleses jogavam flores nos cocheiros. Sob os toldos dos teatros e barracas de mágicos, famílias de japoneses, americanos e trabalhadores iugoslavos perambulavam tirando fotografias. Enormes balões com rótulos de cervejas pairavam sobre a multidão.

Entre as barracas de venda de cerveja, arqueiros armados com bestas atiravam no veado de papelão colocado na extremidade da alameda central. Mulheres de bustos volumosos corriam por entre as mesas dos pavilhões de cerveja, suando, tentando atender ao insistente clamor dos *steins* batidos nas mesas por alemães que gritavam. Novas bandas substituíam as bandas exaustas e logo a multidão, já não se sentindo estrangeira, estava de pé sobre bancos e mesas, de braços dados, berrando canções dos beberões alemães.

Parecendo surgir do ar brilhante, avançando com dificuldade pelas velhas estradas rurais, dois poderosos cavalos de tiro puxavam uma carroça de barris de cerveja vazios e cinco alemães embriagados. Os cavalos avançavam devagar pelo aclave, afastando-se das estranhas casas modernas que pontilhavam as colinas como plantas exóticas ao sol, deixando para trás os jardins e o carnaval que fervilhava na Campina Therese.

O cocheiro usava um traje de origem indecifrável, de seda e botões de latão, o nariz pintado de vermelho. A tinta se derreteria de ambos os lados, descendo-lhe até a boca. No peito da túnica, distintivos que significavam o número de litros de cerveja de duplo teor alcoólico que ele consumira tilintavam a cada sacolejão da carroça.

Na carroça, apoiado nos barris de cerveja, nas tábuas e nas flores, um homem em traje negro da Baviera estava deitado no colo de duas mulheres. A cada sacudidela o braço de alguém se apoiava no corpo de outra pessoa. Piscando para clarear a visão, o homem se ergueu gradativamente e afastou os cabelos da testa.

— Meu Deus! — comentou ele, rindo. — Vejam aquele idiota correr. Deve estar treinando.

Um homem grandalhão, de calça e camisa azuis, corria descalço pelo campo de feno, de cabeça baixa, atravessando a estrada em direção ao bosque que cobria uma colina situada nos subúrbios setentrionais de Munique.

Ao penetrar no denso bosque, este lhe pareceu familiar, mas não acolhedor. Os ramos e folhagens batiam-lhe no rosto, rasgavam-lhe a roupa, feriam-lhe a pele das mãos. Afinal, ele parou, ofegante. A cidade surgiu na orla do bosque, espalhando-se pela encosta abaixo, pardacenta, Confluindo no centro, onde os íngremes telhados verdes ajuntavam-se como dentes e as fachadas cristãs brilhavam elegantemente ao sol.

Temeroso, confuso, o homem começou a descer cuidadosamente pelas valas de escoamento de águas pluviais, atravessando depressa as linhas de trem e as pontes, avançando paulatinamente, sem ser visto, pelos subúrbios de Munique.

Brigavam por causa de comida. Dois meninos se esmurravam furiosamente, o sangue escorrendo de um dente lascado. Agarraram-se, e quando um deles

conseguiu livrar-se, golpeou o outro com toda a sua força.

— Karl! Karl! — berrou uma mulher, debruçando-se da janela de um apartamento no andar de cima, o busto suspenso sobre o peitoril de concreto. — Pare com isso! Largue ele!

Desapareceu da janela.

Um dos meninos, livrando-se, esmurrou com força a cabeça do outro. Ambos caíram ao chão.

— Karl! Levante-se!

A mulher veio correndo através do canteiro de obras do novo prédio. Separou os dois meninos.

— Largue ele! — berrou.

— Ele me roubou — gritou o outro menino.

— Roubou! Meu filho não é ladrão! Você roubou! Seu prussiano! — retrucou a mulher, pegando o braço do filho e puxando-o para um lado. — Vá para casa! — bradou para o outro menino. — Suma daqui!

— Ele roubou — insistiu o outro garoto. — Duas maçãs e uma pêra. Elas sumiram.

A mulher passou por ele, empurrando-o.

— Você as perdeu, estúpido!

Caminhou com o filho através do terreno escavado, em direção ao prédio de apartamentos.

— Nunca confie nessa gente — advertiu.

O homem observava tudo através de uma abertura de ventilação. Sem achar graça ou excitar-se, espiou por uma brecha na parede de um porão abandonado. A briga ocorrera em seu campo visual, de modo que fora registrada. Ele se recostou numa parede.

Era um abrigo feito de tijolos desmantelados, de vigas que haviam caído diagonalmente e agora sustentavam um tosco teto de concreto quebrado e vergalhões. Escombros por todos os lados: tijolos, pedaços de fios e madeira, tiras de papel de parede. O homem esticou lentamente as pernas, tentando não perturbar o precário equilíbrio do teto. Caiu pó sobre seus ombros.

Da abertura de ventilação não havia local do terreno que não pudesse ser visto. Mas não existia saída rápida; só o lento desembaraçar-se do teto em ruínas. Era um perigo. Ele aguardaria o anoitecer. Então, tudo ficaria escuro. Ninguém o veria. Ele poderia sair. Em algum lugar, os pingos de um encanamento furado ecoavam entre os escombros.

O homem estremeceu. Mordeu a pêra. Engoliu avidamente e depois começou a comer as duas maçãs que tinha na outra mão.

A torre da catedral bateu quinze para as oito. Barulho de farra vinha dos

pavilhões e barracas de diversões da Campina Therese; todavia a parte velha da cidade estava silenciosa. A escuridão do velho mercado mal era penetrada pela luz dos postes da Munique moderna. Uma velha caminhava depressa pelas ruas calçadas de pedra. Um gato permanecia sentado na soleira de uma porta, imóvel, observando. A praça, limitada por maciças paredes de pedra e pelas sombras que dominavam as transversais estreitas, estava deserta.

Num pequeno açougue, Wolfgang Heder batia bifes com o olho de sua machadinha de açougueiro. Heder era um homem enorme, de bochechas rosadas, e mantinha seu queixo triplo escrupulosamente escanhado. Faltavam sete minutos para a hora de fechar o açougue e ele trabalhava metodicamente, arrumando os bifes sobre um pano e os enfeitando com folhas de verdura e hortelã. Heder franziu os pequenos lábios vermelhos num sorriso desprovido de humor. Era um açougue caro, só para os fregueses mais ricos.

As luzes da rua penetravam palidamente pelas vidraças da loja. Heder trabalhou na geladeira de aço inoxidável, brilhantemente iluminada, e a porta automática se fechou silenciosamente. Heder pendurou as peças de carne nos ganchos e limpou-as com o avental. Escutou o som abafado da sineta da porta indicar que alguém entrara na loja. Franziu a testa, arrependido de não haver trancado a porta da frente.

Um freguês a essa hora significaria um atraso de pelo menos quinze minutos em sua chegada ao pavilhão e daria a Olga, sua esposa, uma desculpa legítima para ficar irritada.

Resmungando baixinho, Heder contou as caixas de verdura arrumadas nas prateleiras inferiores. Então acionou o fecho interno da porta da geladeira e a empurrou.

Heder ficou imóvel. Bem acima de sua cabeça, refletindo a luz, estava sua machadinha de açougueiro, empunhada por duas mãos com tanta força que os nós dos dedos se mostravam esbranquiçados. Antes que ele se movesse, as mãos golpearam com a machadinha. A lâmina o rachou, penetrando na orelha e maxilar, e sangue vermelho jorrou com abundância entre pedaços de osso. Heder, os olhos dilatados, caiu para trás no estrado de madeira que forrava o piso da geladeira. A machadinha tornou a subir e a descer. Quando terminou, Heder jazia banhado em seu próprio sangue, com uma velha fotografia amarrotada enfiada na boca.

Todas as lojas estavam fechadas. Um arlequim solitário atravessava o velho mercado a caminho de casa. As luzes azuis e verdes do carro da polícia giravam em frente ao açougue. Um guarda uniformizado mantinha à distância um grupo de curiosos. Lá dentro, o cadáver de Heder era meticulosa e cautelosamente

examinado. Um fotógrafo da polícia, firmando os pés em frente à porta da geladeira, tirava fotografias com uma máquina com *flash*. Todas as superfícies de metal, vidro e madeira eram examinadas em busca de impressões digitais. Num canto da loja, o Inspetor Paul Steinmann segurava um copo de água mineral para uma mulher idosa sentada numa cadeira.

— Por que a senhora entrou na geladeira? indagou Steinmann.

— Não sei.

— Não é um procedimento normal.

— Não sei o que me fez entrar lá — a mulher começou a chorar. Eu não o vi em lugar nenhum da loja.

— De modo, que foi procurá-lo na geladeira?

— Quisera Deus que eu não tivesse ido!

A velha fez o sinal-da-cruz com mão trêmula.

O médico-legista Karl-Heinz Fischer saiu da geladeira e pediu uma maca. Suando, parou à porta e enxugou a testa com um lenço branco. Pálido, sacudiu negativamente a cabeça para Steinmann. O motorista da ambulância e o ajudante trouxeram a maca. Fischer tornou a entrar na geladeira.

O Inspetor-Chefe Martin Bauer estava de pé junto ao balcão, estudando a fotografia sem tocá-la. Magro, a linha dos cabelos apenas começando a recuar para o alto da testa, as feições toscas contraídas numa expressão intrigada. Parecia haver algo familiar na fotografia amarrotada e úmida extraída da boca da vítima, embora ele não conseguisse definir o que era.

Steinmann puxou delicadamente o casaco da velha.

— Responda-me, por favor, *Frau* Knoedler disse ele. — A senhora comprava freqüentemente aqui?

— Sim. Esta noite eu me atrasei. Ele costuma fechar às oito horas.

Entendo. E a senhora chegou aqui depois das oito?

Sim.

— Mora aqui perto, *Frau* Knoedler? Não? Então será acompanhada até sua casa.

Steinmann fez sinal para um guarda uniformizado.

— Entretanto talvez desejemos conversar outra vez com a senhora amanhã de manhã. Muito obrigado. Cumpru seu dever cívico.

Steinmann fechou a caderneta de anotações e foi juntar-se ao seu superior junto ao balcão. Os olhos de Martin Bauer fitaram sua aproximação sem o ver, a mente ainda ocupada nos limites da recordação. Steinmann pigarreou.

— Bem, creio que terminamos disse ele.

— Desculpe-me — replicou Bauer, arrancado de seu devaneio, Sorriu. — Ela é culpada ou inocente?

— Não faço a menor idéia. Sabe, com os preços que ele cobrava, eu não a culparia se ela o matasse.

Bauer riu. Voltou à fotografia. Esquecendo-se de Steinmann, franziu os lábios ao examiná-la detidamente.

— Fischer já terminou o exame?

Bauer, distraído outra vez, respondeu: — Creio que não.

Steinmann olhou para a fotografia sobre o balcão.

— É isso aí?

— Sim.

— Está vendo alguém conhecido? — perguntou Steinmann tom um sorriso.

Bauer ergueu os olhos.

— Isso é que é engraçado, Paul. Tenho a estranha sensação de que vejo. Dê uma olhada.

— Já foi periciada?

— Sim. Tinha impressões digitais.

Steinmann debruçou-se para estudar a foto. Era uma estação ferroviária. Um grupo de homens e mulheres esperava em fila. Fazia frio, pois usavam casacos e luvas. Não havia neve no chão. Nem letreiros visíveis. Aparentemente, a foto era antiga, a julgar pelo estilo das roupas e pelo aspecto desbotado da imagem em preto e branco.

— E daí? — quis saber Steinmann.

— Ela não lhe diz nada?

— Não — disse Steinmann, tirando um fiapo da gola do casaco. — Não foi tirada ontem. Pessoas numa estação... o que significa para você?

Bauer sacudiu a cabeça.

O Dr. Fischer saiu da geladeira. Ainda suando bastante, andou até Steinmann e Bauer perto do balcão.

— Imaginem, suar numa geladeira. Não vejo algo assim desde os tempos de faculdade. Importam-se se eu for respirar um pouco de ar fresco?

Começaram a andar juntos em direção à porta.

— Quem tinha raiva dele fez um serviço completo — disse o legista.

— Praticamente partiu-o em pedaços... provavelmente com um machado... e depois o pendurou num gancho como uma peça de carne.

— Está faltando uma machadinha de açougueiro — informou Steinmann.

Fischer esfregou a nuca. Olharam para o ar frio da noite enquanto a multidão de curiosos, ainda fantasiados e de rostos vermelhos, os encarava quase ansiosamente.

— Bem, então foi a arma do crime. Acham que foi obra de um único homem? — perguntou Fischer.

— Você tem uma opinião a respeito? — retrucou Steinmann.

Fischer recuperara a compostura no ar frio de outono.

— Ele tinha que ser muito forte. Heder pesava bem mais que cem quilos — respondeu ele, voltando-se em seguida para Bauer. — Farei o relatório e o verei amanhã de manhã, Inspetor.

— Amanhã de manhã, você verá Steinmann disse Bauer. — Partirei para Kitzbuhel esta noite.

— Kitzbuhel — repetiu Fischer. Eu não sabia que você era alpinista.

— E não sou.

— Ainda é cedo demais para esquiar.

— Eu sei.

Steinmann riu.

— Existem outras... atividades em Kitzbuhel. Não é mesmo, Martin?

Bauer ficou vermelho e não fez comentários. Elementos da multidão de curiosos já se encaminhavam de volta às zonas mais iluminadas de Munique. Outros haviam ficado sóbrios ao se darem conta do que ocorrera. As portas da ambulância foram abertas.

— Bem disse Fischer —, eu diria que seu senso de oportunidade é perfeito. Oktoberfest e um assassinato macabro.

Uma ótima ocasião para ir a Kitzbuhel.

Atrás deles, no interior do açougue, o auxiliar da ambulância enfiou a cabeça para fora da geladeira.

— Ei, você aí! — chamou ele. — Pode me arranjar alguém para dar uma ajuda aqui? O cara é mais gordo que Hermann Goering!

Os olhos de Bauer se apertaram repentinamente. Ele tentou mais uma vez agarrar-se à idéia que de súbito lhe voltava à lembrança, quase ao alcance de sua percepção. E novamente a voz de Steinmann desfez a oportunidade.

— Koenig, vá ajudá-los — ordenou Steinmann, pousando a mão no ombro de Bauer. — Venha. Vamos buscar suas coisas e eu o levarei à estação.

— Obrigado.

— Você está pensando em algo — disse Steinmann. — O que é, desta vez: Kitzbuhel ou a fotografia?

Antes que Bauer pudesse responder, Steinmann virou-se para Koenig, que levantava uma extremidade da pesada maca com o cadáver de Heder: — Koenig, traga a fotografia para a Chefatura. É importante para o Inspetor Bauer.

— Sim, senhor — replicou Koenig.

Koenig, o motorista da ambulância e o ajudante carregaram lentamente o volumoso cadáver através da loja.

Steinmann e Bauer fitaram o corpo.

— Cubra o rosto dele com um pano — mandou Steinmann.

Koenig abriu caminho por entre os curiosos, o enorme cadáver foi colocado no interior da ambulância e as portas se fecharam. A ambulância forçou uma passagem entre o povo e seguiu pela praça calçada de lajes, tomando uma avenida larga e bem-iluminada. Os curiosos se dispersaram. Fischer tornou seu carro e foi para casa. Steinmann sorriu.

— Se nos apressarmos, teremos tempo para um copo de cerveja antes da partida do trem.

— Se eu me apressar, mal terei tempo de arrumar a mala — replicou Bauer.

O carro azul e branco da policia freou ruidosamente em frente ao prédio de apartamentos que dava para o escuro Isar.

— Vou subir para ajudá-lo — disse Steinmann.

— Venha.

Bauer abriu a porta do carro e saltou.

— Ou devo esperar aqui?

— Espere.

— Prefiro subir.

A mala meio arrumada estava aberta em cima da cama bem-feita.

— Passe-me isso, está bem? — pediu Bauer, apontando para um isqueiro lindamente trabalhado que estava junto ao cotovelo de Steinmann.

Steinmann examinou o objeto por um instante antes de entregá-lo a Bauer.

— O brasão de Bismarck — comentou, impressionado.

— Ganhei-o na escola. Há muitos anos — disse Bauer, jogando o isqueiro dentro da mala cheia de suéteres e calças, todas da melhor qualidade. — Num concurso de tiro.

— Sim — disse Steinmann. — Você acende o cigarro de uma garota com ele e ela percebe logo que se trata de um homem especial.

As luzes noturnas lá fora pareciam girar no interior do quarto. Então Bauer se deu conta de que um automóvel que passava na rua lá embaixo estava dobrando a esquina. Por algum motivo, aquilo o desorientou. Mas a escuridão voltou a reinar, dando a impressão de reconfortá-lo.

— O que há de errado, Martin?

— Nada. Onde estão minhas meias?

Bauer atravessou o quarto, abriu a gaveta da cômoda de madeira escura e remexeu o interior. Steinmann observou-o da sala de visitas. Bauer parecia desusadamente magro e cansado, uma silhueta no interior do quarto.

— Algo o preocupa, Martin — disse Steinmann. — É o crime?

Bauer sorriu ao regressar à sala.

Escassez de cerveja — respondeu.

— Bem, nisso eu acredito.

Bauer lançou um olhar à passagem no bolso do peito.

Steinmann seguiu-o até a porta, carregando a mala. Bauer deu uma rápida olhada pelo pequeno apartamento e apagou a luz.

Por um instante, tudo foi vazio. Então seus olhos se adaptaram ao escuro e os móveis de metal e vidro nos aposentos, como em tantos aposentos idênticos em toda a Alemanha, deram a impressão de piscar para ele, simples, funcionais, estéreis. Sob todos os aspectos, o apartamento era um reflexo da essência de sua vida, refletiu Bauer; a soma e a substância de seus quarenta e sete anos de existência. Fechou a porta atrás de si e trancou as duas fechaduras.

Caras de palhaços surgiram instantaneamente à luz dos faróis e desapareceram com igual rapidez. O carro teve que desviar para não os atropelar. Um carnaval para o estômago, pensou Bauer com desagrado — duas semanas de ataque ao cérebro e aos intestinos, incompreensível...

O carro tornou a desviar-se, quase derrapando.

— Perdão, senhor — disse Steinmann, olhando para Bauer de seu assento ao volante.

— Por quê? O que há de errado?

— Quase atropeliei aquele músico.

— Nem percebi.

Bauer olhou para trás. Um homem gordo, de colete e chapéu pretos, segurava sua tuba numa atitude defensiva.

Brandiu um punho em direção ao carro que se afastava velozmente, praguejando em altos brados contra eles.

— Isso o despertará — riu-se Bauer.

Steinmann soltou uma risadinha. O panorama passava depressa. As casas velhas, as paredes em mau estado, pintadas de novo, lançavam sombras negras como a morte nas ruas estreitas. Bauer, que nunca se casará, lembrou os tempos de juventude, quando todas as ruas daquele tipo o atraíam como a canção de uma sereia distante, excitando estranhamente sua fantasia masculina...

O carro passava velozmente pela multidão barulhenta.

Rostos Verdes e cor de carne surgiam brevemente às luzes noturnas do centro da cidade. Para Bauer, eram repulsivos. Ou será que ele via neles algo de si mesmo que lhe causava repulsa? Bauer começou a ansiar pelo abrigo alpino como por um retiro religioso. De algum modo, sentia-se necessitado de purificação. Pessoas se apinhavam nas praças, saíam correndo da Opera; carnavalescos riam e cantavam nas escadarias dos grandes prédios de pedra.

As multidões aumentavam em toda parte; os botões, lantejoulas e bordados

brilhavam nas fantasias. Steinmann freou com um gemido de pneus nos fundos da estação rodoviária. Ali, Bauer teve a desconfortável sensação de afogar-se num oceano de rostos. Então movimentou-se e saltou do carro. Alguém atirou uma garrafa em meio à algazarra infernal e o vidro se espatifou em cacos contra uma parede distante, brilhando no ar da noite. Steinmann cutucou Bauer e sorriu.

— Uma ótima noite! comentou.

Capítulo 2

O barulho era espantoso. Todas as linhas da estação ferroviária de Munique descarregavam hordas de passageiros.

Homens de negócios e estudantes, operários, freiras e... turistas... estrangeiros atravessavam em bandos as enormes portas de vidro, formavam filas nos guichês de informações. e câmbio, acotovelavam-se nos bares e entravam nas filas de espera de táxis, passando às ruas feericamente iluminadas de Munique.

Abrindo caminho contra a maré humana, Bauer e Steinmann avançaram lentamente, enfrentando cotovelos e carrinhos de bagagem, austríacos e suíços, em direção à primeira plataforma da segunda linha. Ali, aguardaram pacientemente. À sua frente estavam grupos de excursionistas idosos, munidos de mochilas e bastões, também esperando com paciência. Era impossível conversar naquele barulho.

Bauer sentia uma excitação inebriante, como se mesmo ali milhares de indivíduos se mesclassem numa única massa festiva. Steinmann deu-lhe uma palmada no ombro. No alto, os letreiros brancos se alteraram. Lá na curva, bem devagar, surgiu o trem elétrico para a Áustria, penetrando sob a imensa cúpula de vidro.

O trem parou diante deles. Steinmann abriu a porta e pegou a mala de Bauer. Seguiram pelo corredor até a primeira cabine iluminada e abriram a porta. Lá dentro, uma jovem bonita, de cabelos escuros, estava sentada no banco lendo uma revista. Bauer cumprimentou-a com um aceno de cabeça ao colocar a mala no chão e tornou a sair para o corredor.

— Nada má, Martin — sussurrou Steinmann.

— Nada má, mesmo.

— Você sabe o que dizem: durante a Oktoberfest não existe uma só garota que não...

— Sim, eu sei.

Bem, divirta-se.

Steinmann apertou a mão de Bauer, sorriu e piscou um olho. Com um aceno de mão, afastou-se pelo corredor e desceu do trem, misturando-se à multidão alvoroçada. Bauer entrou na cabine e fechou a porta. A jovem ergueu a cabeça com um olhar frio e desdenhoso.

Bauer sentou-se em frente a ela, junto à janela, ajeitando meticulosamente o vinco das calças pretas. Olhou pela janela e, pela primeira vez, sentiu-se isolado e seguro da multidão tumultuada que se acotovelava ao longo da plataforma da estação. Suspirou com algo que se assemelhava a contentamento e virou-se para estudar a jovem.

Era morena, com ar travesso, faces rosadas e um nariz petulante e arrebitado. Era bastante segura de si mesma, as pernas longas com meias pretas, cruzadas uma sobre a outra. Usava um casaco aberto de *tweed*, tendo por baixo um fino suéter branco. O corpo esbelto parecia acariciar preguiçosamente o assento. Era de origem bávara, uma linda mistura de raças. Bauer tirou do bolso a cigareira de prata.

— *Fraulein?* — ofereceu ele.

Ela não deu sinal de ouvi-lo. Bauer pegou um cigarro, tornou a guardar a cigareira e, pouco à vontade, correu os olhos pela cabine. Era um vagão antigo, datando da época da guerra, com uma prateleira de bagagens de madeira em vez de alumínio, um aquecedor que não funcionava e antiquadas almofadas de plástico verde. O trem deu um solavanco e começou a sair lentamente da estação. Bauer recostou-se no assento e olhou pela janela.

Os escuros prédios quadrados de tijolos passavam pela janela e Bauer pôde ver, além dos *shoppingcenters*, o brilho do recinto da feira na orla da cidade. Várias igrejas passaram, depois uma zona escura da cidade. O trem diminuiu a velocidade. Parou num emaranhado de desvios e pontes. Bauer fechou os olhos. Tentou pensar nas folhas de outono, nas encostas e nos lagos nas cercanias de Kitzbuhel.

Foi despertado por um ruído. Ainda estavam nos desvios.

Levantou-se rigidamente para consultar o relógio. Havia uma atividade crescente no pátio de manobras. Bauer limpou a vidraça e olhou para a escuridão.

Vagões de carga iluminados por holofotes montados em postes telefônicos estavam sendo abertos.

O gado desembarcava em confusão para a plataforma e depois descia as rampas, sendo agrupado por homens munidos de agulhões elétricos. Mugidos de protesto enchiam o ar, chegando até onde Bauer espiava pela janela do trem. Os

olhos dele se apertaram. O gado era tangido pelas rampas, umas reses pisando nas outras, entrando em passagens de arame farpado ou cercas de madeira. Bauer arregalou os olhos e sentou-se atordoadamente no banco.

— Meu Deus — disse ele.

Tinha a testa coberta de gotas de suor. A jovem o observou detidamente, apreensiva. Ele agarrou a mala na prateleira e saiu correndo pela porta da cabine. No final do corredor, abriu a pesada porta de maçaneta de bronze e jogou a mala para fora do trem. A composição começava a avançar mais uma vez, devagar, saindo do espaço iluminado. Então, Bauer saltou.

O relógio no alto da Odeonplatz marcava onze e quinze.

Sob a luz dos postes arqueados, rapazes e velhas esquivavam-se dos bondes, voltando para casa. Bandeiras e faixas azuis e brancas espalhavam-se pelo pavimento. Um soldado francês encostou-se num poste, com vômitos. E durante todo o tempo, policiais cansados mas solícitos guiavam a multidão para fora da praça, em direção às ruas estreitas e aos hotéis e bairros residenciais.

Um carro da polícia parou diante do Palácio da Justiça.

Steinmann e o guarda Koenig saltaram rapidamente, galgaram a escadaria e entraram no enorme prédio ornamentado de esculturas.

O comprido corredor estava escuro a não ser pela luz que jorrava de três portas de vidro fosco, Steinmann e Koenig andaram depressa, seus passos ecoando com um som oco.

Steinmann ergueu a mão em sinal de silêncio e os dois pararam diante do primeiro escritório, escutando.

— Mais uma vez, *Frau* Heder — disse uma voz precisa e monótona. — A senhora não se dava bem com seu marido?

— Isso não significa que eu o matei — respondeu *Frau* Heder numa voz apática, quase agressiva.

— Ele estava a par de seu relacionamento com esse sujeito, Nagle?

— Claro que não. Não sou estúpida.

— Era sua intenção divorciar-se dele e se casar com Nagle?

— Não.

Steinmann abriu vagarosamente a porta. *Frau* Heder estava sentada sob uma única lâmpada pendente do teto. Olga Heder era uma mulher robusta, atraente, de meia-idade. Fora do círculo de luz, a silhueta do homem que a interrogava.

— Depois que a senhora e Nagle mataram seu marido, o que fizeram da machadinha?

— Eu não o matei.

— Quer dizer que seu amante, Nagle, o matou?

— Não faço idéia. É melhor perguntar a ele.

Steinmann fechou silenciosamente a porta.

— Ela é um osso duro de roer — disse Steinmann. Refletiu por um momento. — Ouça, Koenig. Fique aqui, por enquanto.

Se houver alguma novidade, avise-me. Estarei na outra sala de interrogatório.

Steinmann afastou-se tranqüilamente pelo corredor. Parou na luz difusa que saía pela porta de vidro fosco. Tornou a escutar com atenção as duas vozes que vinham do outro lado da porta.

— ... eu não o matei.

— Você era amante da mulher dele.

— Sim, mas... não mataria por isso... O que pensa que sou?

— Você é um homem lógico, Nagle — disse Steinmann ao abrir a porta e entrar na sala.

O gabinete era uma réplica exata do primeiro, só que Nagle, em vez de *Frau Heder*, estava sentado diante de uma mesa sob a lâmpada suspensa. Nagle, um homem magro, retorcia nervosamente a gravata com os dedos e ergueu a cabeça, amedrontado, para fitar Steinmann de pé a seu lado.

— Eis o que você é: um homem lógico continuou Steinmann. — Havia a mulher e o dinheiro de Heder. Você precisava de ambos... e o único meio de consegui-los era matar o marido. Você fez o que tinha que fazer, simples e logicamente.

Nagle sacudiu a cabeça.

— Não... não — gaguejou ele.

— Sim, Nagle — disse Steinmann suave, insistentemente.

— E, fez um bom serviço, aliás. Viu o resultado de seu trabalho?

Nagle encarou Steinmann, calado.

— Dê-me as fotografias de Heder disse Steinmann ao homem no outro lado da mesa.

— Estão com o Inspetor Bauer.

Steinmann fez uma pausa.

— Bauer?

— Sim... Ele as levou para seu escritório.

O Inspetor Bauer está em seu escritório?

— Sim, senhor. Neste minuto.

Steinmann refletiu por um momento, mas não conseguiu entender.

— Prossiga disse ele.

E se encaminhou para a porta.

Uma voz seca e monótona começou: — Mais uma vez, Nagle. Depois que

matou Heder, o que fez da machadinha?

Antes de poder escutar a resposta, Steinmann fechou a porta. Olhou ao longo do corredor. Na extremidade, a luz que saía por uma porta incidia sobre o chão de ladrilho. Steinmann se aproximou e ouviu através da porta de vidro fosco a voz de seu superior, Martin Bauer.

— É de Ludwigsburg? Telefonista? O quê? Oh, ótimo. Sim.

Alô... Dr. Rucker... Sinto incomodá-lo, Dr. Rucker, mas seu nome me foi indicado pelo Inspetor Roedecker, de Bonn... Sim, Roedecker.

Steinmann abriu a porta suavemente. A fotografia da estação ferroviária, alisada e limpa, estava sobre um canto da mesa. Steinmann terminou de abrir a porta e observou Bauer ao telefone.

Não, Dr. Rucker. Meu nome é Bauer. Sou da Polícia de Munique.

Bauer notou a presença de Steinmann e fez sinal com a mão para ele ficar em silêncio.

— Sinto muito, Dr. Rucker, mas não consigo escutá-lo...

Sim, um pouco mais alto, por favor.

Steinmann se aproximou da mesa. Sobre ela estavam fotografias de Heder depois de morto e algumas tiradas antes de sua morte, a maioria do rosto.

— Está muito melhor, Dr. Rucker... Disseram-me que sua agência possui arquivos referentes aos crimes nazistas. É verdade? Ótimo. Estou particularmente interessado em provas fotográficas relacionadas com os campos de concentração.

Steinmann acomodou-se lentamente numa cadeira, olhando para Bauer.

— Não. Fotos. Fotografias dos campos, tiradas no início da década de 40 — disse Bauer, erguendo ligeiramente as sobrancelhas. — Lacunas? Entendo. Onde eu poderia encontrar tais fotografias? — Bauer anotou rapidamente o endereço. — Sim... sim... Rue Geoffrey, 17... L'Asnier, Paris 4. Sim, já anotei... muito obrigado. Muito obrigado, Dr. Rucker.

Bauer baixou vagarosamente o fone, o rosto toldado por reflexões. Após um longo silêncio, Steinmann pigarreou.

— Julguei que o tivesse deixado num trem para Kitzbuhel — comentou baixinho.

— Saltei no pátio de manobras na periferia da cidade.

Bauer levantou-se e pegou a fotografia que tinham tirado da boca de Heder.

— De repente, tudo se tornou claro para mim a respeito desta foto. Ainda não sei exatamente o que significa, mas...

Os olhos de Bauer estavam excitados, apertados pelo esforço de raciocinar. Rodeou a mesa e entregou a fotografia a Steinmann.

— São judeus, Paul — disse ele. — Estão num campo de concentração.

Veja-as. Estão esperando. Confusos. A foto dá essa sensação.

Steinmann continuou sentado, imóvel.

— Não compreende? prosseguiu Bauer. — Lembro-me dessas cenas. Você tem que acreditar em mim. A fotografia dá essa sensação.

Steinmann olhou para a foto durante longo tempo.

Depois, largou-a em cima da mesa. Tirou um fiapo imaginário da calça.

— E daí? — indagou, afinal. — Essa fotografia lhe lembra alguma coisa. Do passado, talvez. Isso é motivo para saltar de um trem e voltar correndo para cá?

— Ela não me lembra, Paul. A foto é de um campo de concentração. Essas pessoas são judeus.

— Não acredito.

Bauer entregou a Steinmann uma antiga foto de Wolfgang Heder.

— Reconhece-o? — perguntou Bauer.

— Claro. É Wolfgang Heder, a vítima.

— Ele lhe lembra alguma outra pessoa?

— Não. Deveria lembrar?

— Ele lembrou ao ajudante da ambulância... Hermann Goering.

Steinmann estudou detidamente a foto.

— E eu concordo — disse Bauer.

Uma certa explosão de riso escapou dos lábios de Steinmann.

— Ora francamente...

— Por que não? Uma fotografia de um campo de concentração. Uma vítima parecida com Goering. Creio que isso resulta em alguma coisa.

— Martin, você...

A porta se abriu repentinamente e Koenig enfiou a para dentro da sala.

— Inspetor — disse ele, alvoroçado. Nagle acusou *Frau* Heder do crime... e ela está pronta para confessar...!

Steinmann largou a fotografia de Heder em cima da mesa.

— Martin — disse ele sorrindo —, vá para Kitzbuhel.

Escale uma montanha.

Frau Heder ria e chorava histericamente, em acessos alternados. Bauer, Steinmann, Koenig, o interrogador e dois guardas uniformizados a rodeavam. O interrogador segurava diante dela um documento datilografado.

— O que diz ele?! — riu *Frau* Heder. *Eu matei meu marido e o levantei — todos aqueles cento e trinta quilos — num gancho? — Um toque de pavor se insinuou em seu riso. — Vo-cês acreditam? Acreditam realmente nas mentiras dele?*

— Não inteiramente — disse Steinmann. — Estamos dispostos a escutar

sua versão do caso.

Frau Heder atirou a confissão no chão, levantou-se e gritou: — Não existe versão!

De repente, sua voz sumiu. Ela olhou em volta para os homens que a encaravam e, numa súplica, a compostura totalmente desfeita, sussurrou para eles num tom de urgência: — Não existe versão! Não entendem que ele diria qualquer coisa para salvar a própria vida? *Ele* matou meu marido, foi *ele*... por causa do dinheiro... e agora tenta envolver-me...!

Frau Heder explodiu em lágrimas e deixou-se cair lentamente na cadeira.

— Não compreendem?

E chorou.

As sombras projetadas pela lâmpada suspensa permaneceram imóveis. Então Steinmann movimentou a cabeça quase imperceptivelmente na direção de Koenig.

— Vá buscar café — murmurou.

Era impossível decifrar a expressão de Bauer. Seu olhar fixava a mulher que chorava diante da mesa. Steinmann pegou-o pelo braço.

— Pela manhã, teremos a confissão dela — disse em voz baixa.

Steinmann abriu a porta e ambos saíram para o corredor escuro e empoeirado.

— Venha — disse Steinmann. — Vou levá-lo de volta à estação.

— Não há outros trens para Kitzbuhel esta noite.

— Bem — sorriu Steinmann —, se estiver disposto, preciso de seu auxílio num projeto muito especial.

Na sala, no interior do círculo de luz, Koenig segurou um copo de papel diante de *Frau* Heder, que soluçava com a cabeça nos braços enquanto os outros homens retornavam suas posições e esperavam pacientemente que ela recuperasse a compostura. Steinmann fechou a porta de mansinho.

MUNIQUE:

O Segundo Dia da Oktoberfest

Capítulo 3

A vizinhança estava às escuras. As folhas de outono eram sopradas lentamente ao longo das calçadas. Uma sensação de névoa iminente se insinuava por entre as árvores. Um Mercedes azul dobrou a esquina oposta. Martin Bauer estava sentado em seu apartamento, descortinando a cidade, à margem do escuro Isar, imerso em pensamentos.

A fotografia, a semelhança do açougueiro com Hermann Goering — uma coincidência de eventos. Por causa dela, Bauer pulara de um trem, correria de volta e fizera papel de tolo. Se tivesse tanta certeza, poderia ter passado um telegrama de Kitzbuhel. Bauer sabia que seu intelecto, um instrumento raro e delicado, falhara. O próprio instinto também falhara, após anos de serviço? Bauer precisava saber, mas agora estava cansado demais para continuar pensando.

— Shhh! — sussurrou Steinmann. — Martin está dormindo.

— E eu também — respondeu uma voz de mulher.

— Não, não está — replicou Steinmann com uma risadínha. — Você está de porre.

— Estou dormindo — ela balbuciou.

Bauer abriu os olhos. No sofá em frente a ele uma mulher loura, com o rosto delicadamente marcado pela fadiga, estava deitada sobre o chapéu e o casaco de Bauer. Suas pernas compridas, sem meias, pendiam do braço do sofá. Ela roncava baixinho. A seus pés, no chão, copos de uísque e pratos de sanduíches.

Steinmann estava parado à porta, nu, recostado no alisar.

Lampejos de luz refletida por uma estatueta de porcelana dançavam no peito dele. Um brilho vago produzido por uma lâmpada na travessa escura entrava pelas cortinas da janela, delineando-lhe o corpo magro e musculoso.

Steinmann olhou para o sofá.

— Ei, Marlene — disse ele. — Acorde.

— Mmmmm...

— Todos estão acordados, menos você — insistiu Steinmann.

— Vá dormir — murmurou Marlene.

Steinmann sorriu outra vez e piscou o olho para Bauer.

— Uma boa pequena — comentou, erguendo a mão num gesto de apreciação.

— Sim. Uma criatura maravilhosa.

Steinmann observou seu superior através da sala. Bauer escovava os cabelos ralos para trás. Depois, procurou os sapatos. Bauer pensava demais, refletiu Steinmann, tentando adivinhar se reflexão era resultado ou coisa do envelhecimento. Riu repentinamente.

— Um dia desses, convidaremos Koenig para um de nossos projetos.

Bauer apertou o nariz com o polegar e o indicador, comprimindo a veia, tentando clarear o cérebro. Marlene, a bebida e todos os acontecimentos da noite tinham-no embotado e, depois, sensibilizado. Seus pensamentos corriam contra a vontade.

Surgiam lembranças e imagens, apresentando-se diante dele sem nada significarem.

— Não pense no assunto — disse Steinmann, sentando-se no sofá, cobrindo-se com o casaco de Bauer e acariciando a perna de Marlene. — Você cometeu um engano. O mundo inteiro não sabe disso.

— Não costumo saltar de trens.

— Esqueça.

— Não ajo impulsivamente, não é mesmo?

— Não.

Bauer sacudiu a cabeça.

— Não compreendo.

Steinmann derramou um pouco de uísque no gelo que restava num dos copos no chão.

— Tome — disse ele. — Uísque americano. Deixe a cerveja para os camponeses.

— Está bem.

Steinmann serviu-se da bebida. Beberam em silêncio. Uma buzina soou na vizinhança silenciosa e, em seguida, vozes roucas gritaram na rua. Um automóvel arrancou com um gemido de pneus.

— A Oktoberfest me amedronta — disse Steinmann. — Piora a cada ano.

— Sempre foi uma época ruim.

— Eles matam, roubam, vão para a cama com a mulher dos outros. É terrível. São animais.

— Já foi pior.

As folhas roçavam na janela e uma névoa fria penetrou livremente na sala. Bauer segurava na mão uma meia preta.

Steinmann ficou satisfeito por distrair o espírito de Bauer.

— Se estiver frio para você, posso fechar a janela — sugeriu Steinmann.

Bauer aquiesceu com a cabeça e estremeceu. Lembrou-se de que no período antes do restabelecimento da Oktoberfest Os homens estremeciam ao seu redor. Fazia um frio fora de época. Munique exalava um hálito gelado. Todas as árvores, com as folhas verdes cobertas de geada, estendiam-se em grandes arcos ao longo do centro e da periferia da cidade. Os grandes trens avançavam lentamente sobre trilhos escorregadios.

— É porque os habitantes de Munique nunca foram civili-zados. No fundo, ainda estão na Idade Média — ecoou a voz de Steinmann, fazendo fundo para os pensamentos de Bauer.

Bauer lembrou-se de que, na ocasião, os soldados trêmulos deitavam-se em caixas de madeira, envoltos em trapos e jornais. Bauer evitava olhar para o sofrimento nos olhos deles, preferindo observar a neve brilhante ao sol da manhã. Com um grande sopro de vapor, um trem chegou vagarosamente ao pátio de manobras improvisado.

— Os americanos estão chegando? perguntou Bauer.

— Como vou saber? — replicou o soldado a seu lado.

Bauer o reconhecera de anos passados. Tinham cursado juntos a Academia de Polícia. Agora, o outro tentava limpar a geada do rosto. Enfiou mais jornais nas botas.

— Claro que estão chegando. O que pensou você — que eles não viriam?

Na terra, os pinheiros de Natal sacudiam sua carga de neve. Os vagões de carga entravam em desvios no outro lado do pátio de manobras. O hálito animal dos homens mais próximos transformava-se em vapor através do couro e dos cachecóis de lã. Homens e cães perambulavam por ali. Então as bombas caíram, destroçando os vagões de carga. Entulho, madeira, relógios e postes de sinalização, todas as entranhas de Munique expostas pelas explosões. Os homens tombavam sobre as pilhas de escombros, e a neve fina como pó erguia-se alegremente por toda parte.

— Cabo — disse Bauer.

— O que é?

— Veja.

O cabo olhou com dificuldade para a poeira de neve que se levantava. Um braço caíra da pilha de madeira e canos, rolando com a mão crispada, descendo lentamente até os trilhos. Civis e soldados afastavam-se vagarosamente dos destroços. Ninguém parecia demonstrar qualquer emoção.

Limitavam-se a andar, flexionando as mãos para aquecê-las e para se certificarem de que a vida ainda fluía dentro delas.

Bauer calçou a outra meia.

— O quê? — perguntou ele, dando-se conta de que Steinmann fizera alguma pergunta ou comentário e ele não escutara.

Steinmann sacudiu a cabeça e se levantou. Espreguiçou o corpo esguio, caminhou até a janela e olhou para a noite lá fora. As folhas coloridas se tornavam úmidas à medida que a vizinhança era coberta por uma densa névoa. A água gotejava irregularmente das árvores. Acima das silhuetas escuras das casas, os letreiros vermelhos dos cafés da Schwabing brilhavam na escuridão. Steinmann refletiu quanto era linda a noite de outono, com Marlene e uísque americano, à margem do usar escuro em Munique.

Bauer se levantou e foi juntar-se a Steinmann na janela.

— Sabe, Paul, houve um tempo em que eles atiravam uns contra os outros nas ruas. Depois da guerra, montei guarda nos trilhos da ferrovia. Atirávamos em vários saqueadores todos os dias.

— Você pensa demais — disse Steinmann. — É um mau costume.

Bauer sorriu.

— Esqueça — disse Steinmann. Beba. Viva. É Oktoberfest.

Um leve ronco partiu do casaco no sofá. Marlene virou-se desconfortavelmente, os braços procurando cobrir os olhos, tentando dormir à luz irreal que vinha da Schwabing.

Os dedos de nevoeiro apertaram-se sobre a vizinhança. A atividade amainou e logo as pedras do calçamento brilhavam sozinhas sob as lâmpadas de rua que pendiam dos fios estendidos entre as árvores. Começou a cair uma chuva fina.

Nos conjuntos habitacionais, os alemães orientais, trazidos aos milhares depois da guerra, também comemoravam a Oktoberfest, mas reservadamente.

E agora, sendo predominantemente operários, dormiam pesadamente por detrás das janelas sem cortinas. Um velho veio caminhando rapidamente pelas ruelas, com a barba crescida, ombros encurvados. Os sinos da torre da Frauenkirche soaram a hora.

O velho apertou o passo, cortando caminho por um canteiro de obras, passando pelos fundos da padaria e se encaminhando para os conjuntos habitacionais.

Ernst Frisch estava atrasado. A coleta de lixo era de madrugada. Certa vez, haviam-no apanhado com uma garrafa de gim no bolso, dormindo no porão. Se o pegassem atrasado, ele teria que viver nas ruas, como um rato. Frisch sabia que

os alemães orientais nasciam e morriam prussianos. Assumiam paulatinamente o controle dos vizinhos, a exemplo dos judeus. Frisch, natural da Baviera, já estava reduzido a manter-lhes as fornalhas em funcionamento. Sentiu-se melhor ao descer os degraus do porão e fechar a porta atrás de si.

Aos 53 anos de idade, Frisch adquiria uma profunda desconfiança da maioria das coisas. Só pedra e aço lhe davam qualquer sensação de confiança. Trabalhando com perícia, rolou os barris de cinzas para a carrocinha de madeira e, de costas, tornou a sair para a noite. As rodas sacolejavam nos degraus de pedra, ecoando ruidosamente. Um repentino movimento do vento revelou uma lâmpada de rua que parecia observá-lo por detrás das folhagens. Ele não fazia idéia da hora. Apressou-se em subir a escada.

Frisch não tinha a intenção de comemorar a Oktoberfest nos pavilhões ou em qualquer outro lugar, pois as multidões enchiam-no de estranha ansiedade. Ainda assim, notou que os alemães orientais que dormiam em fileiras acima de sua cabeça tinham festejado. Agora, ele era o único acordado e trabalhando. Barulhentemente, rolou os barris da carrocinha e os colocou junto à grade de ferro.

Frisch tornou a descer ao porão, pegou uma pá e acendeu a luz. Fechou a porta.

A fornalha era grande e escura, iluminada apenas por uma única lâmpada nua pendente do teto. As sombras se movimentavam na parede. A fornalha era feita de tijolos, com três tubos de ventilação embaixo e grades nos lados e em cima. A cúpula curva era recoberta com uma substância alcatroada e telhas, além de tijolos, e a boca formava uma espécie de lábio, dobrado para baixo de modo a facilitar a remoção das cinzas, com uma pá, para um balde metálico.

Frisch assoou ruidosamente o nariz e piscou os olhos ao fixar o brilho ainda quente no interior da fornalha.

Pequenos montes e pilhas de cinzas brilhavam em tons iridescentes de vermelho e negro, sugerindo formas ainda conservadas. Frisch empunhou a pá e escorregou-a por entre as cinzas macias e desprovidas de resistência. As pilhas se desfizeram sobre a pá. O metal raspou no cimento. Frisch depositou as cinzas no balde. Não percebeu que a porta fora aberta. Continuou a transferir a cinza para os baldes.

Então um vulto saltou sobre ele. A princípio Frisch julgou que fossem os prussianos. Teve então uma sensação terrível e compreendeu que ia ser morto. Escorregou no próprio sangue e caiu no chão, emitindo um grito agudo, alto, feminino. Um líquido quente o sufocou. Ele tateou o chão. Alguma coisa tornou a golpeá-lo e Frisch se desintegrou numa escuridão sinistra e horrível.

A fornalha se tornou fria e úmida. Poças escuras e circulares de água da

chuva se formaram no chão do porão.

Perto das vigas de madeira junto à porta, tentáculos de sangue se estenderam com a água. O sangue permaneceu na superfície, coagulado. O corpo queimado e mutilado de Ernst Frisch jazia sob um cobertor.

— Arranjem-me uma toalha disse Fischer.

Bauer estava em pé, desconfortável, fitando os círculos de vermelho e preto que se infiltravam através do cobertor. O Dr. Fischer se ajoelhou ao lado do cadáver encolhido, afastando o cobertor. A água da chuva encharcara-lhe os ombros do casaco preto, manchando as lapelas.

— Foi um instrumento pesado — disse Fischer. Muito afiado.

Lá em cima, nos apartamentos, operários ainda não vestidos e mulheres envelhecidas trajando roupões observavam a polícia trabalhar lá embaixo. Tinham rostos pálidos e inexpressivos como as janelas do prédio. O nevoeiro se infiltrava por entre as árvores, trazendo um estranho cheiro de carvão e alcatrão. Um gato parou no asfalto brilhante da travessa, uma pata erguida.

— Foi uma machadinha de açougueiro, não foi? disse Bauer.

— Sim. Creio que sim.

Portanto, foi o mesmo homem.

Bauer nada mais disse. Então estremeceu e ajustou melhor o casaco nos ombros.

— Cortes múltiplos das artérias... fraturas completas... — tecido cerebral... — dizia o Dr. Fischer em voz baixa. Koenig, atrás de Bauer, anotava tudo numa caderneta de capa preta. — ... lacerações — acima do olho direito... separação das vértebras...

Bauer saiu para a escada. Limpou o nariz com um lenço, branco. O vento soprava água da travessa para os degraus.

Steinmann, com uma gravata que não combinava com a roupa por causa da pressa com que se vestira, observava Bauer.

— Bem — disse Bauer —, duvido muito que Nagle tenha fugido da cadeia durante a noite para fazer isto.

Steinmann ficou vermelho.

— E duvido que *Frau* Heder tenha bandos de capangas à solta para matar faxineiros idosos — continuou Bauer raivosamente. — Parece-me que conseguimos uma confissão inútil.

Os policiais estavam reunidos em semicírculo diante da porta do porão. Só a água da chuva fazia barulho, escorrendo depressa dos patamares superiores e correndo ao longo das grades de ferro. Os homens sentiam frio no interior das botas e seus hálitos se transformavam em leve vapor.

Pareciam aguardar alguma coisa. Bauer olhou para o canteiro de obras no

lado oposto da travessa, a imensa grua amarela imóvel, fustigada pelo nevoeiro que agora se transformava em chuva.

— Quem o encontrou? — quis saber ele em voz mais baixa.

— Os lixeiros — disse Steinmann.

— Interrogue-os. Descubra tudo a respeito de Frisch.

Vasculhe seu passado... suas tendências políticas durante a Guerra. Entendeu?

— Sim, senhor — disse Steinmann.

Ajeitou o sobretudo em volta das pernas e, encolhendo-se contra a chuva, subiu depressa os degraus até o nível da rua.

— Koenig.

— Senhor?

— Interrogue os moradores do prédio. Descubra quem não quer falar com você. Verifique onde morava o velho. E se ele trabalhava para a Prefeitura, deve haver uma fotografia sua em algum lugar. Eu a quero.

Koenig colocou o boné fonado de plástico na grande cabeça bovina e assentiu. Subiu os degraus em direção aos apartamentos. Bauer refletiu um momento. Fez sinal com a cabeça para que o fotógrafo começasse a trabalhar. Em seguida subiu para o nível da rua.

— Martin.

— Sim?

O Dr. Fischer juntou-se a Bauer, calçando os dedos limpos em luvas de couro forradas de pele.

— Você deve saber que o agressor era muito forte.

— O que quer dizer com isso?

— Tivemos que arrancar o cadáver do interior da fornalha. Normalmente, ele não caberia lá dentro.

Bauer empalideceu.

— O que está acontecendo? Que tipo de animal é esse?

Fischer sacudiu a cabeça.

— Alguém sempre enlouquece nesta época do ano replicou ele. — Acontece.

— Era um pobre velho. Conheço o tipo. Vivia sozinho, sem amigos, sem dinheiro; jogava cartas uma vez por mês. Não há motivos para matar um homem como ele.

— Duvido muito que o motivo tenha relação com o caso — declarou Fischer.

O chuveiro frio dava a impressão de cair em mil e um buracos e esconderijos escuros no canteiro de obras, bem como entre os arbustos e

travessas. Através dos subúrbios, a caminho do trabalho ou dos pavilhões de cerveja, uma dúzia de suspeitos andava circunspectamente fora do alcance da luz verde que girava na capota dos carros da polícia.

Bauer ergueu a mão enluvada. No interior do grande veículo azul, o motorista da ambulância acordou o ajudante e ambos desembarcaram, usando impermeáveis amarelos e carregando uma maca dobrável. Bauer observou-os descer a escada do porão.

— Não gosto disso, Karl — disse ele. — Não gosto da aparência nem da sensação.

Fischer e Bauer ajeitaram os sobretudos e embarcaram no carro da patrulha. Fecharam as portas. Um grupo de escolares portando colagens feitas com folhas de outonos se aproximou, pulando as poças d'água. O carro da patrulha partiu ao longo da comprida rua de asfalto brilhante, em direção ao centro da cidade, as luzes verdes girando, impotentes, no dia cinzento e embaçado.

PARIS:

O Terceiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 4

A chuva acompanhou Bauer até Paris.

Lá, ele olhou pela janela de seu quarto de hotel e viu o tráfego fluindo pelos bulevares. As velhas que vendiam flores nas esquinas escondiam-se em seus abrigos. A umidade enevoadada parecia brotar das calçadas.

Nos quarteirões de edifícios de pedra, homens de camisa branca olhavam desconsoladamente de suas bancas de frutas.

Africanos atravessavam as ruas correndo, os casacos pendurados nos ombros. Todas as cores pareciam escuras e sem brilho. Por detrás de tudo, erguiam-se as paredes verdes da igreja em estilo franco.

O cérebro do Inspetor-Chefe, porém, estava ocupado com dois assassinatos brutais. Sentado na beirada da cama, ele acendeu a lâmpada da mesinha-de-cabeceira. Três fotografias estavam enfileiradas em cima da cama. Wolfgang Heder, a estação ferroviária com o grupo que aguardava, e agora uma velha foto de Ernst Frisch, o faxineiro morto.

Bauer examinou-as pela última vez e guardou-as no bolso interno do paletó. Levantou-se e vestiu o casaco.

Mirou-se no espelho. Escovou para trás os cabelos ralos.

Tinha a aparência de um homem de relevo público. Todavia os lábios carnudos e sensíveis, bem como os olhos escuros e fundos, traíam a existência de um homem mais suave em seu interior. Recuou e examinou-se à luz fraca do quarto de hotel.

Tinha que tomar cuidado, muito cuidado, com o que estava fazendo. Então, saiu de mansinho e desceu rapidamente a escada acarpetada.

— Vamos à Rue Geoffrey, 17 — disse ele ao motorista do táxi.

O táxi percorreu velozmente a cidade, levantando água do calçamento das ruas. Colunas, cafés e água que escorria nas sarjetas passavam com rapidez pelo campo de visão de Bauer, que observava as paredes frias e verdes das igrejas.

— *Monsieur* é novo em Paris?

Mas o Inspetor-Chefe nem escutou. Não ouvia nada. Seus dedos tamborilavam nervosamente na perna da calça e ele apalpou cuidadosamente as fotos que trazia no bolso.

— Chegamos, *Monsieur*. É o Velho Bairro Judeu.

Bauer desembarcou. Era um mausoléu. Uma edificação quadrada às margens do lamacento Sena engrossado pela chuva. Em *Memória do Mártir Judeu Desconhecido*, dizia a inscrição em francês. Na parede da frente também havia inscrições em inglês e hebraico.

A chuva aumentou. Um cilindro de bronze no pátio uma urna funerária — brilhava de água, fustigada pela chuva. O vasto mausoléu branco e acachapado estendia-se por quatro andares abaixo do solo. Um comprido corredor levava aos locais escuros do subsolo.

Bauer hesitou. Então, com o vento soprando suas costas, desceu à cripta.

Uma jovem ergueu a cabeça.

— Bem-vindo ao Monumento da Lembrança — disse ela.

Bauer meneou a cabeça, pingando água do rosto e das roupas. Seguiu a jovem, tencionando falar-lhe, mas ela o conduziu ao interior do edifício.

— Existem seis arcas embutidas nas paredes — disse ela em voz baixa. — Dentro delas estão livros nos quais foram registrados milhares de nomes.

A jovem parou e aguardou que Bauer refletisse sobre aquilo. Manteve-se nas sombras. Bauer observou-a por um instante. Quando ele estava prestes a falar, ela disse: — A cripta no formato da Estrela de David contém as cinzas de vítimas dos principais campos de concentração e da Rebelião do Gueto de Varsóvia.

Bauer parou um momento diante da enorme estrela negra no chão. Uma luz suave iluminava as paredes e o teto. O silêncio era mortal.

— Olhe... veja se existe sofrimento como o meu leu a jovem.

Bauer fitou-a vagarosamente, estudando os olhos escuros e os cabelos da jovem judia.

— É isto que está escrito em hebraico — disse ela baixinho, olhando a inscrição na parede.

Os olhos de Bauer se dirigiram à legenda hebraica gravada acima da estrela negra. Começou a sentir-se decididamente pouco à vontade. Aproximou-se da jovem e sua voz ecoou estranhamente no mausoléu escuro ao indagar: — Perdão. Onde fica o Centro de Documentação Judaica?

A jovem fez uma pausa momentânea e virou-se devagar, dando as costas à cripta que continha as cinzas.

— O senhor terá que subir — disse ela ao chegar novamente à porta. Sorriu, compreensiva. — Pergunte por Isaac Schneer.

— Sim, eu sei — disse Bauer. Muito obrigado.

— Às suas ordens — replicou ela, pegando seu livro sobre a mesa. — A paz esteja com o senhor.

Bauer balançou desajeitadamente a cabeça e subiu depressa a escada. Lá em cima, entrou em outro vasto salão, iluminado suavemente por luminárias fluorescentes quadradas embutidas no teto. Estava deserto. Bauer caminhou lentamente pelo salão, observando as paredes que pareciam observá-lo também.

— Olá.

Bauer virou-se. Um homem idoso o fitava de uma pequena porta. Tinha uma testa saliente e uma pequena deformidade nas costas. Sorria para Bauer, que se aproximou dele.

— Dr. Schneer?

— Sim.

Bauer tirou do bolso duas cartas de apresentação.

— Sou o Inspetor-Chefe Martin Bauer, do Departamento de Polícia de Munique.

Deu ao Dr. Schneer tempo para examinar os documentos, mas o velho se limitou a fitá-lo diretamente, com ar agradável.

— Creio que poderá ajudar-me — disse Bauer.

— Certamente. De certo modo, posso. Sente-se, por favor.

O Dr. Schneer foi até uma cafeteira escondida entre livros encadernados com anéis metálicos e pastas amarradas com fitas marrom-escuro.

— Quer tomar café? Recebemos tão poucos visitantes. E quando eles aparecem, sempre está chovendo — riu o Dr. Schneer. — Por favor, coloque seu casaco em cima do aquecedor.

Bauer sentou-se diante da mesa de trabalho.

— Muito bem, então — disse Schneer. — Antes de tudo, falemos alemão, está bem? Será mais fácil para ambos.

O alemão de Schneer era impecável, embora com um leve sotaque, como se ele o tivesse aprendido numa universidade.

O velho se sentou, limpando as manchas de café no tampo da escrivaninha de madeira. Ergeu os olhos para Bauer.

— Preciso perguntar-lhe, Inspetor Bauer, se o senhor representa seu governo.

— Não. Oficialmente, estou de licença.

— Oh?

— Um caso... me interessou pessoalmente.

O olhar de Schneer atenuou-se ligeiramente por detrás das grossas lentes.

— O senhor procura alguém? Um amigo, talvez?

— Não. Não se trata disso.
— Duvido que esteja tentando localizar um parente.
— Dr. Schneer, eu quis apenas dizer que estou profundamente envolvido no caso.

— Entendo.

Bauer teve a impressão de que os olhos azuis assumiram uma expressão mais dura. Não obstante, o Dr. Schneer continuou a fitá-lo com a mesma cortesia amistosa e desinteressada. Bauer começou a sentir-se pouco à vontade.

Seus dedos tremiam ao tirar do bolso interno do paletó as três fotografias.

— Preciso de certas informações referentes a essas fotos — disse ele. — Creio que o senhor talvez as conheça, ou as possua em seus arquivos.

Schneer pegou as fotos. Tirou os óculos e ergueu a fotografia de Heder. O sorriso azedo do açougueiro refletiu a luz.

— Uma fisionomia tipicamente germânica — comentou Schneer.

— Teria alguma semelhança com alguma pessoa famosa do passado?

Schneer olhou outra vez a foto.

— Alguma pessoa infame do passado? — sugeriu Bauer.

— Hermann Goering?

— Precisamente. Hermann Goering.

— Sim, existe uma remota semelhança.

Bauer empurrou para Schneer a segunda foto.

— E essa? — indagou Bauer.

Schneer pegou a fotografia da estação ferroviária.

— Parece-me um grupo de judeus numa estação de trem.

Principalmente pela expressão dos rostos. Uma espécie de... espera. Descrença. Típicas roupas alemãs de trinta anos atrás.

Schneer tornou a erguer os olhos e prosseguiu: Mas não existem emblemas, armas, guardas, letreiros ou nomes em lugar nenhum. Poderia ser mera coincidência fotográfica.

O sobretudo de Bauer, colocado sobre o aquecedor emitia vapor e aumentava a umidade ambiente. Bauer suava profusamente. Sentia que sua missão estava resultando em fracasso. Ampliações fotográficas de judeus moribundos afixadas às paredes amarelo-claro do salão pareciam confrontá-lo pessoalmente. Bauer passou as pontas dos dedos pela testa.

— Dr. Schneer, se isso *fosse* um campo de concentração e os judeus tivessem acabado de desembarcar de um trem, que campo seria?

Schneer ergueu uma sobrancelha e tornou a estudar a estação ferroviária.

— Se fosse esse o caso — respondeu ele, pensativo —, a julgar por aquela torre ali... está vendo?... eu diria que uma torre como aquela aparece em muitas

fotografias de Auschwitz.

— Poderia estender-se um pouco mais sobre o assunto, Dr. Schneer?

— Certamente. Está vendo essa rampa? Existia uma como ela na estação de Auschwitz, que foi modificada e ampliada em 1944 para acomodar um número maior de judeus. Aqui está uma típica construção alemã, está vendo?

— Sim — disse Bauer com voz sumida.

— Mas talvez não seja nada disso. Nós pulamos para uma conclusão.

— Sei disso, Dr. Schneer.

Bauer indicou com um gesto de cabeça a terceira foto.

— Poderia examinar aquela, por favor?

Schneer estudou a velha fotografia de Ernst Frisch, que parecia fitá-lo com ar arrogante. Frisch sorria, deixando à mostra dentes pontudos e separados. Antes de ser assassinado, Frisch fora magro, com olhos estreitos e penetrantes. Schneer sacudiu negativamente a cabeça.

— O senhor não faz idéia?

— Nenhuma.

Schneer continuou a examinar a foto de Frisch, mas sem resultado.

— Sinto muito — disse ele afinal. Levantou-se, com as costas dobradas num ângulo, e esfregou os olhos, — Sabe, Inspetor, minha memória se apagou um pouco com a idade. Os rostos ficam indistintos ou desaparecem por completo... É algo que às vezes me proporciona muita paz.

Bauer também se levantou. Andaram juntos até a porta.

— Ainda, tenho um assistente que está escrevendo um livro e possui excelente memória.

O Dr. Schneer fez sinal para que Bauer aguardasse onde estava. Enfiou a cabeça pela esquina do corredor e chamou alguém.

— Sr. Picard — disse ele. — Quer fazer o favor de vir aqui?

Soaram passos no corredor. Um homenzinho bem-arrumado, sorrindo nervosamente, surgiu à porta do salão.

Bauer observou-o cuidadosamente. O sujeito parecia jovem, mas era morbidamente pálido.

— Sr. Picard — disse Schneer —, este é o Inspetor Bauer, da Polícia de Munique.

A mão miúda de Picard apertou a de Bauer e os olhos escuros se fixaram nos do Inspetor.

Inspetor? — repetiu Picard.

Sim — confirmou Bauer.

— De Munique? — perguntou Picard. Algo no tom de sua voz deixou Bauer ainda menos à vontade. — A cidade da arte e da cultura, não é mesmo?

— Já foi chamada assim disse Bauer.

Só então Picard soltou a mão de Bauer.

— O Inspetor Bauer precisa identificar uma fotografia — disse o Dr. Schneer. — Talvez você conheça esse rosto, não?

Schneer segurou diante de Picard a foto de Frisch. Um tanto embaraçado, Picard forçou a memória para descobrir alguma semelhança. Bauer viu os olhos miúdos se imobilizarem e, depois, se arregalarem ao reconhecerem a fisionomia. Mas Picard devolveu a foto.

— Nada? indagou Schneer.

— Nada — respondeu Picard.

— Tem certeza? — insistiu Bauer.

— É claro.

O Dr. Schneer se voltou para Bauer.

— Sinto muito — disse ele. — Talvez nos lembremos mais tarde. Pelo menos o Sr. Picard pode verificar para o senhor nossos arquivos de Auschwitz em relação a fotografias da estação. Talvez alguma delas se pareça muito com a sua.

— Muito obrigado — disse Bauer, — Eu ficaria devendo um grande favor.

O Dr. Schneer vestiu um comprido sobretudo cinzento e pegou seu guarda-chuva.

— Agora, preciso ir — disse ele. — A idade cobra um preço alto e hoje em dia eu só trabalho meio expediente. O Sr. Picard cuidará do senhor.

— Agradeço-lhe mais uma vez, Dr. Schneer.

Bauer fez uma breve e correta inclinação de cabeça.

Schneer observou-a e trocou um olhar com Picard. Depois, retribuiu o simulado cumprimento e preparou seu guarda-chuva.

— Bom-dia, Inspetor — disse ele. E saiu.

Picard foi até os arquivos de metal. Bauer observou os dedos finos manusearem as pastas. O Inspetor se aproximou, vendo de relance as fotografias: chaminés, cercas de arame farpado. Picard lançou-lhe um olhar sombrio.

— A luz, senhor.

— Perdão — disse Bauer, afastando-se.

De onde estava, Bauer viu braços e pernas esqueléticos passarem rapidamente sob os dedos de Picard no interior da gaveta metálica. O Inspetor tentou não olhar e, afinal, Picard fechou violentamente a gaveta, com um som que ecoou através do mausoléu.

— O senhor perceberá a semelhança — disse Picard, entregando a Bauer a fotografia de uma estação ferroviária.

— Sim, é claro. Isso é Auschwitz?

— Auschwitz.
— Pode me arranjar uma duplicata?
— Naturalmente. Picard foi a uma copiadora xerox com a marca 4000 Convenience Copier. O aparelho emitiu um zumbido.
— Quem é aquele homem? — quis saber Bauer.
— Que homem, senhor?
— O homem na foto.
— Não sei, senhor.
— Sabe, sim.

Picard permaneceu calado. Abriu bruscamente a gaveta do arquivo e tornou a guardar o original da foto da estação de Auschwitz, entregando a cópia a Bauer. Depois, seus olhos fitaram os do Inspetor com o ódio mais violento que Bauer já vira.

— Eu disse que não, senhor.

Bauer perdeu-se nas poças de escuridão dos olhos do homenzinho. Uma espécie de magnetismo prendeu-o ali.

Depois, Bauer se afastou para apanhar suas três fotografias em cima da mesa e guardá-las no bolso interno do paletó.

Então, dobrou o sobretudo sobre o braço.

— O senhor poderia me ajudar muito...

— Não o ajudarei, Inspetor.

Finalmente, Bauer ficou calado. Encaminhou-se à porta, sentindo que Picard o observava. Então, virou-se.

— Seus arquivos estão abertos ao público?

— Não existe duplicata daquele rosto em nossos arquivos.

Bauer olhou através do salão ladrilhado para o homenzinho parado à porta do escritório. Picard exibiu um sorriso estranho.

— Terá que ir a Israel, Inspetor.

— Israel?

— Sim — respondeu Picard, de pé à meia-luz, a voz ecoando pelo mausoléu e os reflexos das luzes vibrando sutilmente nas paredes. Os arquivos mundiais estão em Israel.

Com todos os rostos.

Bauer vestiu o sobretudo, vendo a luz do dia lá fora.

Sentiu a presença de Picard às suas costas, embora à distância. Então, colocou o chapéu, abotoou o sobretudo e tornou a sair energicamente para a luz cinzenta do dia. A chuva fustigava o tráfego que passava por ele. O barulho da cidade o engolfou.

Desesperançado, Bauer tentou lembrar-se do que fizera de errado. Abordara

Picard de modo incorreto e agora os arquivos de Paris estavam fechados para ele. Não obstante, Picard sabia algo a respeito de Frisch. Bauer tinha certeza disso.

— *Monsieur?*

Bauer ergueu os olhos.

— Seu café.

— Obrigado.

Vários parisienses estavam sentados sob o desbotado toldo vermelho do café ao ar livre. A chuva caía desconsoladamente dos toldos, pingando nas calçadas, avenidas e vasos de samambaias. A rua em frente ao café era lavada por uma torrente de água limpa. O garçom parecia meditar sobre a cena.

— Está frio — comentou o garçom.

Bauer concordou.

— São os americanos. Trazem o frio com eles. Trazem com eles tudo de ruim — disse o garçom.

Bauer tornou a concordar com a cabeça.

— Não quer bolo com o café?

— Não, obrigado.

O garçom se foi, tornando a entrar no café em direção à cozinha e às outras mesas forradas com toalhas vermelhas.

Velhos sentados às mesas mais afastadas jogavam xadrez.

Pareciam a Bauer os velhos judeus que freqüentavam os cafés da Schwabing antes da guerra, entrando a intervalos para tomarem café forte, com tabuleiros de xadrez e jornais sob o braço.

— O senhor deseja mais alguma coisa?

— Não.

Bauer pagou a conta e saiu.

Caminhou sob a chuva que amainava, perambulando pela cidade cinzenta, pensando. As luzes das ruas tinham-se acen-dido cedo, criando pequenos focos luminosos no nevoeiro. As pessoas — vultos sombrios — andavam vagarosamente nas pontes. Bauer caminhou até sentir-se mais frio, de cabeça fresca, controlado.

Um trem passou vibrando sob seus pés. Olhando para baixo, avistou sob a ponte o trem de carga que demandava o pátio de manobra, rodando sobre os trilhos brilhantes e desaparecendo na cortina de névoa. Bauer observou o pesado trem comprimir os trilhos contra a terra, bem como a água que escorria pelas agulhas dos desvios das linhas. Sempre soubera por que motivo saltara do trem em Munique. E agora a cópia da fotografia em seu bolso vinha confirmar tudo.

Ele fora soldado na frente russa. Estavam regressando, no final da

desastrosa campanha. Os homens ocupavam a cabine do trem como sardinhas em lata, balançando e sacudindo como alquebrados fantoches a cada solavanco do trem.

Bauer, sentado à janela, olhava para fora, um jovem cujo rosto ainda não se acostumara à lâmina de barbear. De repente, um vagão de carga com paredes de madeira e vapor escapando pelas laterais passou na mesma direção.

— Judeus — disse alguém. — Judeus.

Bauer não compreendeu. Então os trens diminuíram a velocidade e pararam. Os pinheiros pareciam sacudir a água da chuva torrencial. Guardas e ferroviários andavam entre as rampas, na lama. No lado oposto do pátio de manobras, o outro trem estava parado, entre vagões de carga isolados e pilhas de carvão.

— Vejam! — gritou alguém.

Os vagões de carga se abriram. Em vez de gado, deles saíram pessoas. Vinham em grupos compactos, com as mãos na cabeça. Esperaram, hesitantes. Os guardas então as empurraram pelas rampas.

— Judeus — repetiu alguém.

Bauer olhou em volta, para os homens que ocupavam a cabine. Eram prematuramente envelhecidos, com uma sombra da morte já em seus olhares. Alguns fitavam o chão, tossindo e cuspidando, outros fitavam o vácuo. Bauer virou-se outra vez para a janela. Os judeus já formavam um cortejo que passava silenciosamente pelos pesados vagões de carga parados no pátio, a caminho dos acessos cercados e das torres distantes.

— O que é isso? — perguntou Bauer.

— Vão para Birkenau, o campo de extermínio — disse uma voz rouca vinda de cima.

— O que está dizendo? Um campo de extermínio? — retrucou Bauer. — É um campo de trabalho! Fábrica de munições!

O Capitão soltou uma risada áspera e amarga e todos os imitaram. O trem começou a avançar mais uma vez. Ao passar pela estação, Bauer viu o letreiro: Auschwitz.

Auschwitz, pensou Bauer, agora mais velho, parado na ponte em meio ao nevoeiro. Era noite. As luzes refletiam, nas calçadas e no pavimento.

Bauer se deu conta de que o caso o arrastava de volta a lembranças que ele há muito esperava que estivessem mortas.

Agora, porém, constatou que estavam, muito vivas e desconcertantemente nítidas. Ele se lembrava de ter baixado a cortina da janela do trem. Baixara a cortina e a amarrara com o cordão à parte inferior da esquadria. Que outra coisa

poderia ter feito?

Bauer caminhou de volta ao hotel. O desalento lhe pesava ao percorrer as ruas estreitas cheias de névoa. Sentiu mais do que viu os gatos que remexiam nas latas de lixo e caixotes de verduras. O nevoeiro parecia dobrar as esquinas.

Já não havia dúvida de que Frisei fora um nazista ou se parecia com algum deles. Mesmo a contragosto, Picard se traíra. Parecia haver uma ligação, mas não existiam provas.

Bauer precisava de provas.

Abriu a porta do hotel. Subiu a escada e destrancou a porta do quarto.

Tentou lembrar-se de quanto dinheiro ainda lhe restava.

Sentou-se na beira da cama e examinou os canhotos do talão de cheques. Não era fácil para ele, mas nada mais poderia fazer. Tirou os sapatos e despiu-se. As luzes vermelhas da rua que penetravam no quarto iluminavam intermitentemente as paredes. Deitou-se, decidido a fazer o que era preciso.

Enquanto permanecia ali deitado, à noite, a ansiedade deu a impressão de brotar do escuro e dominá-lo. Até mesmo Picard parecia estar ali, fitando-lhe os olhos. E trens velozes.

Um pesadelo horrível, no qual também Heder surgia, ensangüentado, segurando fotografias. O rangido de um bonde nos trilhos acordou Bauer.

Ainda era noite. Bauer olhou para o teto escuro. Sentiu-se no fundo de uma espécie de poço. Refletiu se sabia exatamente o que iria arriscar. Tentou fechar os olhos.

Procurou dormir. Mas pensamentos indesejáveis lutaram contra ele durante a noite inteira.

ISRAEL:

O Quarto, Quinto e Sexto Dias da Oktoberfest

Capítulo 5

— Você verá que Israel é o país mais estimulante do mundo. Nem mesmo sou judeu, de modo que falo sem preconceitos.

— Claro — disse o homem, rindo repentinamente. — Todos lá são malucos. Talvez seja por isso que me sinto tão à vontade.

Bauer sorriu.

A maioria dos passageiros dormia no avião iluminado por um sol brilhante. Uns poucos liam revistas ou olhavam sonolentemente pelas janelas. Lá embaixo, na superfície faiscante do Mar Mediterrâneo, uma ilha se aquecia ao sol. A poeira se erguia nas estradas, embora não houvesse um único veículo à vista. Os contornos da ilha eram brancos, em linhas concêntricas de espuma das ondas que se quebravam no litoral.

— Naturalmente, depois do que os alemães lhes fizeram, não se pode culpá-los por serem malucos — acrescentou o homem.

Bauer virou-se devagar para olhá-lo. O sujeito fechou os olhos, seus lábios se relaxaram confortavelmente e ele mergulhou num sono leve.

Sob a asa do avião, uma comprida e baixa faixa verde se projetava no mar, e atrás dela um longo trecho de deserto pardacento. O jato descreveu uma curva e desceu barulhentemente no Aeroporto de Lod. De repente, Israel dava a impressão de haver subido. Real, quente e movimentada no Oriente Médio.

Bauer viu-se estranhamente sem objetivo. Desceu do avião carregando sua maleta de mão e se encaminhou para dois soldados israelenses que guarneciam a entrada do terminal de desembarque. Mais uma vez, teve dúvidas quanto ao acerto de sua vinda.

— Quanto tempo vai ficar em Israel?

— Dois dias. Três.

— Três dias?... O que poderá ver em apenas três dias?

— Yad Vashem.

— Três dias no Yad Vashem? Para quê?

— Tenho negócios a tratar lá.

O guarda se voltou para os colegas. Trocaram rápidos comentários em hebraico e depois riram.

— Vai passar três dias inteiros no Yad Vashem? perguntou o guarda, colocando a mão no peito. — Não creio que gostará.

O guarda sorriu, os dentes brancos brilhando sob o bigode caído nos cantos, e devolveu o passaporte a Bauer.

— *Shalom*, Inspetor.

Assim Martin Bauer entrou no Estado de Israel. Confuso, atravessou o pequeno terminal, abrindo caminho quase à força entre a multidão que o comprimia por todos os lados. A polícia o guiou até um táxi e ele aguardou no interior do veículo estacionado em frente a um milharal. Quando o táxi se encheu de homens corpulentos que usavam saias e um homem de negócios com

um fez, o motorista deu a partida, percorrendo a estrada que levava a uma ampla rodovia, e começou a longa e vagarosa subida pelo caminho de Jerusalém.

Martin Bauer, com a valise no colo, apreciava o panorama de Israel. Fileiras e fileiras de plantações iam ficando para trás, espalhando-se pelo terreno, e povoações brancas castigadas pelo sol eram avistadas de relance entre pequenos bosques nas colinas. O ar refrescou pouco a pouco e o azul do céu se tornou mais profundo à medida que o táxi subia em meio às árvores. As colinas, escurecendo-se ao sol poente, erguiam-se como cobras em frente ao Mediterrâneo.

O motorista permanecia calado, limitando-se a escutar o rádio. Dois homens de saias discutiam algo num tom de voz cortês e agradável. Bauer observava o panorama. O terreno se transformara no solo seco e poeirento que ele imaginara existir na Terra Santa. As filas e filas de pedras brancas tornavam-se habitações primitivas, com carneiros entre as rochas, grutas nas encostas e soldados marchando na estrada.

O deserto perdeu o último vestígio de calor. Quase ao cair da noite, surgiram os primeiros apartamentos modernos, brancos como ossos, na periferia de Jerusalém.

Bauer saltou do táxi. Raças estranhas levavam suas cargas pelas ruas, europeus carregando malas e judeus orientais suportando o peso de sacos de cimento ou de trigo por meio de tiras passadas, na testa. Mercarias ocupavam prédios quadrados de concreto e judeus ortodoxos de chapéus e casacos negros, com tranças nos cabelos compridos, andavam em grupos pelas ruas mal conservadas. Bauer afastou-se para um lado, deixando-os passar. Parou um instante, com a valise na mão, a observá-los. Não tinha certeza a respeito do que lhe aconteceria.

Soldados judeus, fardados, caminhavam energicamente pelas ruas, metralhadoras portáteis a tiracolo. Então o frio do deserto começou a fazer efeito em Bauer e ele se encaminhou a um hotel grande mas de preço moderado.

O Inspetor entrou no saguão tranqüilo. Com uma sensação de alívio, viu um letreiro em alemão na banca de jornais e revistas. Estava muito calmo lá dentro, e apesar do frio que pairava no ar um ventilador preto rodava preguiçosamente no teto. Senhoras européias estavam sentadas nas poltronas e sofás do saguão, e Bauer lhes lançou um olhar de relance ao entrar. Aproximou-se do balcão da recepção. Um judeu idoso ergueu os olhos.

Bauer hesitou.

— O senhor fala alemão? indagou ele, afinal.

— Tão bem quanto o senhor respondeu o velho.

— Ótimo. Preciso de um quarto por duas ou três noites.

— Duas ou três noites. Muito bem.

O velho examinou o livro de registro de hóspedes.

Enquanto ele o fazia, Bauer fitava-o. Uma fisionomia obviamente judia, do tipo que se desenha em caricaturas na parede, com o nariz volumoso e o queixo redondo que se emenda aos ombros sem ter um pescoço. O tipo de rosto que costumava aparecer nos cafés da Schwabing à procura de um parceiro de xadrez.

O velho tornou a levantar a cabeça.

— Há algo errado?

— Perdão.

— Quarto 27. No fim do corredor.

Bauer andou pelo corredor comprido e deserto. O último brilho do crepúsculo lançava luz através das venezianas na extremidade do corredor, as listras iluminadas se alongando pelas paredes. O silêncio era incrível. Bauer teve a rápida impressão de que era possível viver ali durante longo tempo — talvez para sempre — em perfeita paz.

Destrancou a porta. O quarto era razoavelmente moderno, simples. O banheiro era de estilo europeu. Fresco e limpo.

Aliviado, Bauer depositou a valise sobre a cama e começou a afrouxar a gravata.

— Seu rádio, senhor.

Sem ser convidado a entrar, o velho recepcionista atravessou o quarto e colocou sobre a mesa-de-cabeceira um velho rádio de caixa de madeira. Ligou-o na tomada.

— É velho mas tem bom som — declarou.

— Diga-me uma coisa disse Bauer —, o que acontece à noite em Jerusalém?

O velho hesitou.

— O senhor pergunta como Inspetor ou como cidadão comum?

Bauer riu.

— Cabarés, diversões, coisas assim.

— Ahh! Coisas assim...

O velho foi à janela. Afastou as macias cortinas vermelhas e apontou para a rua através das folhagens.

— Está vendo lá embaixo a Rua Ben Yehuda e, seguindo por ela, o cruzamento com a Rua Herzl? Ali o senhor encontrará cinemas, cafés, tudo o que desejar.

Bauer olhou para a cidade. Muros de tijolos pardos serpenteavam pelos vales de pedras brancas e, nos recintos delimitados por eles, as cúpulas e torres da Velha Jerusalém.

As estrelas começavam a surgir acima das palmeiras. Os caminhões levantavam poeira ao passarem pela enorme Porta de Jaffa.

— E mais além? — indagou Bauer.

— Mais além? O senhor está olhando para o centro sagrado do mundo, Inspetor — respondeu o velho. — À direita, fora das muralhas, o senhor vê o Monte Sião. A Última Ceia. O Rei David está sepultado lá. À esquerda, o seu Cristo foi crucificado.

Bauer teve a estranha sensação de já ter visto antes aquela cena. Talvez nas gravuras góticas que vira nos museus estatais.

— Onde fica o Yad Vashem? perguntou o Inspetor.

— Yad Vashem?

— Os Arquivos.

— Sei o que é o Yad Vashem disse o velho. O senhor não pode ver daqui. Está no mapa turístico em sua mesa-de-cabeceira.

Bauer sentia o cheiro da distante poeira do deserto e um leve aroma do capim que cobria as colinas no interior da cidade. Badalos de ovelhas soavam levemente ao longo da rua enquanto o rebanho, que ainda não aparecera no campo visual do Inspetor, subia pela estrada.

— Por que um homem distinto como o senhor iria ao Yad Vashem?

— Tenho negócios a tratar lá respondeu vagamente Bauer.

— Não vá disse o recepcionista. — Não será bom para o senhor. Deixe os mortos continuarem mortos.

— Não tenho opção.

— Então, trate de prevenir-se.

— Já o fiz.

O velho sacudiu os ombros.

— Como queira — disse ele. Mesmo assim, acho que é melhor para o senhor comprar couro na Cidade Velha.

O velho saiu do quarto, andando silenciosamente pelo carpete surrado que forrava o chão do corredor.

Bauer lavou meticulosamente as mãos e o rosto com água fria. Uma espécie de odor de poeira se infiltrava no quarto. O barulho do tráfego, o ronco dos caminhões que passavam transportando pedra britada, estimulavam-no.

O ar estava bastante frio quando Bauer saiu do hotel.

Jovens marroquinos sentavam-se nos gradis, usando camisas cor de alfazema e calças pretas bem justas. Grupos de judeus europeus entravam e saíam ruidosamente dos restaurantes aquecidos. Soldados andavam pelas ruas, rindo alto. Bauer fez uma rápida refeição num restaurante apinhado de gente. Sem perceber a princípio, sentiu-se escorregar lentamente para um vácuo.

Começou então a se dar conta do óbvio: não estava preparado para o Yad Vashem e de modo algum poderia preparar-se.

Pagou a conta e, com uma crescente sensação de receio, andou vagarosamente de volta ao silêncio do hotel.

O tráfico matinal amainara. A poeira voltara a pousar no calçamento da rua. Só na rua principal os funcionários de camisa branca entravam nos enormes prédios de arenito, passando pelas sentinelas armadas. Bauer esperou sob o sol quente. Espirais de ondas de calor levantavam-se do calçamento e dos telhados das casas de pedra. Afinal, um carro preto com uma faixa quadriculada logo abaixo das janelas contornou a curva da rua e parou diante de Bauer. Ele abriu a porta e embarcou.

— O Monte da Lembrança.

O Inspetor observou as casas de teto chato que ficavam rapidamente para trás. Suas palmas suavam de encontro às calças pretas. Não obstante ele sentia frio. Crianças marroquinas brincavam em pátios parcialmente edificadas, manipulando trapos e pequenas pás, tisonadas pelo sol quente.

Acima delas, os operários trabalhavam no acabamento dos apartamentos. O sol produzia um forte brilho branco, quase uma névoa alva no céu sem nuvens.

— Aqui estamos, senhor disse o motorista.

No alto da colina chamada Monte da Lembrança existia um bosque chamado Bosque do Gentio Justo, pois em cada árvore estava pregado o sobrenome de alguém que abrigara judeus durante o Holocausto. Bauer atravessou o bosque com o vento a lhe soprar os cabelos.

Sua sombra passava por entre as sombras das árvores.

Muito acima de Jerusalém, outros peregrinos se juntaram a ele, vindos silenciosa e tristemente ao monumento, caminhando em grupo através do bosque. Bauer parou um instante.

Além do bosque, erguia-se o Monumento. Era uma tosca lápide num pátio de pedra; uma cabana robusta e simples.

Sentinelas postavam-se ao lado do monumento que refletia a luz, brilhando acima das colinas da Judéia.

Ali, ao lado e abaixo do Monumento, existia um baixo edifício branco. Os Arquivos. O mais completo centro de informações do mundo sobre o Holocausto. Bauer parou diante do prédio, em frente às santas colinas e planícies cheias de pedras brancas e castigadas pelo sol. Apalpou as quatro fotografias que trazia no bolso interno do paletó.

O Inspetor desceu em direção à pequena abertura negra e entrou.

O interior dos Arquivos era bem-iluminado. Lâmpadas fluorescentes

brilhavam suavemente no teto. O leve zumbido do aparelhamento de ar condicionado soava através dos enormes salões. A luz do sol não penetrava ali; só a luz suave e imutável das lâmpadas no teto iluminava o ambiente. Um velho, sentado à mesa de trabalho na extremidade oposta do salão, debruçava-se sobre manuscritos, fazendo anotações em seu próprio caderno.

Bauer caminhou ao longo das fileiras de estantes metálicas. Fileira após fileira de volumes encadernados em plástico, manuscritos em couro, documentos arrumados em prateleiras mais altas que a cabeça do Inspetor. De onde se encontrava, ele não conseguia ver o final das estantes.

Fotografias em invólucros de couro, com os títulos em hebraico, grego, russo, alemão, passavam acima de sua cabeça à medida que ele andava ao longo das estantes. Bauer tirou o chapéu. Na outra extremidade do salão, encontrou um jovem de jaleco branco.

O jovem ergueu a cabeça e sorriu.

Bauer pigarreou.

— Com quem posso falar?

— Alemão? Um minuto, por favor.

O homem desapareceu. Bauer, de pé sob as luzes com o chapéu na mão, começou a sua outra vez. Uma desalentadora sensação de frio. Soaram então passos no corredor. O jovem retornou, acompanhado de um homem atarracado com cabelos brancos, braços e peito musculosos. Os olhos azuis do homem cintilavam.

— Sou Cohen.

— Sou Martin Bauer...

O Inspetor exibiu seus papéis.

— Por favor, venha ao escritório disse Cohen.

Caminharam pelos corredores até o mais profundo recôndito dos Arquivos. As forças fugiam às pernas de Bauer.

Cohen conduziu-o a um pequeno escritório com mapas nas paredes e letreiros em hebraico. A mesa estava incrivelmente entulhada de papéis.

— Tire o paletó, por favor — disse Cohen. Precisa aprender a usar roupas mais frescas aqui.

Bauer prestou atenção à linguagem do homem. Era o tipo de alemão que uma pessoa aprende por conta própria, uma linguagem rude, de rua. Cohen preparou café. Finalmente, ergueu os olhos.

— O que deseja dos Arquivos?

— Gostaria de algumas informações disse Bauer.

— Sente-se, por favor — convidou Cohen.

Bauer retirou do bolso interno do paletó a fotografia de Ernst Frisch.

— Preciso saber quem é esse homem, se tem um passado nazista ou se é muito parecido com alguém que o tivesse.

— Por quê? Está caçando criminoso de guerra?

— Não. O homem foi encontrado morto em Munique na semana passada. Julgamos que sua morte possa estar relacionada com um suposto passado nazista.

Cohen ergueu uma sobrancelha e terminou de tomar o café.

— O que o faz pensar assim, Inspetor?

— Outro homem foi morto da mesma maneira e se parecia muito com um conhecido personagem nazista.

— Não é muito para se trabalhar comentou Cohen.

— Encontramos uma fotografia da estação ferroviária de Auschwitz na primeira vítima.

Cohen meneou afirmativamente a cabeça.

Serviu-se de outra xícara de café e ofereceu ao Inspetor, mas Bauer recusou. Cohen estendeu a mão para seu maço de cigarros, que estava sobre a mesa, e acendeu um. Apagou o fósforo com um sopro da fumaça do cigarro.

— Como sabe que se trata de Auschwitz? perguntou ele.

— Consegui corroboração em Paris. No Centro de Documentação Judaica.

— Sim. O Dr. Schneer.

Cohen recostou-se na cadeira.

— Bem, nossos arquivos estão abertos à consulta pública, Inspetor. Posso ajudá-lo pessoalmente e disponho de uma boa equipe de auxiliares.

— Obrigado.

— Levará algum tempo, porém, mesmo que limitemos a busca aos arquivos sobre Auschwitz. Existem milhares de fotografias. Algumas delas não são nítidas. E o tempo altera a aparência das pessoas.

— Sei disso.

— De quanto tempo o senhor dispõe?

— Dois ou três dias.

Cohen sacudiu a cabeça.

— Impossível declarou. — Tem idéia do tamanho dos arquivos?

— São muito volumosos, suponho...

— Incrivelmente volumosos. Poderia levar semanas, meses. Ademais, o senhor possui tão poucas informações para nos orientar. Apenas a foto de um homem que o senhor não sabe se esteve em Auschwitz ou se era parecido com alguém que lá esteve.

— Entendo a dificuldade, mas não possuo outros indícios.

As ruas de Munique estão apinhadas de milhares de pessoas dançando,

bebendo... É a Oktoberfest... e...

— Eu sei, Inspetor disse Cohen. Conheço a Alemanha.

Cohen levantou-se e Bauer o imitou. O Inspetor pegou a fotografia de Ernst Frisch. Cohen olhou para ele e depois esfregou os olhos.

— Bem, comecemos imediatamente — sugeriu. O senhor terá o serviço de luxo, embora eu não creia que consiga encontrar o homem em apenas três dias.

Cohen fez sinal para chamar o jovem de jaleco branco. O rapaz atravessou o corredor e entrou no escritório. Sorriu para Cohen. Este lhe falou rapidamente em hebraico e ele tornou a sair.

— Ele vai preparar os arquivos para nós — disse Cohen, ainda com as costas voltadas para o Inspetor. Então, virou-se lentamente para o encarar.

— Diga-me uma coisa, Inspetor. Por que não telegrafou?

— Perdão?

— Por que veio pessoalmente? Poderia ter poupado tempo e dinheiro.

— ... Senti uma necessidade pessoal de vir. Tive que satisfazê-la.

— Notável comentou Cohen. — O senhor desejava conhecer Israel.

Cohen lançou um rápido olhar ao Inspetor e saiu do escritório. Bauer o acompanhou.

Andaram devagar ao longo das estantes. Os volumes inclinados pareciam formar desenhos estonteantes à medida que eles passavam. Bauer teve a distinta impressão de que eles lhe observavam a passagem. No final da primeira fila de estantes, o jovem de jaleco branco estava de pé junto a uma mesa. À sua frente se encontravam vários invólucros de couro contendo fotografias, que tinham sido retirados das estantes.

Sobre a mesa também estavam alguns documentos que traziam retratos nos cantos.

— Inspetor Bauer — disse Cohen —, esse é Laszlo Blackmann. Fala pouco alemão, mas asseguro-lhe que possui capacidades notáveis.

Blackmann sorriu para Bauer e lhe ofereceu uma cadeira.

Cohen desatou as fitas de couro do primeiro invólucro.

Blackmann fez o mesmo. Bauer abriu um terceiro.

— Tem certeza de que quer ajudar na busca? perguntou Cohen.

— Claro. Por que não?

— Não é fácil.

— Estou preparado.

— Bem, já vi homens preparados passarem por isto.

Cohen derramou sobre a mesa o conteúdo do primeiro invólucro. Bauer viu fotos de meninos usando distintivos e olhando para a câmera. Mulheres nuas e esqueléticas sorriam para ele. Ao fundo, arredondadas e verdejantes, as

ondulações do panorama polonês. Bauer começou a procurar alguém parecido com a fotografia de Ernst Frisch, agora colocada no centro da mesa como referência.

O Inspetor ocupou-se com o segundo pacote de fotografias, todas elas identificadas com local e nomes. As fisionomias dos guardas espiavam sinistramente por cima das cercas de arame farpado. Eram rostos que Bauer conhecia bem: as fisionomias germânicas — o boi, o cavalo e o lobo.

Com ar indiferente, guarneciam as plataformas com fuzis em bandoleira.

Bauer observou o pulso delgado do jovem com jaleco branco que manipulava velozmente as fotos, parando a intervalos a fim de comparar algum rosto com a foto de Frisch no centro da mesa.

Trens de transporte de tropas passando pelas chaminés que lançavam grossos rolos de fumaça. Bauer se deu conta de que ambos os homens o estudavam enquanto ele examinava as fotografias. Ergueu vagarosamente a cabeça.

— Parece um pouco pálido, Inspetor — comentou Cohen.

— Não quer sair para tomar um pouco de ar fresco?

— Obrigado — disse Bauer.

Cohen acompanhou-o até a porta. O Inspetor teve a impressão de que as estantes lhe pesavam opressivamente até que saiu dos arquivos e voltou ao ar quente do lado de fora.

Sentia-se quente e seco por dentro, como se estivesse ardendo com alguma espécie de febre. O vento trazia o cheiro de estrume de carneiros e, quando soprava através dos bosques no Monte, o Inspetor escutava as vozes e choro dos turistas que saíam do Monumento. Cohen permaneceu ao lado dele, fumando em silêncio.

— Desculpe-me — disse Bauer. Aquelas fotografias... havia tantas...

— Milhões, Inspetor — disse Cohen. — Está pronto para voltar?

— Sim... creio que sim.

A tarde se degenerou na insanidade final da era de Hitler.

Não só as fotografias como também as vozes das lembranças do próprio Bauer se levantavam daquela existência insensata e assassina. Bauer viu a procissão de rostos macilentos, os exercícios no pátio, as experiências médicas, todas as coisas de que ouvira falar, sobre as quais lera e se convencera de que não eram verdadeiras. Eram milhares e milhares. Finalmente, ele teve a impressão de que não conseguiria se levantar da cadeira sem ajuda.

Os estudiosos tinham fechado os cadernos de anotações e voltado para casa. Os autores de ficção, carregando suas anotações e caixas com fichas de arquivo, também tinham ido embora. A atividade nos Arquivos diminuía. Um pouco de

sol entrava obliquamente pelas janelas no alto das paredes do salão. Só os três homens permaneceram no recinto.

— Ouça, Inspetor — disse Cohen —, Blackmann teve uma boa idéia. Existe em nossa equipe uma mulher que esteve em Auschwitz e possui uma memória fotográfica. Não deve vir trabalhar amanhã, mas é possível que venha até aqui. Mesmo assim, não creio que o senhor encontre seu homem em menos de um mês.

— Eu ficaria endividado para com o senhor e sua equipe se ela pudesse ajudar.

Bauer observou Cohen recolocar os invólucros de couro nas prateleiras.

— De todo modo, tudo que o senhor pode fazer agora é dormir e se preparar para amanhã — disse Cohen. — Mal arranhamos a superfície.

Bauer meneou a cabeça, concordando. Colocou o chapéu.

O suor em sua nuca lhe provocara um arrepio gelado. Ao se encaminhar para a porta, sentiu o vento frio que soprava do bosque.

— *Shalom*, Inspetor — disse Cohen.

— Boa noite, *Herr* Cohen.

Bauer andou devagar até o bosque. Viu-se subindo a trilha íngreme em direção à escuridão que dominava o céu a leste da cidade. Vagos contornos de grandes nuvens rolavam acima das colinas do deserto. Tropeçando, o Inspetor desceu a trilha que levava à estrada e aos táxis que aguardavam em fila diante dos portões.

No sonho de Bauer, judeus e mais judeus forravam o solo, esqueletos que se transformavam em água. Bauer atravessava os campos num trem. Chovia. Quando ele olhou pela janela, o vento levantou redemoinhos de água das valas e campos.

O Inspetor correu os olhos pela cabine, vendo os rostos conhecidos dos homens em sua companhia. Estavam feridos, todos eles, as cabeças e mãos sacudindo dolorosamente enquanto o trem atravessava as planícies da Polônia.

— Onde estamos? — perguntou o Capitão.

— Ainda na Polônia, senhor — respondeu Bauer.

Então o trem parou. Bauer viu os vagões de carga no outro lado da estação, o vapor dos hálitos animais saindo pelas frestas na madeira. Os guardas e cães andavam inquietamente na lama.

— Por que estamos parados? — murmurou o Capitão, emitindo uma tosse horrível.

De repente os vagões de carga se abriram e os esqueletos saíram, usando sobretudos, as mãos erguidas acima da cabeça. A cabeça de Bauer se ergueu em surpresa.

— Vejam! — gritou ele.

— Judeus — tossiu o Capitão. — Vão para Birkenau, o campo de extermínio.

Bauer viu o cortejo de esqueletos caminhar tranqüilamente pela lama. Os guardas acompanhavam, indiferentes, cutucando e empurrando.

— Que quer dizer com "campo de extermínio"? — quis saber Bauer. — É um campo de trabalho!

O Capitão grunhiu e assoou o nariz num trapo arrancado do casaco. Emitiu sua tosse de moribundo. Bauer viu as orgulhosas feições germânicas se contraírem de ódio.

— Campo de extermínio — murmurou o Capitão. — Campo de extermínio. Campo de extermínio.

O trem recomeçou o avanço e Bauer baixou vagarosamente a cortina, amarrando-a na parte inferior da esquadria. Sob eles, o ritmo das rodas acelerou. Então voltou a reinar silêncio na cabine e todos os homens se limitaram a fitar o chão, balançando-se com o movimento do trem.

Estavam a caminho de casa para serem bombardeados e era justo que o Reich fosse bombardeado. Era justo que a Alemanha inteira e tudo o que era alemão fosse destruído.

Eles já eram esqueletos, praticamente encolhidos de encontro às janelas molhadas de chuva.

— Não, não! — berrou Bauer.

Sentou-se na cama, banhado de suor, nu e sentindo frio. A luz era pálida e fria — uma luz esquelética; era a falsa madrugada que entrava pela janela do hotel. Bauer escutou vagamente os gritos das crianças israelenses que brincavam nas ruas.

Eu estive lá, pensou ele, estremecendo.

Com olhos esbugalhados, afundou-se de volta no travesseiro. Eu estive lá, em Auschwitz, refletiu, Meu Deus, eu estive lá. E não pude fazer nada.

Inseguro de ter sonhado ou não, permaneceu deitado na cama durante várias horas. A luz se alterou vagarosamente, tornando-se mais forte. Os pássaros começaram a cantar.

Afinal, alguém bateu à porta.

— *Guten Morgen* (Bom dia) — disse o velho judeu. — *Die Sonne scheint*. (Faz sol).

De repente, Bauer identificou o sotaque: fidiche.

— *Ja, ja. Danke schön* (Sim, sim. Muito obrigado) — respondeu ele.

Os passos do velho se afastaram devagar pelo corredor.

Bauer levantou-se fatigadamente, lavou o rosto e se vestiu.

Tornou a vestir o terno preto e apalpou as quatro fotografias no bolso interno do paletó. Tinha a sensação de não haver dormido.

Sem comer, saiu para a manhã radiosa e já quente.

Esperou na esquina poeirenta. Judeus passavam por ele em todas as direções. O sol começou a subir no céu de Jerusalém.

Então um automóvel negro dobrou a esquina levantando poeira e os pedestres se dispersaram. O táxi se aproximou e parou diante do Inspetor, que se curvou para abrir a porta.

Sentou-se no banco traseiro.

— Yad Vashem — disse ele ao motorista.

— Tauber — disse Cohen.

— Quem?

— Tauber. Era um assistente de *Rapportführer* em Auschwitz. Auxiliar de Froelich, o encarregado das câmaras de gás.

Cohen e Bauer andaram ao longo dos intermináveis arquivos de fotografias e documentos, passando por mapas guardados em tubos, biografias individuais e histórias de famílias. Seus passos ecoavam ominosamente pelos salões ladrilhados.

— Tem certeza? — quis saber Bauer.

— A mulher da qual lhe falei... Ela veio hoje de manhã.

Lembra-se da fisionomia. Identificou o homem. Agora, estamos procurando corroboração.

— A memória dela é confiável?

— Infalível. Fotográfica.

Bauer raciocinava depressa ao caminhar entre as estantes.

Parou e deteve Cohen com um leve toque no ombro.

— É possível que o homem assassinado fosse Tauber? — indagou o Inspetor.

— Não.

— Por que não?

— Porque Tauber morreu há vinte e oito anos.

Cohen recomeçou a andar entre as estantes. Sua cabeça maciça, leonina, olhava direto para a frente.

— Tauber foi enforcado em Nuremberg, após os julgamentos de criminosos de guerra.

Bauer observou o rosto singularmente bonito do Diretor dos Arquivos. Cohen o encarou enquanto andavam, sem sinal de afeição.

— Os deuses o protegem, Inspetor.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que normalmente levamos semanas para encontrar uma fisionomia parecida com alguém — disse Cohen. — E o senhor não levou tempo algum.

Dobraram uma esquina. Ali, ao lado de Brackmann, examinando uma pilha de fotografias, estava uma mulher de suéter branco e saia de *tweed*. Seus cabelos compridos caíam-lhe sobre a testa enquanto ela trabalhava. Trazia no pulso um bracelete israelense de ouro.

— Inspetor Bauer — disse Cohen —, esta é a Srta. Madeline Kress.

— Sou-lhe muito grato por seus esforços, Srta. Kress disse Bauer.

Ela virou a cabeça para encará-lo. Possuía os mais extraordinários olhos cinzentos e límpidos. Bauer percebeu que a expressão dela não se alterou e que ela o encarava com a mesma intensa atenção que dedicava ao exame das fotografias. A Srta. Kress sorriu de leve e voltou às suas fotos.

— Será um dia longo, Inspetor — disse Cohen. — Se o senhor nos ajudar...?

— É claro.

Bauer sentou-se à mesa de trabalho. Laszlo Blackmann entregou-lhe um invólucro de couro contendo fotografias.

O Inspetor esfregou os olhos por um instante, debruçou-se sobre a mesa, desatou as tiras de couro do invólucro. Foi imediatamente invadido pela mesma náusea que o dominara na noite anterior.

— Tire o paletó, Inspetor — sugeriu suavemente Cohen.

Bauer despiu o paletó, dobrando-o sobre as costas de uma cadeira a seu lado. Afrouxou um pouco a gravata e passou as mãos pelo cabelo. Olhou para o canto da mesa e, depois, para os intermináveis salões brancos que levavam à porta. Então, espalhou as fotografias sobre a mesa.

Crianças de olhos fundos jaziam empilhadas no solo.

Abraçavam-se às estacas que demarcavam as valas, enquanto os médicos sinistros passavam em revista as fileiras de judeus reunidos no pátio. Guardas rondavam as valas escavadas no calcáreo e, ao fundo, apareciam pilhas de judeus, carne e osso, fumaça e dedos de crianças.

Bauer mal conseguia tocar nas fotografias. Homens de pijama, empoleirados nos beliches como galinhas num galinheiro, fitavam a câmera. Só lhes restavam os olhos, muito brancos nas cavidades das órbitas. O Inspetor examinou as fotografias durante horas a fio à procura do sócia de Ernst Frisch, o assistente de *Rapportführer*, Tauber. Estudou o panorama polonês, as insígnias alemãs, os trens que chegavam, as chaminés que exalavam fumaça. Afinal, passou os dedos pela testa.

Cohen tocou-lhe o ombro.

— Vamos lá fora disse ele. — Podemos comer alguma coisa.

Os três homens e Madeline Kress saíram para o sol quente.

Acima deles, no Monte da Lembrança, uma família americana descia alegremente através do bosque. As crianças pulavam, mas uma palavra severa do pai fez com que se comportassem.

Bauer mal conseguia avistar numa estrada distante um comboio militar que serpenteava pelas colinas secas e áridas, levantando poeira que era soprada pelo vento. Ao lado do Monumento, outro grupo de soldados, descansando, mantinha-se silenciosamente à porta escura sob o teto de pedra.

— O senhor deveria ir ao Monumento — disse repentinamente Madeline Kress.

Bauer levantou a cabeça.

— Não precisa ter receio.

Madeline Kress riu levemente, embora seu olhar fosse desprovido de humor. Ao lado dela, Laszlo Blackmann comia seu sanduíche e também sorriu. Cohen ofereceu um sanduíche a Bauer, que recusou.

— Fui soldado de infantaria — disse o Inspetor, num tom quase natural. — Na frente russa.

Madeline e Blackmann continuaram a comer seus sanduíches, como se não o tivessem escutado. Mantinham-se de costas para ele.

— Fume um cigarro, Inspetor disse Cohen, oferecendo a Bauer um maço de cigarros israelenses.

Bauer pegou desajeitadamente um dos cigarros e Cohen estendeu o braço para acendê-lo. O Inspetor agradeceu com um meneio de cabeça.

— Eu era soldado raso — disse ele a Cohen. Sempre ordens, entende? Tínhamos que obedecer.

Então Bauer passou a sentir-se um pouco melhor. Apesar disso, quando o vento mexeu as folhas, veio-lhe à mente a súbita imagem de corpos empilhados numa vala. O vento cessou e Bauer voltou a sentir-se melhor. Fumou devagar, desviando os olhos de Madeline e Blackmann, que comiam sentados nos degraus de concreto.

— Diga-me, Inspetor — disse Blackmann num alemão lento —, o senhor gostaria de ficar aqui? Em Israel?

— Não. Acho que não.

— Prefere a Alemanha?

— Nasci lá.

— Madeline também. Mas agora ela mora aqui.

O Inspetor se voltou para a mulher.

— É mesmo? A senhorita é alemã?

— Ela é israelense — disse Blackmann sorrindo e franzindo os olhos contra o sol. Exibiu então um largo sorriso para o Inspetor.

Cohen tocou o ombro de Bauer. Voltaram, pela porta escura, ao interior dos Arquivos.

O imenso volume de vidas esmagava o Inspetor. Tratores empurravam montes de cadáveres. Vestígios de lembranças estavam rabiscados na margem dos documentos. "No limiar da existência...", escrevera um. "Mentalmente desequilibrado..." "É fácil morrer", escrevera outro. "Ninguém nos socorre", declarara outro. E o Inspetor leu num pedaço de papel: "As bestas humanas".

— Tauber! — exclamou Madeline.

Jogou a fotografia na mesa. A foto caiu sobre a do faxineiro assassinado.

Madeline se levantou e deixou a mesa. Foi para perto da janela, exausta, respirando o ar limpo e mais fresco. O Inspetor olhou para as duas fotos. Ali, diante dele, estava uma espantosa semelhança com o faxineiro assassinado em Munique.

— Uma boa semelhança, Inspetor — comentou Cohen.

— Muito boa.

— Está satisfeito?

Bauer fitou a fotografia de Tauber — o rosto atrevido, de dentes aguçados, sob a insígnia nazista. Até mesmo a postura da cabeça parecia a mesma.

— Uma estranha coincidência — comentou o Inspetor. — Sim, estou satisfeito.

Bauer continuou a fitar os olhos estreitos e penetrantes que apareciam em ambas as fotos. Talvez para alguém em Munique existissem outras semelhanças com outros nazistas mortos há muito tempo.

— Posso levar uma cópia disto? — perguntou Bauer.

— Naturalmente — respondeu Cohen.

Laszlo Blackmann e Madeline Kress começaram a recolocar as fotografias nos invólucros de couro e a arrumá-los em seus lugares nas prateleiras atrás do Inspetor. Então Blackmann se afastou para atender um velho na mesa ao lado.

O homem idoso esforçava-se por ler as colunas de nomes num manuscrito.

— Mandarei passar uma certidão para o senhor, afirmando que é Tauber, confirmando a data e o local — disse Cohen.

— Fico-lhe imensamente grato, Diretor Cohen. Isso levará um criminoso à justiça.

Madeline Kress saiu de trás das estantes, ajustando nos ombros o suéter branco.

— O senhor pensa assim, Inspetor? — indagou ela.

— Sim. Por que pergunta?

— Porque a República Federal da Alemanha costuma eleger seus criminosos para cargos públicos.

Bauer, fascinado pela profundidade dos olhos cinzentos da mulher, permaneceu imóvel. Aqueles olhos continham o mesmo ódio imperturbável dos olhos de Picard em Paris.

— Esperemos por justiça para todos os criminosos, Srta. Kress — replicou finalmente o Inspetor.

Cohen levou Bauer embora, seguindo pelo corredor. No escritório, Cohen tirou uma cópia da foto do assistente de *Rapportführer* para o Inspetor. Os dois ficaram de pé lado a lado, observando a luz correr sob a tampa de borracha da máquina copiadora. Cohen tirou da máquina uma cópia perfeita do rosto atrevido e a entregou a Bauer.

— Os Arquivos ainda não são o local onde encontrar o perdão, Inspetor — disse Cohen.

Bauer guardou a nova foto no bolso interno do paletó. Era seguida andou até a porta e saiu para a tarde que caía.

— *Shalom*, Inspetor — disse Cohen.

Bauer subiu o Monte da Lembrança.

No pátio de pedras, um grupo de turistas saía silenciosamente do recinto formado pelas lajes de pedra que serviam de teto ao Monumento. Bauer olhou através da porta.

Lá dentro estava escuro. Ele teve a impressão de que suas pernas eram de cimento. Hesitou junto à porta.

— Com licença, por favor — disse uma jovem em inglês.

— Outras pessoas querem entrar.

O Inspetor se afastou para o lado. Viu no interior do Monumento os turistas que se movimentavam silenciosamente pelo recinto escuro. Uma espécie de luz, uma chama, ardia na extremidade oposta. Bauer olhou para dentro mas não se atreveu a entrar. Esbarrou então num velho que vinha saindo, mas este, encurvado e chorando, nem reparou.

— Entre ou saia, por favor — disse alguém.

O Inspetor meneou a cabeça. Meio confuso, entrou no Monumento.

Ali, na obscuridade, reinava profundo silêncio. Bauer andou no sentido dos ponteiros do relógio, acompanhando o grupo que lia os nomes na parede. Outras pessoas o empurravam delicada mas insistentemente. Em breve o Inspetor se viu diante da luz. Tijolos, uma grade de ferro e, no interior, a chama ardia, firme, refletindo-se suavemente no rosto dele. Bauer sentiu o rosto se aquecer. Olhos e boca quentes. Recuou.

— Onde fica a sinagoga? — perguntou uma velha em francês.

Bauer voltou-se para a figura tristonha e indagadora.

Sacudiu a cabeça. Afastou-se. Notou que seus sapatos pretos bem polidos pisavam nos nomes de *Auschwitz*, *Dachau*, *Bergen-Belsen*, gravados no chão.

O Inspetor recuou até a parede mais distante da porta.

Ali, ninguém o via. Levando a mão ao rosto, ele chorou.

MUNIQUE:

O Sétimo Dia da Oktoberfest

Capítulo 6

O tempo na Alemanha estava insolitamente limpo. As multidões se apinhavam ao longo das calçadas, jogando flores nas carroças de cerveja que passavam na rua. De repente uma mulher saiu correndo de um pórtico escuro, com a fantasia rasgada.

— Ele está me matando! — gritava ela. — Socorro!
Socorro!

Mas a multidão lhe barrou o caminho, empurrando-a para trás. Homens vaiavam e velhas tocavam cornetas de brinquedo. Naquele momento, um homem enorme, grande como um urso, atirou-se no meio da multidão e ergueu a mulher que gritava, colocando-a sobre os ombros. Ela riu histericamente.

— Ele é um urso! — berrou. — Me larga! Me larga!

Esmurrou em vão o topo da cabeça do homem e, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelo rosto, manchando a maquilagem vermelha. O homem enorme começou a rodopiar e a mulher recomeçou a gritar e rir ao mesmo tempo. Cães pulavam e latiam sob as carroças de feno estacionadas na rua e até mesmo os policiais sorriam diante da cena.

Naquele exato momento, mais uma das bandas uniformizadas de preto desfilava, tocando, pelas ruas da cidade velha e chegou ao local. Os instrumentos metálicos brilhavam ao sol e o regente da banda mantinha a batuta erguida enquanto o grandalhão e a mulher rodopiavam ao compasso da música. Crianças gargalhavam. O regente da banda gesticulou com a batuta, pedindo silêncio:

"Maridos e mulheres, no clima bom de Munique, Só precisam chegar e sair juntos; Os pares fazem as pazes em nossa feira de outono, Como a garota travessa e seu urso dançante!"

A multidão soltou um rugido de aplauso. Sorrindo, curvando-se, agradecendo com o chapeuzinho preto redondo, sem perder um compasso, o regente da banda concluiu o improviso e conduziu seus músicos rua acima, atrás das carroças de cerveja, em direção à incessante atividade na Campina Therese.

No delírio induzido por sete dias consecutivos de comemoração regada a cerveja, a multidão dançava e andava em loucos ziguezagues no calor do dia. Uma fila de crianças corria por entre o povo, golpeando as pessoas com machadinhas imaginárias.

— Sou o assassino da machadinha! — gritavam elas. — Cuidado! Aqui vou eu!

As fantasias se mesclavam numa massa indistinta de cores berrantes e o barulho se erguia até muito acima das ruas.

Uma janela distante se fechou sobre a cena.

Por detrás da janela, o ambiente estava silencioso. Lá embaixo, o povo dançava e sacudia as bandeirolas. As colinas verdes ondulavam suavemente abaixo das encostas alpinas e pássaros negros voavam sobre os intermináveis campos verdes e amarelos sob o quente sol de outono. O Coronel Schuckert olhava para a cidade e os campos, calado.

O Comissário do Departamento de Polícia de Munique era um homem enorme, quadrado; suas feições, porém, eram finas. O uniforme do Exército, com o peito coberto de condecorações, moldava-lhe o corpo ainda firme e musculoso quando ele andou até a maciça mesa de mogno em seu amplo escritório de alto pé-direito e se serviu um pouco mais de conhaque cor de âmbar da garrafa de cristal. Fitou o líquido por um instante e depois sorveu-o em pequenos goles. O rosto forte e bem cinzelado parecia esculpido em granito, não revelando qualquer emoção perceptível.

Por trás dele, em cima da mesa, estavam cinco fotografias. Diante da mesa, de chapéu na mão, postava-se o Inspetor-Chefe Martin Bauer.

As cortinas imóveis pendiam pesadamente ao lado das janelas. Nem mesmo o ar parecia mover-se. As paredes forradas de lambris eram decoradas com cabeças barrocas que davam a impressão de observar a cena que se desenrolava diante delas. O Coronel Schuckert virou-se e pousou o dedo na foto do açougueiro, Wolfgang Heder.

— Este é Goering — disse o Comissário. — E esta outra... — acrescentou,

apontando para a foto da estação ferroviária — é Auschwitz. E este homem... quem é ele?

O Coronel Schuckert fez uma pausa e o silêncio foi total.

— Tauber, senhor. Um assistente de *Rapportführer* em Auschwitz.

— Ah, sim. Tauber.

O Coronel Schuckert pousou o copo de conhaque em cima da mesa e se sentou pesadamente.

— Você arranhou uma das fotos num museu de Paris?

— Sim, senhor.

— E a outra... Onde arranhou a outra, Bauer?

— Em Israel, senhor.

— Sim, eu sei.

O Coronel Schuckert fez uma pausa, cerrando as mãos enormes diante dos lábios.

— Sente-se — disse ele, afinal.

Bauer sentou-se diante da imensa mesa. O Coronel Schuckert apertou um botão num pequeno painel. A porta se abriu por detrás de Bauer e um homem magro, de terno escuro e óculos, entrou com uma pasta de arquivo. Com um movimento de cabeça o Coronel Schuckert indicou que a pasta devia ser colocada em cima da mesa, diante dele. O secretário obedeceu e lançou um olhar de esguelha a Bauer. Depois, retirou-se rápida e silenciosamente do escritório.

Os olhos de Bauer mantinham-se fixos no rosto inexpressivo de Schuekert. O Coronel abriu vagarosamente a pasta e estudou o conteúdo, meneando a cabeça a intervalos num sinal de aprovação.

— Mmmmm — disse o Comissário para si mesmo. — Entre os primeiros da classe na Academia. Uma distinta folha de serviço no Exército. Ferido na frente russa...

Schuckert ergueu os olhos.

— Congelamento, senhor. Em ambos os pés.

A fisionomia de Schuckert assumiu uma expressão dolorosa.

— Ahhh! — comentou. — Ainda o incomoda?

— Ocasionalmente.

— O que faz para aliviar?

— Bebo.

— Sensato, sensato.

O Coronel Schuckert tornou a menear a cabeça em aprovação e estudou o conteúdo da pasta. Afinal, fechou-a.

— Bem, então, Bauer. Obviamente, você não é tolo.

Digamos que, desta vez, seu julgamento foi... equivocado?

— É possível, senhor. Mas não creio.

— Claro que não, claro que não.

O Comissário se levantou com esforço e se virou lentamente para o panorama descortinado da janela.

— Creio que você mencionou uma série de estranhas coincidências.

— Sim, senhor. Uma série de coincidências que parecem estabelecer um padrão definido.

— Um padrão definido — repetiu Schuckert, apertando os lábios. — Bem, Bauer, examinemos esse padrão definido de maneira razoável e metódica, está bem?

O Comissário começou a andar entre a mesa de mogno e a parede.

— Número um: você diz que as duas vítimas estão ligadas por sua semelhança física com dois nazistas que já morreram. Eu discordo. Suas fisionomias são tipicamente germânicas. Nossas características faciais decorrem de uma hereditariedade específica. Se esses dois homens se pareciam com Hermann Goering e com o tal Tauber, o mesmo acontece com milhares de outros alemães. Como povo, acontece que nos parecemos uns com os outros.

Bauer não se atreveu a falar.

— Número dois — disse Schuckert, pegando as fotografias da estação ferroviária de Auschwitz e erguendo-as diante de si. Continuou a andar de um lado para outro sem olhar para elas. — Você afirma que esta fotografia foi deixada pelo assassino como uma espécie de protesto contra os horrores cometidos pelos nazistas. Eu discordo. Digo que foi colocada na boca da vítima por alguém que possui uma mentalidade mórbida. Conheço esse tipo de fotografia. É colecionada pela mesma espécie de gente que coleciona fotos pornográficas.

Bauer permaneceu calado.

— Número três — o Coronel Schuckert se voltou para encarar Bauer. Debruçou-se no espaldar de sua enorme poltrona de couro e a voz se tornou mais direta e menos distante. — Número três: estamos na metade da Oktoberfest — uma época em que as pessoas estão embriagadas e excitadas.

As inibições são deixadas de lado e as emoções se descontrolam.

Pequenas ofensas pessoais, mágoas imaginárias, mantidas sob estrito controle durante o ano inteiro, explodem repentinamente em violência. Sem mencionarmos os indivíduos que, de todo modo, se encontram nas raias da instabilidade. Você, mais do que ninguém, não precisa ser informado a respeito das estatísticas de crimes durante a Oktoberfest.

O Coronel Schuckert largou as fotos de volta em cima da mesa. Serviu-se devagar de mais um pouco de conhaque da garrafa de cristal e bebeu, olhando

outra vez pela janela para o panorama distante.

— Não, Bauer — disse ele. — O seu nítido padrão se reduz a apenas um fato definido: um assassino está solto nas ruas de Munique, usando uma machadinha de açougueiro contra pessoas inocentes. E você não conseguirá detê-lo inventando teorias exóticas e fazendo viagens até não sei onde.

Schuckert virou-se mais uma vez para Bauer.

— A propósito: quem autorizou suas viagens?

— Ninguém, senhor. Eu estava de licença.

— Bem, sua licença está cancelada. Apresente-se para o serviço em sua divisão.

— Sim, senhor.

Bauer levantou-se e ficou ereto.

— E leve consigo estas fotos — disse o Coronel Schuckert, apontando para elas.

Bauer pegou as fotografias e, com uma curvatura breve e correta para seu superior, saiu rapidamente da sala. Depois que ele se foi, o Coronel fitou a porta que Bauer fechara atrás de si. Seu olhar duro como o aço se suavizou gradativamente, relaxando-se. Schuckert sacudiu a cabeça e soltou uma risadinha de comiseração.

O rosto do Coronel Schuckert parecia transformado em pedra. Dentro da noite, seu olhar se mantinha fixo, obcecado.

A gola levantada e o chapéu emolduravam-lhe a fisionomia na escuridão sem luar. Luzes azuis se refletiam em seu rosto severo.

— Cuidado, agora — disse Karl-Heinz Fischer. — Abaixem-no! ...

O Coronel Schuckert estava postado como um monólito à frente da multidão fantasiada. Piadas obscenas soavam no ar noturno, os homens rindo grosseiramente e as mulheres tentando abrir caminho para espiarem. O cordão de isolamento formado por policiais sofria a pressão do povo. O Coronel Schuckert se encontrava na entrada da travessa, olhando para o cadáver envolto num cobertor atado por correias.

— Enfiem a maca sob a cabeça! — bradou Fischer. — Cuidado com a cabeça!

Através de uma abertura no cobertor, um rosto miúdo e rechonchudo balançava, ainda sorrindo na morte. Os óculos ainda pendiam de uma das orelhas. O sangue escorria pelo punho da manga de um dos atendentes. Quando levantaram a maca, a cabeça e o cadáver se inclinaram num ângulo esquisito.

O Coronel Schuckert ergueu os dedos e conseguiu chamar a atenção de Bauer, que desembarcava de um carro da polícia em companhia de Steinmann.

Bauer veio imediatamente até seu superior. Os dois permaneceram calados enquanto o fotógrafo da polícia tirava chapas de diversos ângulos na travessa incrivelmente estreita.

Schuckert inclinou-se quase imperceptivelmente para Bauer.

— Bem, o que acha, Bauer?

Bauer replicou em voz baixa, quase hesitante: — Bem, senhor, acho que existe uma semelhança bem marcante com...

— Heinrich Himmler — concluiu Schuckert num tom quase natural. — Um camponês mal-educado. Eu o detestava e ele sabia. Tentou transferir-me para a frente russa, mas von Rundstedt interveio. Ele detestava Himmler tanto quanto eu.

Karl-Heinz Fischer se aproximou deles.

— Coronel Schuckert — disse ele, cumprimentando com a cabeça. — Boa-noite, Martin. Não creio que lhes possa dizer qualquer coisa que já não saibam. Exceto, talvez, que o homem está ficando cada vez mais perito no manejo da machadinha.

O Coronel Schuckert confirmou com a cabeça. Com um sinal sutil, deu a entender que apenas Bauer deveria acompanhá-lo. Andaram até a parte mais escura da travessa, onde Schuckert estacou. Por trás deles, na entrada da travessa, os guardas uniformizados tentavam em vão dispersar a multidão alegre que se acotovelava sob as luzes amarelas e azuis.

O hálito do Coronel Schuckert era cálido e agradável, cheirando a finos conhaques de ameixas, quando ele se curvou para a frente a fim de falar a Bauer:

— Quanto à sua teoria Bauer: alguém na Alemanha está a par dela?

— Só Steinmann.

O olho do Coronel Schuckert estava estranhamente iluminado por uma distante luz de rua. Bauer aguardou, calado.

— Suponhamos que seja verdade — disse o Coronel. — Quem poderia ser esse homem? E por que agora? Vinte e oito anos depois?

— Não sei, senhor — replicou Bauer.

— Bem, digamos que tenha passado todos esses anos na prisão e agora conseguiu fugir. Ou que seja um veterano de guerra e enlouqueceu durante o festival. Quem? Quem faria isso? Os esquerdistas? Os árabes?

Os olhos de Schuckert se desviaram para a ambulância que tentava abrir caminho e chegar à rua principal. As crianças na multidão jogavam-lhe flores. A sirene começou a soar. Schuckert, imerso em reflexões, virou-se lentamente para Bauer.

— O Ministério tomará conhecimento disto — disse ele.

Mais cedo ou mais tarde, o Ministério saberá. Sabe o que isso significa? E

Bonn, Bauer. Bonn ficará sabendo.

Bauer observava seu superior.

— Se isto continuar, meu pescoço estará na guilhotina.

— Compreendo, senhor.

— Se eu colocasse você no controle total do caso, como procederia?

— Daria ao caso a mais alta prioridade e poria mais homens em campo.

— Sim.

— Além disso, buscaria auxílio Auxílio?

— Auxílio de quem?

— De Israel...

MUNIQUE:

O Oitavo Dia da Oktoberfest

Capítulo 7

A Alemanha é um país bonito. Os vales verdes, compridos e profundos dão lugar ao verde mais escuro das florestas. Um país em que a natureza se adora. As nuvens rolam preguiçosamente sobre os Alpes.

Acima das nuvens, o avião voava em direção a Munique.

Os passageiros riam, discutiam alegremente, excitavam-se. Era um dia claro, fantástico. As cúpulas de cobre da Frauenyirche surgiram lá embaixo.

Sentada numa das últimas poltronas, Madeline Kress tentou adivinhar por que motivo regressava à Alemanha.

Avistava, lá embaixo, o festival que prosseguia, as faixas penduradas nas ruas. As pessoas fervilhavam no recinto da feira, numerosas como formigas. Os prados e aldeias aumentaram de tamanho, as estradas e fazendas se aproximaram.

Então o barulho dos jatos aumentou e Madeline Kress, depois de 28 anos como refugiada e cidadã israelense, voltou a pisar o solo alemão.

Os pilotos, sorridentes, saíram da cabine de comando e se dirigiram a Madeline.

— *Sie bleiben hier?* (Vai ficar aqui?) — perguntou o louro.

Madeline olhou em volta e notou que era a última passageira sentada. Levantou-se, pegou a pequena bolsa de viagem e desceu do avião, sentindo a pulsação do sangue nas veias.

No ônibus de transporte interno de passageiros, um alemão gordo balançava-se pesadamente nas curvas, bafejando sobre ela.

— *Entschuldigung* (Desculpe-me) — disse ele.

Rostos alemães, fisionomias tipicamente germânicas, a observavam. Fitavam-lhe as roupas, a sacola israelense e o rosto germânico. No controle de passaporte, os guardas a estudaram com atenção.

— Quanto tempo permanecerá na República Federal?

— Vários dias. Uma semana.

O guarda sorriu para ela, olhando-lhe os lábios e os seios.

— *Guten Tag, Fraulein.* (Um bom dia, senhorita).

Os alemães a empurravam. A escada rolante estava apinhada de gente. Parou momentaneamente. A massa humana movimentou-se como uma lesma, os de trás comprimindo os que estavam parados na frente. Madeline sentiu o suor brotar no rosto.

— *Rudi! Rudi!* — gritou uma mãe histérica. — *Wo bist du?*

(Onde está você?) Mas os guardas empurravam a multidão para a plataforma seguinte. Madeline chegou ao patamar do enorme recinto. Ali, os letreiros fluorescentes vermelhos piscavam acima da massa trajada com roupas escuras, parecendo gritar suas advertências e mensagens em alemão: *Nur Eintritt!* (Só entrada) *Ausgang!* (Saída) *Zu den Badenzimmern — Frauen!* (Lavatório — Mulheres!) Os policiais olhavam para ela através da multidão.

Madeline viu um deles cutucar o colega e apontar para ela.

Começaram a avançar por entre o povo na sua direção. O coração de Madeline estava aos pulos.

— *Der Express nach Nürnberg, Bayreuth, und Berlin ist jetzt auf Gleis Nummer sieben!* (O expresso para Nuremberg, Beyruth e Berlin está agora na plataforma nº 7) — trovejou o alto-falante repentinamente num alemão ríspido.

Os dois policiais se aproximaram. Madeline viu que um homem de casaco preto os acompanhava. Naquele momento, chegou um vôo de Augsburg e uma nova torrente de passageiros se derramou no enorme terminal, Pessoas empurravam em todas as direções. O barulho da multidão aumentou. Soldados avançaram subitamente e beijaram as esposas que estavam atrás das barreiras. Mulheres soltavam gritinhos.

— *Fraulein!* — acenou um dos guardas.

Pregada ao chão, incapaz de mover-se, Madeline viu-os chegar perto, abrindo caminho na multidão. O guarda estendeu a mão para sua sacola de viagem. O homem de casaco preto gritou para ela, acima do barulho... um distintivo foi exibido diante de seu rosto...

Madeline sentiu-se caindo num abismo escuro. Inclinou-se para a frente, sentindo o corpo tombar. Depois, não sentiu mais nada...

Estava deitada num banco no restaurante do aeroporto, coberta com o pesado casaco preto. Sua cabeça repousava na túnica dobrada do guarda. Gradativamente, começou a distinguir as vozes. Tentou levantar-se, mas o Inspetor a conteve delicadamente.

— Ainda não — disse Bauer. — Descanse um pouco.

Madeline empurrou-lhe a mão. Sentou-se, insegura.

O Inspetor lhe entregou uma xícara de chá quente, que ela aceitou. Bebericou cautelosamente, evitando o olhar de Bauer. Então afastou para o lado

os compridos cabelos castanhos e tentou levantar-se.

— É a mudança de pressão disse o Inspetor, levantando-se com ela. —
Acontece com frequência.

Madeline devolveu a ele a xícara de chá e ajeitou a blusa para dentro da saia. Encabulada, procurou a sacola de viagem.

Koenig entregou-a prontamente.

— Bem — disse Madeline. — Não sou fraca.

— Claro que não — disse Bauer. — E de minha parte peço desculpas por não recebê-la no portão de desembarque.

Nesta época do ano, o tráfego.

— Sim, eu sei. Podemos ir, Inspetor?

Bauer ofereceu-lhe o braço, mas ela preferiu seguir atrás dele.

— Sente-se bastante bem para andar até o carro?

— Naturalmente.

— Ótimo — disse o Inspetor.

Bauer, Madeline e Koenig saíram para as rampas de estacionamento. A intervalos, Bauer virava-se e sorria para ela com ar protetor. Madeline não lhe dava atenção, mas olhava disfarçadamente em volta sua primeira visão da República Federal da Alemanha.

Koenig abriu a porta do carro. Madeline sentou-se desconfortavelmente no banco traseiro. O Inspetor sentou-se ao seu lado. Koenig dirigiu o veículo para o centro de Munique.

Passaram velozmente pelas casas da periferia, deixando para trás os pequenos jardins e os gansos na estrada. Madeline observava de olhos muito abertos. Sentia a presença do Inspetor a seu lado.

— Por que me olha? — indagou ela.

— Desculpe-me — disse Bauer.

O Inspetor ignorou o olhar de Koenig no espelho retrovisor. Olhou pela janela. Afinal, virou-se outra vez para Madeline e disse em voz baixa: — Sua chegada me deixa um pouco confuso.

— Por quê?

— Quando telegrafei, esperava que viesse o Diretor Cohen, ou até mesmo Blackmann.

— E agora?

— Estamos na Oktoberfest, Srta. Kress. Não existe Um quarto desocupado num raio de quilômetros. Nenhum hotel, pensão ou porão de igreja.

Bauer raciocinava rapidamente enquanto o panorama campestre cedia lugar aos quarteirões retilíneos da nova cidade. A viagem, que normalmente lhe dava prazer, agora enchia-o de maus presságios.

— Aceita ficar em meu apartamento, enquanto me hospedo com um colega?

— Naturalmente. Por que não?

— Não é exatamente o Sheraton Hotel.

— Não estou acostumada ao luxo.

— Ótimo — foi a única réplica que Bauer conseguiu arranjar.

Permaneceu virado para o lado oposto, vendo a cidade de Munique tornar-se mais alta em torno deles. As velhas gárgulas manchadas pelo tempo e pela chuva davam a impressão de assistir divertidamente a sua passagem.

Atravessaram o centro da cidade sob as torres gêmeas de cobre, a multidão de pedestres fantasiados e os bondes abrindo passagem para eles.

— Onde está a sinagoga? — perguntou Madeline de repente.

— Perdão?

— Havia uma sinagoga aqui.

— Não compreendo — disse Bauer.

— Ali — replicou Madeline, apontando pela janela do carro. Ali, onde está aquela fonte, existia uma velha sinagoga.

Bauer seguiu a direção do dedo dela. Ali, acima de um tanque branco, um Moisés de bronze erguia o cajado sobre a pedra e um fino jato de água jorrava em curva para o fundo do chafariz. Bauer olhou a escultura do topo até a base e, depois, virou-se para encarar o rosto desapontado da mulher israelense.

— É verdade disse ele. — Incendiaram-na. Eu tinha esquecido.

Atravessaram Munique num silêncio absoluto. De vez em quando, Madeline olhava atentamente para uma casa ou uma igreja manchada de depósitos minerais. Algum tipo de emoção parecia toldar-lhe as feições, algo que Bauer nunca vira antes.

Não obstante, ela se mantinha calada. A tarde caía e as luzes se acendiam por toda a cidade. As famílias dos bairros residenciais encaminhavam-se para o recinto da feira. Koenig, dirigindo com cuidado, parou o carro em frente ao prédio branco de apartamentos à margem do Isar.

— Venha comigo, por favor disse Bauer.

O Inspetor atravessou a calçada e Madeline o seguiu, carregando a sacola de viagem.

— Como eu disse, não é nada de especial disse Bauer, destrancando a porta do prédio.

No saguão, os espelhos refletiam as imagens de ambos.

Andaram pelo corredor acarpetado até a porta do apartamento de Bauer. Uma peculiar luz pálida iluminava o corredor interno. Bauer abriu a porta do apartamento.

O suéter do Inspetor, vários pratos e um livro aberto estavam espalhados no chão. O quarto, visível através de uma porta aberta, não estava arrumado. Havia uma garrafa de uísque sobre a cômoda na parede dos fundos do quarto.

Bauer entrou depressa no quarto e começou a arrumá-lo.

Tirou as roupas de cama. Voltou então para a sala, carregando várias revistas e xícaras de café vazias.

— Entre, por favor disse ele. Está começando a fazer frio.

O Inspetor limpou a cozinha e trocou as toalhas de banho.

O único ruído era o de seu trabalho. Pegou todas as coisas no chão da sala e as arrumou devidamente.

— Parece um pouco melhor, não é? — perguntou, embaraçado.

Madeline permanecia junto à porta aberta, ainda segurando a sacola de viagem. Continuou calada, observando o Inspetor com ar estranho. Bauer puxou uma cadeira na cozinha e fez sinal para que ela se sentasse.

— Café, Srta. Kress?

Madeline sacudiu a cabeça.

— Tem receio de estar aqui? — perguntou ele.

Madeline tornou a sacudir a cabeça.

— Não é receio, Inspetor. A sensação é muito diferente.

— Compreendo.

— Creio que não.

Bauer lhe ofereceu a cigareira de prata, mas ela não esboçou qualquer reação, de modo que ele tornou a guardá-la no bolso sem a abrir.

— Conheci sua capacidade no Yad Vashem — disse ele. — Espero que nosso trabalho em conjunto aqui seja igualmente proveitoso.

— Eu também, Inspetor.

— De todo modo, seu alemão é excelente comentou ele, sorrindo.

Não houve reação.

— Sabe — disse ele —, desde que estive no Yad Vashem minha cabeça anda cheia de pensamentos estranhos...

— Não estou interessada, Inspetor.

Bauer se calou.

— Se tem comentários a fazer, escreva um livro. Não estou interessada.

Bauer sorriu.

— É uma pessoa dura, Srta. Kress.

— Não sou dura — replicou ela. Tenho boa memória.

O Inspetor suspirou e se levantou da mesa.

— Aqui estão minhas chaves — disse ele. Não existem duplicatas. Encontrará meus telefones em cima da mesa. Esta noite estarei no Palácio da

justiça.

— À noite, Inspetor?

— Sim. Duas noites atrás outro homem foi assassinado.

Com uma comprida e pesada machadinha de açougueiro.

Numa travessa escura. Por isso fui autorizado a lhes telegrafar.

— Ele era um nazista?

— Não, Srta. Kress. Era um guarda-livros. Acontece que se parecia com Heinrich Himmler.

Madeline o fitou de modo irônico, mas também com curiosidade.

— Alguém anda por aí assassinando nazistas?

— Alemães que se parecem com nazistas.

— É uma diferença sutil, Inspetor.

Bauer tirou um cigarro com filtro da cigarreira de prata e o colocou nervosamente nos lábios. Uma espécie de agitação indefinível refletiu-se em seu rosto. Não obstante, lutou para se controlar.

— Não será um trabalho agradável, Srta. Kress — disse ele. — Não mais do que foi para mim no Yad Vashem.

Entretanto estou grato por sua vinda. Se quiser jantar, terei prazer em vir buscá-la.

— Não, obrigada. Estou apenas cansada.

— Nesse caso sugiro que durma o máximo possível.

Bauer ajeitou o pequeno chapéu preto na cabeça e alisou a parte lateral dos cabelos.

— Boa-noite, Srta. Kress.

O Inspetor, que julgava ter deixado aqueles sentimentos nos arquivos israelenses, percorreu os corredores com uma familiar sensação de receio. Abriu a porta da rua e saiu para a noite estrelada, onde Koenig escutava pacientemente o rádio do carro da patrulha.

— Desligue isso, por favor — disse Bauer.

Sentou-se no banco traseiro e Koenig dirigiu o carro com destino ao apartamento de Steinmann, onde Bauer ficaria alojado. O Inspetor olhou para as folhas de outono nas árvores. Estava cansado até os ossos. Sentia-se mergulhar num profundo e ominoso desalento. As casas e igrejas passavam velozmente pela janela do carro e a lembrança dos olhos de Madeline, como os de Picard, permanecia no espírito de Bauer à medida que as sombras negras das árvores ficavam para trás.

Sozinha nos aposentos do Inspetor, Madeline permaneceu sentada à mesa da cozinha. Então acendeu cautelosamente outra luz e passou para a sala. A

mobília, com sua pesada funcionalidade germânica, causava-lhe depressão.

Entrou no quarto. Ali, também, tudo era bem-arrumado, funcional e sem vida. O ambiente parecia pesado e morto ao seu redor.

Sobre a cômoda, os objetos do Inspetor: cachimbos, fotografias emolduradas, um pequeno tabuleiro de xadrez.

Madeline caminhou até onde estavam as fotos, para examiná-las. Na varanda de um chalé nas montanhas, um casal idoso sorria suavemente ao sol. Ao lado da fotografia, uma jarra de vidro cheia de moedas estrangeiras e selos europeus. Num porta-retratos, uma jovem de pernas compridas chamada Marlene sorria sentada num tamborete de bar. Parecia tão elegante, tão na moda, tão européia. Madeline pegou o retrato e o estudou com atenção.

Atrás dela, mais uma fotografia. O jovem Inspetor Bauer, num milharal, sorria para a câmera. O vento lhe soprava os cabelos. Usava o uniforme engomado e elegante da Wehrmacht.

Madeline recuou. Voltou à sala, fechando a porta do quarto. Despiu-se e se deitou no sofá, coberta com o suéter, sentindo uma fadiga estranha e desagradável.

Na luz difusa do apartamento do policial, Madeline Kress refletiu que talvez tivesse cometido um terrível engano.

Após longo tempo, levantou-se e foi ao quarto. Tirou os cobertores da cama e os levou para a sala, estendendo-os sobre o sofá. Então, deitou-se sob eles. Imediatamente aquela estranha fadiga levou-a a adormecer.

Assim como uma pluma cai de um pássaro em vôo, macia-mente, ondulando contra as misteriosas correntes de ar que se levantam contra ela, Madeline, escorregando da consciência para o sono, caiu no tempo e pairou de volta na escuridão.

O Isar fluía em saltos. Um rio azul borbulhando sobre as pedras, o Isar levantava uma névoa que chegava ao nariz de Madeline. A jovem Madeline postava-se no caminho calçado de lajes atrás da casa de sua mãe. Trazia uma cesta sob o braço.

Os cachos de seus cabelos roçavam-lhe de leve as orelhas. A caminho da padaria, parara um instante a fim de escutar a voz límpida de soprano da mãe que vinha de algum lugar da casa.

Transfixada, Madeline fitava o revoltado Isar azul e ouvia a triste canção outonal da mãe. O frio ar de outono e as águas turbulentas do Isar abaixo dos caminhos calçados de laje sempre lhe lembravam a mãe. A mãe e os saraus musicais.

Madeline tinha oito anos. Era verão e a casa estava em festa. Cheia de alegria. A nata dos judeus de Munique ali se reunira. Sob os brilhantes

candelabros, soavam ditos espirituosos e risadas. Sua mãe estava sentada ao piano. Uma mulher sentimental e morena exibia um sorriso distante e tocava Chopin. A admiração era evidente no olhar de todos os homens que a viam tocar. Era uma melodia suave e triste; Madeline a observava timidamente de um canto da sala.

Reinava grande tranqüilidade na sala.

Então, terminada a execução, Madeline, estimulada pelos sorrisos carinhosos e aplausos encorajadores, acompanhava a mãe ao violino. Juntas, terminavam a noite com uma "Serenata" de Schubert ou uma alegre valsa de Strauss. No final, enquanto morriam os ecos do último compasso, o aplauso, os ditos espirituosos e os risos voltavam a encher a sala festiva. E Madeline, segurando a mão da mãe, sentia que se tornara parte integrante de uma área privada e inatingível da alma da mãe.

Então, certo dia, sozinha em seu quarto, Madeline olhou pela janela. Já era outono outra vez, e sob os Alpes sombrios, vagamente visíveis através de uma cortina de névoa azulada, havia um trigal crescido onde a zona rural fazia limite com a cidade. Um campo dourado que ondulava à brisa matinal. Uma visão de incrível beleza, refletiu Madeline. E quando escutou a mãe no andar de baixo, rindo com o pai, deu-se conta de que nunca desejaria deixar aquela Alemanha. Todavia, nas cristas das colinas dos campos de trigo surgiram as silhuetas negras de homens que avançavam juntos, distante e metodicamente, brandindo alfanjes.

A unidade Einsatz entrava na cidade ou aldeia e ordenava que os judeus importantes reunissem todos os demais judeus para fins de "reinstalação". Exigiam-lhes que entregassem todos os seus valores e as roupas de agasalho. Eram transportados para o local de execução em caminhões e trens — sempre num número que pudesse ser executado imediatamente. Desse modo tentava-se reduzir ao mínimo possível o intervalo de tempo entre o momento em que as vítimas se davam conta do que lhes ia acontecer e a hora da execução.

Escondida sob uma mesa de cozinha, tendo recebido um pedaço de pão de sua benfeitora, a cozinheira, Madeline espiou cautelosamente pela janela. O campo de Auschwitz era cruzado por filas de judeus, umas se encaminhando para os barracões, outras para as valas. O sol era refletido pelas metralhadoras. As valas se enchiam de vítimas estrebuchantes. Todas elas morriam da mesma maneira, estremecendo de vez em quando numa última convulsão. Todos iguais, do camponês polonês à pianista de Munique. Madeline, espiando pela janela da cozinheira, tentou adivinhar que grupo morrera com sua mãe.

AO ESCRITÓRIO CENTRAL DE CONSTRUÇÃO DAS SS E POLICIA
AUSCHWITZ

ASSUNTO: Fornos crematórios 2 e 3 para o campo.

Acusamos o recebimento de seu pedido de cinco fornalhas triplas, incluindo dois elevadores elétricos para subir os cadáveres e um elevador de emergência. Também foi solicitada uma instalação funcional para alimentação de carvão e outra para o transporte das cinzas.

Garantimos a eficácia dos fornos crematórios, bem como sua durabilidade, o emprego do melhor material e nossa impecável mão-de-obra.

Aguardando suas ordens, estamos à sua disposição.

Heil Hitler!

C. H. Kori, G.M.B.H.

Madeline aguardava no barracão com as outras crianças.

Tinham sido reunidas na noite anterior e alimentadas duas vezes. Isto as intrigava muito, como comentou um menino, porque se estivessem destinados a morrer como os outros não seriam alimentados. Lá fora, visíveis através da vidraça suja, as fileiras de judeus recém-chegados avançavam como carneiros, em fila indiana, para o barracão dos chuveiros. Mas Madeline sabia que não eram banheiros. O cheiro agri-doce de carne queimada pairava sobre o campo quando o vento não soprava. Madeline tentou adivinhar quando iria morrer. E por que motivo ainda não morreria.

Outro melhoramento que fizemos com vantagem em relação a Treblinka foi que em Treblinka as vítimas quase sempre sabiam quando iam ser exterminadas, enquanto em Auschwitz nós nos esforçávamos para induzi-las a pensar que iam passar por um processo de eliminação de piolhos.

Quando os trens chegavam, o que viam as vítimas?

Gramados bem cuidados orlados por canteiros de flores. Os letreiros sobre as portas anunciando: BANHEIROS. Os judeus, sem desconfiarem, julgavam que estavam indo para um banho desinfetante, ao acompanhamento de músicas alegres. Pois havia, para recebê-los, uma orquestra de lindas crianças escolhidas entre os próprios internos do campo, que tocavam melodias alegres de operetas enquanto se realizava a seleção das vítimas.

Portanto, Madeline sobreviveu. Viveu porque tocava violino.

Os holofotes noturnos varriam as paredes internas dos barracões. A única refeição daquele dia consistira de pão e nabo. Estavam sendo alimentados com menor frequência, o que preocupava Madeline. Mas não a David, o flautista. Como sempre, ele tinha uma explicação.

— A guerra está indo mal para eles. Têm menos comida — sussurrou ele através do barracão, de sua cama no lado dos meninos.

Acomodada e aquecida entre lençóis limpos, Madeline observava as pequenas sombras produzidas pelos holofotes correrem pelos beliches e sumirem na escuridão. Aquilo se repetia a intervalos de vinte segundos. Podia escutar mulheres choramingando no outro lado do recinto do campo. Algumas tossiam. Madeline tinha certeza de que sua mãe estava morta.

O pai, porém, talvez estivesse vivo, trabalhando. Madeline prestou atenção nos guardas lá fora. Riam das meninas da "banda" judia. Madeline tentou adivinhar o que seria feito das crianças. E quando elas seriam mortas.

Mas os anos se passaram e a orquestra continuou a tocar.

Os trens chegavam, despejavam suas cargas de condenados ao som de "Bosques de Viena". Vinham homens de Munique, um dos quais se lembrava dos pais dela. Ele perguntou a respeito da Polônia. Ela perguntou a respeito da Alemanha. Por toda parte era a mesma coisa: era verdade os judeus estavam sendo exterminados. Dentro de um ano não haveria um judeu vivo sobre a terra.

Outro melhoramento que fizemos em relação a Treblinka foi que nossas câmaras de gás foram construídas com capacidade para duas mil pessoas de uma só vez, enquanto as de Treblinka tinham capacidade para apenas duzentas.

Mas Madeline sabia que nem todos os judeus morriam nos "banheiros". Os homens eram submetidos a experiências. Seus órgãos genitais eram extirpados ou transformados. Eram também colocados em recintos lacrados, das quais todo o ar era extraído. Eram mergulhados dias a fio, até mesmo semanas, em banheiras cheias de água gelada, até enlouquecerem e morrerem. As mulheres também serviam de cobaias para experiências. Inseminações artificiais. Operações nos seios. Mulheres grávidas eram submetidas a variadas formas de aborto. Tatuagens e amputações utilizadas como divertimento para os guardas. Crianças eram vítimas de experiências. Carrocinhas cheias de sapatos de crianças foram encontradas depois da guerra.

... também desejo lhe falar com bastante franqueza a respeito de um assunto muito grave. Era mencionado abertamente entre nós, mas nunca em

público...

Refiro-me... ao extermínio da raça judaica... Todos vocês devem saber o que significa quando cem, quinhentos ou mil cadáveres estão estendidos lado a lado. Enfrentar tudo aquilo e, ao mesmo tempo — fora algumas exceções decorrentes da fraqueza humana —, permanecermos gente decente foi o que nos tornou duros. Esta é uma página gloriosa de nossa história, que nunca foi escrita e jamais o será...

Madeline nem cogitava se Deus existia, pois era evidente que não. Não imaginava se havia humanidade, pois era igualmente evidente que não. Imaginava apenas quando tudo aquilo terminaria.

Então chegou o dia em que a música cessou. O dia em que Madeline deparou com soldados usando fardas estranhas e falando de liberdade. E apesar de parecer verdade, pois todos os espantalhos esqueléticos vestidos de pijamas saíram dos barracões e, com os olhos afundados nas órbitas, se misturaram livremente com os soldados, Madeline sentiu-se apenas frustrada por não estar junto com os outros nas valas.

De todos os que tinham morrido, de todos aqueles belos homens e mulheres espirituosos e alegres, restava apenas um punhado; imagens vagas e passageiras que agora, apesar de toda a sua férrea disciplina, Madeline nem mesmo em sonhos conseguia reviver.

Os velhos odores familiares de Munique entravam pela janela aberta. Uma brisa suave, trazendo consigo a aura do final de outono e a poeira fina das folhas coloridas, bem como a frescura dos campos lavrados que marginavam o cintilante Isar. Era um cheiro gostoso, tranquilo, tentador. Madeline remexeu-se inquietamente no sofá do apartamento do Inspetor Bauer.

MUNIQUE:

O Nono Dia da Oktoberfest

Capítulo 8

O Promotor era um homem que jamais perdia a calma ou a pose. Quando estava zangado, sorria a intervalos ou tamborilava com os dedos, mas conservava sempre um firme autocontrole. Chamava-se Hugo Flanck, um homem magro, franzino, com uma cabeça pequena precariamente equilibrada no pescoço miúdo. Agora, estava sentado à cabeceira de sua comprida mesa de reuniões, sorrindo e tamborilando com os dedos.

A sala era simples e funcional, desprovida de janelas e de decoração. Ao longo de um dos lados da mesa sentavam-se o Inspetor-Chefe Martin Bauer e o Inspetor Steinmann. Em frente a eles, estava sentado o corpanzil do Coronel Schuckert. O Promotor, porém, mantinha o olhar dirigido à outra cabeceira da mesa. Ali, a mulher com os espantosos olhos cinzentos puxava, uma a uma, as fotografias de uma pilha.

— Ernst Kaltenbrunner — disse Madeline, numa voz nivelada, desprovida de emoção. — Chefe de polícia das SS — substituto de Heydrich. Enforcado em Nuremberg, em 16 de outubro de 1946.

A fotografia de Ernst Kaltenbrunner foi passada ao Coronel Schuckert, que a examinou, e depois ao Inspetor-Chefe Bauer, que em seguida a entregou ao Inspetor Steinmann. O Promotor Flanck empurrou-a rapidamente para o lado.

— Martin Bormann — Chefe do Escritório do Partido a partir de maio de 1941 — disse Madeline. — Secretário pessoal de Hitler. Visto com vida pela última vez em 2 de maio de 1945. Paradeiro desconhecido.

A foto de Bormann foi passada ao Coronel Schuckert, que a examinou e meneou a cabeça em aprovação. Estendendo a mão sobre a mesa, entregou-a ao Inspetor-Chefe Bauer.

Steinmann estudou-a por cima do ombro de Bauer e depois a empurrou por cima da mesa para o Promotor. Os dedos tamborilantes de Flanck afastaram a foto para cima do retrato de Ernst Kaltenbrunner.

— Alfred Rosenberg — Chefe da Seção Política Estrangeira do Escritório do Partido. Enforcado em Nuremberg, em 16 de outubro de 1946.

Quando a fotografia de Alfred Rosenberg chegou a Flanck, os dedos tamborilantes travaram-na com uma pancada que ecoou pela sala clara e desprovida de decoração. Flanck sorriu, mas não havia sinal de humor em seus olhos.

— Já não é o bastante? — quis saber ele.

A sala ficou em silêncio; só o purificador de ar produzia algum ruído. O Coronel Schuckert olhou cautelosamente para o Promotor.

— Ainda não — declarou o Comissário.

O Promotor suavizou o tom da voz: — Acredita neste contra-senso, Coronel?

O Coronel Schuckert segurou diante de si uma cigarreira cinzelada e dela tirou um cigarro, tornando a fechá-la. O estalido foi mecanicamente perfeito e ecoou pela sala.

Schuckert encarou Flanck com firmeza enquanto batia a ponta do cigarro na cigarreira. Pesou cuidadosamente as palavras: — Não acredito em contra-sensos, *Herr* Flanck. Acredito que é agora: quatro horas da tarde — e o ano é 1973. Acredito que neste momento um homem está à solta em nossas ruas, usando uma machadinha de açougueiro para eliminar pessoas que se parecem com nazistas. O fato de ele praticar tal eliminação vinte e oito anos após o fim da guerra sugere que seja louco. É nisso que acredito. E quero descobrir mais.

O Coronel Schuckert acendeu um isqueiro mecanicamente perfeito. A ignição foi imediata: uma alta chama azulada apareceu acima do objeto de ouro. O Comissário acendeu o cigarro e soprou a fumaça pelas narinas. Virou-se para Bauer.

— Prossiga, Inspetor — ordenou ele.

O sorriso de Flanck se ampliou e ele se conteve, recostando-se no couro negro da poltrona.

O Inspetor-Chefe Bauer umedeceu os lábios e, com um olhar ao Coronel Schuckert, obedeceu. Jogou a foto da estação ferroviária de Auschwitz em cima da mesa, fazendo-a deslizar.

Em seguida, voltou-se para Flanck.

— É possível que pessoas que fizeram parte da equipe do campo de extermínio de Biruenau estejam em sua lista de vítimas.

Virou-se para Madeline, que continuava sentada com ar indiferente à extremidade oposta da mesa de reuniões, alerta mas alheia às tensões entre os alemães.

— Srta. Kress — disse Bauer.

Madeline abriu um grande envelope de papel pardo e tirou uma pilha de fotografias. Passou-as vagarosamente ao Coronel Schuckert, uma a uma,

enquanto falava. Schuckert, por sua vez, entregou-as aos policiais no lado oposto da mesa.

— Estas são as fotografias da equipe encarregada do campo de Auschwitz — disse ela.

Uma foto chegou às mãos do Inspetor-Chefe.

— Dr. Mengele — encarregado dos internos.

Outra fotografia passou para as mãos grandes do Coronel Schuckert.

— Seus auxiliares: Dr. Rhode...

As fotos iam sendo passadas ao longo da mesa até Flanck.

— Drs. Tilot, Klein e Muller.

As fotografias se empilhavam em frente aos dedos tamborilamos de Flanck.

— Os ajudantes: Tauber, Kramer, Emmerich, Froelich.

Madeline tirava fotografias da pilha em seu colo.

— Chefe do Campo Feminino *Frau* Mandel.

Os policiais alemães fitavam os rostos ressuscitados do passado. Diferentes expressões passageiras surgiam nos olhos e lábios de cada um deles. Bauer fixava com olhar duro as fisionomias primitivas e sádicas do Terceiro Reich. Flanck continuava a ignorar as fotos, esperando com impaciência.

— Havia outros: Stiblitiz, Perschel, Honig — e muitos funcionários. Mas não tenho as fotografias deles.

Madeline se recostou na poltrona. O Promotor Flanck mirou-a com olhos duros e, em seguida, virou-se para Bauer.

— Muito instrutivo, Bauer — comentou. — Mas em que o ajuda a pegar um assassino?

— Acho que devemos publicar essas fotos nos jornais de Munique.

O sorriso de Flanck se ampliou.

— Você está brincando — disse ele.

— Existem nesta cidade pessoas que se parecem com esses retratos. O assassino estará procurando por elas.

Podemos encontrá-las antes dele e utilizá-las como iscas.

Flanck olhou em volta a fim de verificar as expressões dos demais membros da mesa. Eram neutras, de modo que ele voltou a encarar Bauer.

— Quer dizer simplesmente... entregá-las aos jornais?

Bauer umedeceu os lábios e passou as pontas dos dedos pela testa.

— Não vejo alternativa — replicou. — A menos que o senhor esteja disposto a assumir a responsabilidade por quaisquer assassinatos futuros.

Flanck se levantou devagar e andou até o lado da mesa onde estava Bauer. Todos os olhares se concentravam no Promotor.

— Não, Inspetor. Por enquanto a responsabilidade é toda sua — disse

Flanck, medindo as palavras, parecendo experimentá-las nos lábios finos antes de falar. — Posso acrescentar, porém, que se a sua melhor sugestão é estampar essas teorias malucas nas primeiras páginas dos jornais, creio que deve ser retirado do caso.

O Coronel Schuckert suspirou.

— Tal decisão caberia a mim, *Herr* Flanck declarou ele.

O sorriso mortífero de Flanck dirigiu-se ao Coronel por cima da mesa.

— Tem toda razão, Coronel concordou o Promotor, andando silenciosamente pela sala com seus sapatos de solas de borracha. — Tem toda razão. Com efeito, são quatro horas da tarde, Vinte e oito anos se passaram. Os nazistas estão mortos. Durante vinte e oito anos a Alemanha pagou pelos crimes que eles cometeram — E Flanck tornou a encarar Bauer — e pagou e pagou...

O Promotor parou atrás de Bauer. O sorriso sumiu de seu rosto.

— Meu Deus, Bauer! — prosseguiu ele com voz rouca, num tom de súplica. — Mal fechamos a porta sobre a terrível tragédia e você aparece para sugerir que estampemos uma completa restauração do passado em todos os jornais do mundo! Perdeu o juízo? Não entende as implicações de sua proposta?

O rosto do Coronel Schuckert ficou rígido ao observar o minúsculo Promotor.

— Muito bem, Flanck — disse o Comissário. — Por enquanto esqueceremos os jornais.

Virou-se vivamente para Bauer.

— Vamos em frente com isto, Bauer. O que está sendo feito em termos práticos?

— Estamos verificando todas as instituições para doentes mentais na Alemanha. São mais de quinhentas. As prisões, arquivos políticos e hospitais de vítimas da guerra estão sendo investigados. A única pista concreta é essa fotografia da estação ferroviária de Auschwitz. É bem possível que o assassino tenha passado algum tempo no campo de concentração durante a guerra. Se existirem arquivos completos dos prisioneiros, poderemos finalmente identificá-lo.

A voz de Madeline Kress veio da outra ponta da mesa de reuniões: — Eles destruíram os arquivos.

Os homens se viraram para fitá-la. O rosto dela estava iluminado por um sorriso estranho, a um só tempo confiante e cheio de ódio.

— Queimaram os arquivos junto com os cadáveres — disse a mulher.

Flanck debruçou-se sobre a beira da mesa.

— Podemos confiar nela? — indagou.

Bauer se ergueu, furioso. Sua poltrona caiu para trás. O Coronel Schuckert

também se levantou e colocou a mão no ombro de Bauer, contendo-o.

— Eu sou responsável pela Srta. Kress, *Herr* Flanck declarou o Comissário.

Passou por Bauer e, sorrindo, andou em direção a Madeline. Com uma espécie de encanto prussiano, falou em voz bastante alta para que todos escutassem.

— Muitíssimo obrigado, minha cara — disse ele. Por toda a sua ajuda. E agora, tenho certeza de que está faminta.

Voltou-se ligeiramente para Bauer, que ainda encarava raivosamente o Promotor.

— Ei, Bauer...

Com visível esforço, Bauer desviou o olhar de Flanck e se virou para o Coronel Schuckert e Madeline.

— Senhor?

— A Srta. Kress está com fome — disse o Coronel Schuckert. — Se você não tomar uma providência, eu certamente tomarei.

— Pode deixar por minha conta, senhor — disse Bauer.

Aproximou-se da poltrona onde estava sentada Madeline e seu rosto assumiu uma expressão mais suave.

— *Herr* Flanck — disse o Coronel Schuckert — teremos uma nova conferência quando o caso progredir.

Os policiais de Munique saíram da sala, o Coronel Schuckert conduzindo Madeline através da porta dupla. Flanck observou a partida deles num silêncio controlado. Quando o som dos passos morreu no corredor, o Promotor estendeu a mão para a mesa e empurrou com raiva as fotografias para longe de si. Ernst Kaltenbrunner e trinta e três judeus trajando pesados sobretudos, parados na plataforma da estação ferroviária de Auschwitz, caíram pela beirada oposta da comprida mesa de reuniões, rolando na sombra e ficando no chão.

— Oh, meu Deus sussurrou a mulher.

O grupo encolhido na escuridão prendeu a respiração.

Fumaça de cigarros subia para o teto. Então, lá na frente, a acrobata equilibrada numa cadeira que, por sua vez, estava equilibrada sobre uma bola, que a seu turno rolava sobre uma mesa, levantou um dos braços e se equilibrou apenas no outro.

A platéia, como se fosse uma só pessoa, soltou o ar dos pulmões e aplaudiu. A banda começou a tocar então e a equilibrista, uma jovem magra de seios pequenos com um traje de *lamé* branco, pulou da cadeira e pegou a bola.

Curvando-se repetidamente para agradecer os aplausos, recuou em direção aos bastidores enquanto o público ovacionava estrondosamente. O tumulto cessou aos poucos, cedendo lugar ao barulho de conversas e tilintar de copos.

Martin Bauer serviu mais vinho no copo de Madeline Kress. Estavam sentados a uma mesa no balcão, acima do palco, tendo atrás de si uma cortina de veludo vermelho.

Bauer imaginou perceber um brilho de prazer no olhar da israelense, mas, quando esta se voltou depois que as luzes se acenderam, mostrava-se tão dura e firme como sempre.

— Mudou o penteado — comentou o Inspetor. — Fica-lhe bem. É menos severo.

A mulher fascinava Bauer. Havia nela algo de germânico e, não obstante, totalmente estrangeiro.

— Dança, Srta. Kress?

— Acho que devemos ficar bem entendidos, Inspetor.

Estou aqui para ajudá-lo a pegar um assassino. Nada mais.

Bauer se ruborizou um pouco. A orquestra passou a tocar uma melodia mais alegre e ele observou os casais mais jovens ocuparem a pista de dança. Afinal a dança terminou e a música se tornou um improviso.

Bauer se voltou mais uma vez para Madeline.

Então permita perguntar-lhe uma coisa, Srta. Kress.

Conhece Munique, não é mesmo?

— Nasci aqui.

— Onde?

— Perto do Cemitério Velho do Sul.

— A beira do rio? — indagou Bauer.

— Junto à ponte de Wittelsbach.

Bauer anuiu com a cabeça.

— Deve ter... emoções por voltar aqui.

— Nenhuma. — Nenhuma?

Ela sacudiu os ombros, embora não com total indiferença.

— Eu morri aqui, Inspetor. Agora, nada significa para mim.

Bauer baixou os olhos e disse baixinho: — Creio que compreendo.

— Duvido, Inspetor. Não pode compreender.

A réplica de Martin Bauer foi abafada pela onda de aplausos que se ergueu da platéia. As luzes diminuíram. Por um instante a escuridão foi total. Então o *spotlight* incidiu sobre a estonteante figura de uma mulher que parecia ter sido moldada num vestido longo e muito justo de lantejoulas, parada diante de um microfone. O público fez silêncio enquanto a orquestra tocava uma lânguida introdução. A mulher começou a cantar.

"Oktoberfest..."

*Oktoberfest...
Quando os corações se unem...
E representam uma cena...
Uma pantomima...
Uma triste charada...
A pilhéria de outono...
Oktoberfest..."*

Bauer notou que Madeline parecia nada ver ou escutar.
Várias pessoas na platéia também começaram a cantar:

*"Novembro canta...
Dezembro aplaude...
Setembro traz...
As lágrimas de outubro...
Os suspiros de outubro, As mentiras de outubro...
Oktoberfest...
Oktoberfest..."*

Os olhos de Bauer percorreram o recinto, afastando-se da cantora que parecia presa no círculo de luz branca, passando pelas fileiras de fregueses que escutavam tristemente a voz forte e inebriante, pousando finalmente nos olhos límpidos e cinzentos de Madeline que miravam fixamente o vinho em seu copo intocado. Era imaginação ou o que ele via sob aquele verniz de raiva e hostilidade seria mesmo tristeza e até mesmo solidão? De repente Bauer se sentiu estranhamente comovido.

— O sofrimento... tem sido universal — disse ele, debruçando-se sobre a mesa. — Creio que hoje em dia você encontrará na Alemanha uma grande comiseração e simpatia pelas vítimas do passado.

— Como a de Flanck? Ele é piedoso?

— Sinto muito quanto a Flanck. Mas ele é apenas ambicioso. Aquilo nada tem a ver com você, pessoalmente.

— É difícil acreditar.

— Será que não entende? disse Bauer, baixando o olhar e escolhendo as palavras. — Na última guerra só existiram vítimas. Talvez agora, finalmente, seja tempo de...

— Perdão?

Bauer ergueu os olhos.

— Se não perdão... ao menos compreensão.

— Mil turistas alemães visitam Israel todos os anos, e todos eles desejam a mesma coisa — disse Madeline, encarando o Inspetor com seus olhos duros e brilhantes. — Bem... eu não a posso dar a eles. E não a posso dar ao senhor, Inspetor. Não me interessa ouvir a respeito de seus pequenos remorsos.

Um tom vermelho subiu pelo rosto do Inspetor, que ficou calado. Em torno deles, uma centena de vozes se juntaram à cantora numa repetição do estribilho final:

*"Portanto, vamos viver...
Pela paixão...
O que o verão nos dá...
Outubro nos tira...
Vamos viver pela alegria...
Pelo amor e a cerveja...
E esquecer o resto...
Oktoberfest..."*

A canção terminou num sussurro. A aprovação do público se traduziu numa ovação. Enquanto a cantora agradecia, recuando para os bastidores, a orquestra passou a tocar um suave *jazz* americano. Durante todo o tempo, os olhos de Madeline permaneceram fixos no rosto do Inspetor.

— Como acha que sei a respeito de Kaltenbrunner? E Klein? E Tauber? — retomou ela quando o tumulto começou a diminuir. — Passei por uma dura escola para aprender a respeito deles. Não conseguiria esquecê-los, mesmo que desejasse. Eles mataram minha mãe, meu pai, meus irmãos e toda a minha gente. E eram alemães educados, obedientes e normais, exatamente como o senhor!

Bauer ficou pálido.

— O que há de errado, Inspetor? O senhor nega isso?

— Não — disse Bauer em voz baixa. — Não isso.

Madeline acompanhou a direção do olhar dele para a mesa. Ali, o pulso da israelense estava à mostra abaixo do punho do casaco de *tweed*. Ela retirou a mão da mesa e o número azul tatuado tornou a desaparecer sob a manga do casaco.

O Inspetor permaneceu calado por algum tempo. Afinal, inclinou-se para a frente, embora ainda não enfrentasse os duros olhos cinzentos.

— O que você diz é verdade — concordou ele. — Mas ainda continuamos vivos. Você é uma mulher atraente, mas, apesar disso, passa os dias num

mausoléu, rodeada de cadáveres.

— Não são cadáveres, Inspetor — interrompeu Madeline, quase num sussurro. — São o meu povo.

Antes que Bauer pudesse ajudá-la, ela se levantou e vestiu o casacão. Os dois abriram caminho por entre a multidão agitada à porta de entrada e tornaram a sair para as ruas fortemente iluminadas.

Na fonte de Wittelsbach, busca-pés explodiam sob seus sapatos e pegaram Madeline completamente de surpresa. Ela procurou apoio, encostando-se no Inspetor, embora se sentisse perturbada por tocá-lo. Bauer conduziu-a através da multidão. Embarcaram no Mercedes azul do Inspetor.

Atravessaram calados o Isar. Bauer penetrou um pouco na zona rural, a fim de acalmar os nervos de Madeline, e depois regressou à cidade. Um vento brando soprava sobre o capim crescido. Sapos coaxavam nas poças ocultas. Tornaram a atravessar o rio Isar, cujas águas escuras e turbulentas espumavam entre os juncos.

— Srta. Kress disse Bauer.

Enquanto o carro passava pelos raios de luar que se filtravam por entre as árvores, ele olhou para o lado e viu que ela estava dormindo. Os longos cabelos castanhos se espalhavam sobre o encosto do banco e o rosto magro parecia, pela primeira vez, tranqüilo. O Inspetor olhava para ela a intervalos, enquanto guiava o automóvel na direção de casa.

— Srta. Kress.

Ela acordou, sobressaltada.

— Estamos em casa — disse o Inspetor.

Saltaram para o ar frio de outono, caminhando sobre as folhas secas espalhadas no gramado e evitando as escuras raízes de carvalho que emergiam da terra. Chegaram à porta do prédio de apartamentos onde residia Bauer.

— Boa-noite, Inspetor — disse Madeline. — Obrigada pelo jantar.

— Boa-noite, Srta. Kress.

O Inspetor curvou-se cortesmente e voltou ao carro.

Madeline fechou a porta do apartamento. Em seguida abriu as venezianas, como se nunca houvesse ar suficiente nos aposentos do alemão. Seus sapatos faziam barulho nos ladrilhos.

Ela pegou uma chaleira na prateleira e, com o apartamento ainda às escuras, encheu-a de água e colocou-a sobre um bico de gás no fogão. Tirou da prateleira uma xícara e um pires. Sentou-se na cozinha escura, perto das cortinas de renda branca sopradas pela brisa, e tentou entender por que voltara à Alemanha.

A Alemanha parece tão tranqüila, refletiu ela.

Sempre fora tranqüila. A ponte de Wittelsbach. A velha sinagoga. Mercados

e flores. Até as marchas. Então, tudo começou. Uma procissão de imagens lhe passou pela mente, fora de seu controle: os incêndios, as zonas de triagem em Munique, os vagões de carga, as mortes, os assassinatos diários...

A chaleira apitou.

Madeline, suando, sentindo-se prestes a desmaiar, desligou o gás e tentou controlar melhor os pensamentos.

Nervosa, tremendo com um frio interior, sentou-se no escuro, sozinha. Ainda não conseguia entender por que voltara.

Capítulo 9

A noite progredia. Munique comemorava sua provação.

Ninguém dormia. Milhões de pessoas pululavam nas ruas, dançando, farreando e bebendo, espalhando-se agora pela cidade velha e pelo recinto da feira. Formavam-se grupos nos prados fora da cidade, até locais distantes como Schleissheim e Dachau, as pequenas aldeias iluminadas até a madrugada.

Só a vizinhança do canteiro de obras parecia estranhamente intocada pela alegria. Ali, o barulho estridente das comemorações não passava de um rumor distante.

No interior do acanhado abrigo no prédio abandonado em ruínas, o homem estava sentado, paralisado de medo, mal ousando respirar. Uma bola de criança passara pela estreita fresta na base da parede destruída e rolara até junto do seu pé esquerdo. Fora do abrigo e de seu campo de visão, duas pessoas travavam um diálogo tenso.

— O que está fazendo? — perguntou a forte voz masculina.

— Minha bola — respondeu uma voz de menino. — Entrou ali.

— Já passa das dez horas. O que está fazendo na rua tão tarde?

— Apenas brincando.

— Brincando'? A esta hora da noite?

— Meus pais estão nos pavilhões.

— Compreendo — disse a voz forte, com um toque de humor. — E enquanto os gatos foram passear o ratinho resolveu divertir-se um pouco. Muito bem, tome cuidado...

Deixe-me dar uma espiada.

O barulho de pedras e terra no lado de fora do abrigo assinalou a aproximação de passos. Entre grunhidos e gemidos, um vulto escuro desceu ao

nível da abertura.

Silenciosamente, o homem estendeu a perna e deu um leve empurrão na bola em direção à abertura; mas uma pedra saliente desviou o impulso e fez a bola descrever uma curva no sentido de um recesso mais profundo do abrigo. Antes que o homem conseguisse remediar a situação, o forte brilho de uma lanterna elétrica penetrou pela abertura, lançando um fecho explorador que dançava nas proximidades do estreito recinto. O homem comprimiu fortemente as costas contra a parede de tijolos e prendeu a respiração. Por duas vezes o fecho de luz passou pela sola empoeirada de seu sapato esquerdo, mas, felizmente, não parou. Afinal a luz incidiu sobre a bola e se fixou nela.

— Estou vendo — disse a voz forte.

De repente, como se provida de vontade própria, a lanterna elétrica se esgueirou pela fresta e penetrou no abrigo. Com ela vieram uma mão e uma manga azul, cujo punho trazia os bordados dourados da autoridade.

O homem continuou a prender a respiração, enquanto a lanterna tentava puxar a bola em direção à abertura. A certa altura, a mão que segurava a lanterna chegou a roçar no sapato do homem, provocando um choque de medo animal que lhe percorreu o corpo tenso. Não obstante, ele conseguiu manter a postura de total rigidez, os olhos brilhantes e febris esbugalhados pela tensão. Finalmente a lanterna e a bola saíram pela abertura, deixando o abrigo.

— Tome aqui, agora — disse a voz forte, ligeiramente ofegante. — Vá para casa — e depressa!

— Obrigado — disse a voz do menino.

O som de passos que se afastavam — os passos mais leves correndo, os mais pesados avançando vagarosamente — sumiu paulatinamente, mesclando-se ao barulho distante que vinha dos pavilhões. Só então o homem se deu o direito de aliviar os pulmões prestes a estourarem.

Depois disso, os únicos ruídos nas proximidades do canteiro de obras foram uma tosse áspera, seguida por outro som mais suave: o de um homem chorando.

No Palácio da Justiça, o Inspetor Steinmann postara-se diante de Koenig. A seu lado, a cafeteira da mesa telefônica do saguão principal.

— Conte-me outra vez o que aconteceu — disse Steinmann.

— Perguntei ao comandante americano se houve ausências não autorizadas no primeiro, segundo e sexto dias da Oktoberfest, especificamente, ou, em geral, durante aquela semana...

— Mas não viu as listas de chamada.

— Não, senhor.

Steinmann serviu-se fatigadamente do resto do café da cafeteira metálica.

Olhou para o líquido no fundo da xícara, levou-a aos lábios, fez uma careta, tornou a colocá-la em cima da mesa. No corredor distante, dois guardas uniformizados conduziam um jovem de cabelos untados de gomalina, penteados para trás, completamente embriagado e querendo resistir à prisão.

— Agora, ouça, Koenig — disse Steinmann. — Você cometeu um erro. Não conhece o comandante. Não sabe que tipo de homem ele é. Talvez ele ficasse embaraçado quando você falou em "ausências não autorizadas". Você não pode ter certeza.

Steinmann fez uma pausa. Depois acrescentou: — E você não pode se deixar intimidar. Era seu dever examinar as listas de chamada.

— Eu não tinha autoridade, senhor.

Uma mulher fantasiada entrou no saguão, chorando histericamente. Steinmann fez sinal para o guarda de plantão, que se levantou com um suspiro e andou devagar em direção à mulher cambaleante.

— Agora, veja o Inspetor-Chefe — disse Steinmann, voltando-se novamente para Koenig. — Como chegou ao posto de Inspetor-Chefe? Por que é inflexível. Nunca se deixa intimidar, Steinmann ergueu um dedo.

— Foi a Paris e ao Oriente Médio com grande despesa pessoal. E risco, Koenig, risco — por causa de um caso que o intrigava.

— Sim, senhor.

Steinmann decidiu, finalmente, tornar o café. Fechou os olhos e esvaziou a xícara num gole rápido e desagradável.

— Tome-o como exemplo, Koenig, na próxima vez em que sair em campo. Ou será o guarda mais velho na história da Polícia de Munique.

— Sim, senhor.

Steinmann gesticulou com a mão, indicando que Koenig devia retirar-se. Koenig bateu os calcanhares e partiu pelo corredor com renovada energia. Steinmann, observando-o afastar-se, sacudiu a cabeça.

O Inspetor consultou o relógio. Estava quase na hora.

Ainda haveria tempo de ir ao recinto da feira e, se bebesse com rapidez suficiente, poderia recuperar a desvantagem.

Estendeu a mão para a mesa telefônica e ligou para Marlene.

Steinmann partiu em seu carro novo, que brilhava sob as luzes do festival, em direção ao apartamento de Marlene. A multidão cercava o automóvel. Por toda parte os matizes dos corpos tremulavam sob as luzes balançantes.

Hugo Flanck bateu o fone no gancho. Tornou a erguê-lo rapidamente.

— Não, não. Quero falar diretamente com ele.

Impaciente, esforçou-se por escutar a voz da telefonista de ligações

interurbanas. Na sala ao lado, a Oktoberfest estava em pleno progresso. Mulheres soltavam risos estridentes e o horrível *rock* americano, que parecia ter tomado conta de Munique, enchia o ar com seus sons metálicos. Flanck esmurrou a parede, mas em vão.

— Promotor Flanck! berrou ele para a telefonista.

Tamborilou com os dedos no tampo da mesa. Depois, seus dedos compridos e finos mexeram nos papéis sobre a mesa, arrumando e tornando a colocá-los em fila. De repente os dedos se aquietaram e ele sorriu.

— Boa noite, senhor disse com voz suave. — Sei que ó tarde, mas a linha... Sim, de Munique... Espero que o senhor não estivesse dormindo... — Flanck segurava o fone com ambas as mãos. — Sim... uma série de estranhos assassinatos aqui... Talvez a notícia já tenha chegado ao norte... uma estranha relação ... — Flanck continuou a falar, pronunciando claramente as palavras no telefone negro: — Não só na qualidade de Promotor, mas como seu amigo pessoal e membro da Coalizão, sentime no dever de lhe falar diretamente...

Quando terminou e desligou, o sorriso se desfez muito devagar, embora persistisse enquanto outras idéias cruzavam a mente de Flanck, até distorcer-se totalmente e ser substituído por uma expressão irreconhecível.

A conversa transcorrerá bem? Sim, muito bem. Ele fizera um favor pessoal ao alertar o Ministério. As coisas só podiam correr bem de agora em diante.

Flanck respirou profundamente o ar frio que vinha das colinas. Agora, o barulho da Oktoberfest soava-lhe como música aos ouvidos. Por um momento passageiro, o Promotor pensou em participar da festa ao lado, mas se conteve. Em vez disso, ainda muito excitado, olhou pela janela. As estrelas cintilavam acima das campinas, límpidas e eternas, parecendo transmitir-lhe uma mensagem secreta de poder que ele apenas conseguia perceber. As ambições de Flanck tinham objetivo.

E ele se orgulhava de ser alemão. Orgulhava-se de pertencer ao forte e infatigável povo alemão.

Deseja mais alguma coisa, querido?

Não houve resposta.

A mulher, usando um *negligée* branco, carregava numa pequena bandeja de prata um copo e uma garrafa de cristal contendo conhaque cor de âmbar. Pousou a bandeja na mesinha mais próxima ao marido. Após vinte e dois anos de casamento, sabia quando ele desejava estar sozinho.

O Coronel Schuckert deixou de lado o charuto. Estendeu a mão para o copo de conhaque e bebeu devagar. Depois, recolocou-o na bandeja, vazio.

Os letreiros fluorescentes de Munique emprestavam uma sutil coloração

vermelha às cortinas da sala. Fagulhas silenciosas saltavam nas esquinas onde os bondes azuis faziam curva. A Porta de Karl cintilava à luz das festividades.

Normalmente o Coronel Schuckert gostava de observar aquela mudança de luzes, as fisionomias dos jovens que se esquivavam do tráfego, rindo com excitação juvenil, e a própria Oktoberfest Mas o assassino da machadinha atacara o Coronel tão efetivamente quanto agredira suas vítimas. E agora o Comissário sentia que o tumulto lhe causava uma grande sensação de pesar.

Pois o Coronel Schuckert se lembrava. Após quatro horas na sala com a jovem mulher israelense, o Comissário não podia deixar de lembrar-se.

Aquelas mesmas praças e ruas estreitas cheias de camisas pardas e pretas, os jovens hipnotizados, os assassinatos e espancamentos todas as noites, enquanto o Exército se mantinha indiferente. A situação escapara ao controle. Uma vez iniciada, ninguém poderia deter a insanidade do cabo austríaco.

O Coronel Schuckert levou aos lábios o copo de conhaque, mas constatou que estava vazio... Mas aquela Alemanha devia ter perdido o juízo...

— Está ficando tarde, querido — veio a voz suave da outra extremidade da sala.

O Coronel Schuckert se voltou. Silhuetada de encontro às luzes do lustre do vestíbulo, estava a figura da mulher em quem ele confiava mais do que em qualquer homem ou instituição no mundo. Ela o aguardava.

— Um pouquinho de conhaque, por favor disse o Coronel Schuckert em voz baixa.

Virou a cabeça e escutou o barulho da garrafa de cristal de encontro a outro copo.

— Muito obrigado, querida disse o Comissário.

— Maluco! — berrou uma mulher.

Lá embaixo, um motorista guiava em ziguezague, dispersando os pedestres na avenida. O Coronel Schuckert debruçou na janela.

Depois da guerra, o Coronel Schuckert liderava patrulhas naquelas ruas, procurando saqueadores. Foi quando os alemães clamavam pelo gás Cyclon B. Indignados contra o fato de que o gás fosse entregue aos judeus. Quando as bombas caíam diariamente. Abuso. Loucura.

— Ora, Heinrich — disse a mulher, saindo das sombras. — Seus olhos... você tem lágrimas nos olhos.

— Excesso de conhaque — replicou sorrindo o Coronel. — Você sabe, os olhos...

Olhou tristonhamente para os rostos das pessoas que se apressavam, correndo nos cruzamentos, carros buzinando, gente gritando.

— ... os olhos vêem demais — concluiu o Coronel.

Até então, cinco homicídios, três dos quais envolvendo uma machadinha de açougueiro e mutilação dos cadáveres.

Sete espancamentos, duas tentativas de suicídio. Os casos de vandalismo eram numerosos demais para já terem sido contados. Diversos estrangeiros se queixavam do desaparecimento de suas esposas. A polícia estava assoberbada. Não obstante, esta era a melhor Oktoberfest desde a guerra. As cervejarias nunca tinham visto nada semelhante. Até agora, três milhões de litros de cerveja de duplo teor alcoólico haviam sido consumidos — e o festival ainda estava na metade. Cinco toneladas de peixes de água doce, assados vivos sobre longas pilhas de brasas de carvão enfileiradas no solo, que brilhavam e crepitavam até altas horas da madrugada. Bois, espetados inteiros, giravam lentamente sobre as churrasqueiras ao ar livre. Lingüiça — quantidade suficiente para formar um cordão em torno dos limites da cidade. E assim por diante. Dinheiro estrangeiro jorrava como água.

— Vamos! — gritou Steinmann para a janela de Marlene.

Chegaremos atrasados!

Marlene desceu correndo, usando um curto casaco branco, o cabelo cortado à altura das orelhas e virado para a frente.

Entrou no carro e Steinmann dirigiu como um louco com destino ao recinto da feira.

Estacionaram e depois começaram a abrir caminho por entre a multidão que se acotovelava à entrada do pavilhão.

Marlene segurou a mão de Steinmann e juntos penetraram no calor do povo, lutando por um espaço para dançar. O barulho era insuportável.

A banda, num palco, tocava, estridentemente, as grandes canecas de cerveja marcavam o ritmo nos tampos das mesas, os estudantes e marinheiros, quase enlouquecidos pela cerveja, pulavam e giravam num espetáculo pulsante e confuso. Steinmann e Marlene dançaram, dançaram, dançaram, exaustos e suados, perdidos no contínuo delírio da Oktoberfest.

Estavam na maior cervejaria do mundo. As flâmulas azuis e amarelas pareciam descer do céu e a banda, com os tambores e instrumentos metálicos tocando entre meio hectare de alemães, carregava Steinmann como se este fosse uma rolha de cortiça numa onda.

Steinmann estava ficando embriagado. Bebia e bebia, até que a multidão se transformou em rostos desprovidos de corpos, que flutuavam diante de seus olhos em estranhos tons coloridos. Bebia das canecas dos vikings, ursos, palhaços, bávaros e seus reis e príncipes, até que o calor o engolfou e sufocou. De repente, sentou-se numa cadeira, sem perceber, e riu.

Ainda rindo, deixou a mesa e passou por Marlene, encaminhando-se à porta. Junto à entrada, um velho praticamente caiu sobre ele, abraçou-o e fez sinal para que se sentassem juntos e tomassem uma caneca de cerveja. Steinmann riu e empurrou suavemente o velho de volta à multidão. O Inspetor saiu para a noite negra, fria e límpida como o universo original.

Ali, sob as estrelas, cambaleou pelo pouco de grama que ainda estava viva no terreno, rindo consigo mesmo, sentindo o cheiro da fria brisa de outono que soprava dos campos de feno.

À distância, à sua frente, iluminadas de baixo, estavam as barracas dos "cadáveres da cerveja". Homens e mulheres que bebiam até não mais conseguirem se lembrar dos próprios nomes, muito menos dos locais onde residiam, de modo que passavam a noite dormindo ali. Steinmann riu; ainda não era um cadáver. Encostou-se num poste telefônico.

As pessoas fluíam e se mesclavam coloridamente, com violência, umas às outras. Agora, longe delas, Steinmann olhou para os sete pavilhões alinhados na orla da campina. De cada um deles partia um rugido — o rugido de canecas batidas contra as mesas, de canções, de botas marcando o compasso nos bancos e nas mesas de madeira. Adultérios, cenas de pugilato. O rugido do grande festival alemão.

Steinmann fechou os olhos e vomitou à sombra do poste telefônico, enquanto o sino distante de uma igreja badalava a meia-noite.

MUNIQUE:

O Décimo Dia da Oktoberfest

Capítulo 10

Hilda Dorn saiu meio cambaleante da cervejaria. Uma mulher ainda jovem, com cerca de 24 anos de idade, cabelos louros — oxigenados — e um vestido preto com alças frouxas, ela era bonita. Tropeçou ao andar pela calçada. Lá dentro, os homens sentavam-se rigidamente, como estátuas de madeira, embriagando-se. Não obstante, fora uma noite boa para Hilda.

Tinha dinheiro no bolso. O estridente som de acordeão vinha da cervejaria.

A lua não estava visível; uma luminosidade prateada se filtrava por entre as nuvens. As folhas secas de outono amontoavam-se na base dos gradis de ferro e a brisa soprava diretamente dos campos, trazendo frescor e o cheiro de pólen.

Nas sombras de uma travessa, um homem observava Hilda.

— Venha disse ela, piscando o olho esquerdo. Não seja tímido.

Velhos arcos se curvavam sobre as ruas calçadas de lajes.

Os pássaros, negros no escuro da noite, tinham feito ninhos nos pórticos e de seus vultos bicudos, que voavam em círculo e logo voltavam a pousar, partiam pios tristonhos. O estilo rococó, trazido da Itália para a Alemanha por Ludwig I, enfeitava a noite com suas compridas colunas retorcidas, as pequenas figuras esculpidas em pedra emaranhando-se umas nas outras. Hilda caminhava pelas velhas ruas estreitas, os sapatos vermelhos brilhando.

Seus quadris rebolavam metodicamente. Ela soluçou. O som ecoou. Hilda riu. Que absurdo, soluçar entre pedras tão imponentes. Ela arrotou baixinho.

— *Du, du, liegst mir im Herzen* (Tu, tu moras no meu coração) — provocou ela.

Olhou para trás. Hesitante, o homem a seguia de longe.

Ao longo da comprida travessa existia uma única lâmpada de ruas protegida por uma guarda de metal e pendurada nos fios estendidos entre as paredes de tijolos e pedra. Não iluminava nada na rua. As vidraças refletiam uma distante nuvem luminosa, como se fossem olhos nas paredes, observando, uma a uma, a passagem de Hilda.

O homem enveredou pela travessa, no rastro de Hilda.

Havia uma fila de portas de madeira lascada num prédio comprido e sujo, cuja fachada já recebera tantas camadas de reboco que mais parecia, de ponta a ponta, uma única parede, e não uma série de estreitas casas geminadas.

Hilda simulou ter uma pedra no sapato. Abaixou-se para tirá-la, exibindo uma generosa parte da perna sob o vestido rendado preto. Não usava anágua. Pernas jovens, firmes e finas. Tornou a se erguer e procurou na bolsa a chave da porta diante da qual parara.

Os buracos dos nós da madeira pareciam observá-la como olhos. Hilda escolheu uma das chaves no chaveiro e a enfiou na fechadura. Entrou num corredor comprido, sujo e escuro.

Lascas de reboco, tendo sido varridas do chão, amontoavam-se ao longo dos rodapés. A escada subia para uma escuridão impenetrável, que dava a impressão de tragá-la. Hilda avançou sob lustres vidro barato, sem lâmpadas. Tateou para pegar outra chave chaveiro, percebendo que os passos do homem se aproximavam lá fora.

Tinha esperança de que o sujeito experimentasse a porta de entrada.

Usando a segunda chave, abriu a porta de seu quarto, entrou e fechou a porta atrás de si. Escutou com atenção. Mas o homem não entrou no corredor.

— *Scheiss* (Merda) — resmungou ela.

Os homens não entravam mais. Era a cerveja. A Oktoberfest. Ela teria que voltar ao recinto da feira ou dar a noite por encerrada.

O quarto de Hilda era simples, desprovido de decoração.

Em cima de uma cômoda, um pequeno ícone da Virgem estava apoiado num espelho. Um ursinho estofado, com o rótulo de uma cervejaria, apoiava-se no outro lado do espelho.

Hilda franziu os lábios e começou a refazer a maquilagem. Batom aplicado com capricho arredondou-lhe a boca, fazendo os lábios brilharem, assumindo uma cor mais forte. A sombra dos olhos estava manchada e Hilda a consertou com um lápis preto, realçando espantosamente os cílios compridos e escuros. Aplicou ruge no rosto, com uma densidade que o transformou numa máscara. Admirou os cabelos, que ainda eram seu orgulho. Claros, embora tornados finos demais pelas sucessivas tinturas, faziam uma suave onda caindo sobre a testa. O rosto anunciava claramente aos homens o que ela era e o que desejava.

Hilda apurou os ouvidos. Lá fora, no lado oposto do prédio, homens conversavam em voz baixa e rouca; ao passarem deixavam atrás de si trechos de conversas que revelavam inequivocamente suas intenções, discutindo e avaliando os méritos comparativos de cada garota que estava atrás de sua respectiva janela.

Hilda se despiu fadadamente, por hábito.

Usando apenas calcinha e sutiã decotado pretos, sentou-se na poltrona estofada perto das venezianas da janela. Bebeu cerveja num copo que apanhara na copa-cozinha situada além da grande cama branca, que dominava o quarto.

As vozes lá fora silenciaram. Uma noite solitária. Hilda bebeu. Onde estavam os cigarros? Hilda bebeu mais cerveja.

— Oh!

Olhos escuros, muito escuros, fitavam-na.

As persianas projetavam faixas de sombra negra no rosto pesado. Os olhos do homem eram negros, cheios de um ódio como Hilda jamais vira.

Uma lâmina enorme estilhaçou a janela. Cacos de vidro caíram dentro do quarto, sobre Hilda Dorn. Ela gritou.

Estendeu os braços para a frente.

A lâmina entrou pela janela e os olhos apareceram, concentrados em Hilda. Então o braço também entrou, procurando um local para agarrar.

Hilda pegou o roupão no cabide atrás da porta e fugiu.

Histérica, subiu correndo a escada, sumindo na negra escuridão. Teias de aranha roçavam-lhe o rosto. Objetos se espalhavam sob seus pés. Lá de baixo vinha o barulho de mobília despedaçada. O homem saiu pela porta aberta para o corredor.

Hilda subiu correndo, os pés descalços tropeçando nos gastos degraus de pedra. Atirou-se por uma porta aberta e saiu para o telhado. Pisou em cacos de vidro. O ar frio penetrava-lhe através das finas roupas íntimas. O homem já não fazia barulho lá embaixo. Onde estaria? Hilda tremeu até ficar congelada de medo, sem saber se devia permanecer no telhado, pois o homem podia estar subindo silenciosamente a escada, ou descer pela escada de incêndio, pois o homem poderia estar à espera lá embaixo, nas sombras do beco.

Chorando, gemendo incontrolavelmente, Hilda desceu a escada de incêndio e correu pelas ruas, balbuciando incoerentemente, até ser contida por três cidadãos e, finalmente, pela polícia.

— Olhos! disse Hilda. — Olhos enormes, terríveis!...

Bauer e Steinmann estavam postados diante dela junto à mesa na primeira sala de interrogatórios. A lâmpada protegida por um refletor pendia exatamente sobre a mesa, lançando uma luz forte sobre o rosto coberto de maquilagem manchada por lágrimas. Hilda tremia incontrolavelmente.

Steinmann lhe ofereceu uma caneca com chocolate quente. A fumaça espiralava inutilmente à luz forte da lâmpada. Hilda dava a impressão de não ver os homens.

O Coronel Schuckert se mantinha imóvel junto aos arquivos no outro lado da sala, os braços cruzados, observando a prostituta. Tinha os olhos avermelhados e um tique nervoso no canto da boca. Parecia engajado numa interminável conversa consigo mesmo.

A intervalos resmungava alguma coisa, pensava e tornava a se calar.

Bauer e Steinmann trocaram olhares. Já passava das três da manhã e nenhum dos dois dormira desde a noite anterior.

O Coronel Schuckert passou a andar pela sala, o olhar atraído pelos vários objetos nas paredes e, finalmente, tornando a fixar-se em Hilda Dorn.

— Ela o viu? — quis saber o Comissário.

Bauer sacudiu os ombros num gesto quase imperceptível.

— Alguém arrombou a janela com o que parecia ser uma machadinha de açougueiro e avançou para ela — respondeu o Inspetor-Chefe.

— Ele avançou tão rápido — Hilda resmungava. — Como um animal.

O Coronel Schuckert passou a mão pelos cabelos, alisando-os para trás. Ajeitou a beirada do casaco. Isto pareceu fazê-lo sentir-se melhor. Girou

nervosamente o pescoço. Seu uniforme não estava limpo desde a noite anterior.

— E a descrição? — insistiu ele. — O homem? Quem era?

— Ainda não sabemos, senhor — replicou Bauer. Ela não consegue se acalmar.

Steinmann tomou o chocolate, que esfriara. Sacudindo os ombros, saiu para buscar mais.

— Na profissão dela, poderia ser um freguês insatisfeito — disse o Coronel Schuckert.

— Deveras insatisfeito, senhor disse Bauer.

Alguém se mexeu nas sombras. Flanck, que estivera sentado imóvel, não mais conseguiu conter-se.

— Certamente que não — declarou o Promotor. Essa jovem é bem conhecida. Obviamente, foi o movimento clandestino antinazista que deu ordens para liquidá-la.

— Eu não disse isso, senhor — replicou Bauer.

Flanck se ergueu da cadeira perto da janela. Usava um casaco tipo jaquetão que lhe servia de sobretudo. Do grosso tecido saiu um som quando ele se aproximou do centro da sala.

— Não tenha tanta certeza, Bauer — disse o Promotor, estendendo a mão para erguer a cabeça de Hilda, que estava apoiada nos braços. Segurou-a naquela posição, com a mão sob o queixo dela. — Diga-me: ela se parece com Adolf Hitler?

Com Rudolf Hess? Um leve toque no penteado e... vejam: é Goebbels!

Largou o rosto de Hilda e levantou um pouco a voz: — O que, em nome da República Federal da Alemanha, se passa aqui? Vocês enlouqueceram? Alguém procura uma prostituta e vocês querem investigar a vida dela! Mandam chamar o próprio Comissário e...

— Perdão, senhor — interrompeu Bauer em voz controlada e baixa. — Estou tentando encontrar um homem que matou três pessoas. Talvez ele tenha ameaçado uma quarta. Pretendo usá-la para capturá-lo. Se tem algum outro programa, senhor, faça o favor de prosseguir.

Flanck postou-se diretamente em frente a Bauer. A intensidade dos olhares era igual.

— Ouça, Bauer — disse o Promotor. Você é um simplório.

Se continuar com essa linha irracional de raciocínio, não conseguiremos manter o caso em segredo. É impossível.

Então, o que acontecerá? A imprensa estrangeira cairá sobre nós como moscas no mel, distorcendo tudo...

Flanck dirigiu-se a Bauer com a paciência de quem fala com uma criança

que tem dificuldade de entender um princípio básico.

— Há ocasiões em que a imprensa é sua inimiga, Bauer.

Você precisa desenvolver uma sensibilidade em relação a essas coisas concluiu o Promotor.

— As sensibilidades do Promotor são bastante conhecidas disse Bauer, acendendo vagarosamente um cigarro na cara de Flanck. — Quanto a mim acrescentou —, o caso é muito importante e vou solucioná-lo.

Flanck sorriu, erguendo uma sobrancelha. Levantou um dedo num gesto de advertência e disse em voz baixa, quase bondosa: — Cuidado, Bauer.

Steinmann entrou na sala trazendo uma caneca de chocolate fumegante. Olhou de Bauer para Flanck e avançou nas pontas dos pés até o centro da sala. Hilda soluçava baixinho.

A tensão, porém, foi quebrada.

Flanck sentou-se bruscamente numa cadeira em frente a Hilda Dorn. Seus dedos tamborilaram com impaciência no tampo da mesa.

— Bem... — começou o Promotor. Prossiga, Bauer.

— Temos que esperar um pouco replicou Bauer.

— Por quem?

— Madeline Kress.

Os homens, suando no ambiente quente e úmido, aguardaram com olhos cansados e sonolentos. O relógio avançava lentamente acima deles, emitindo um leve zumbido.

Hilda mergulhou num sono leve e agitado. Steinmann deixou-a dormir. O chocolate esfriou mais uma vez. Steinmann, sem paletó, sentou-se, escarpado, numa cadeira. O Coronel Schuckert voltou ao seu posto ao lado dos arquivos metálicos.

Os cigarros de Bauer estavam acabando.

A porta se abriu quinze minutos mais tarde. Madeline Kress entrou. Também ela não dormira naquela noite. Não obstante, sua fisionomia se mostrava alerta e cheia de curiosidade.

Os homens se mexeram. Bauer foi recebê-la à porta.

— Obrigado por vir — disse o Inspetor.

Pegou-lhe o braço e a conduziu até diante de Hilda Horn, contornando a mesa. Flanck se ergueu um tanto rigidamente para lhes dar passagem. Bauer e Madeline pararam em frente a Hilda.

— Uma prostituta — disse Bauer em voz baixa. — Chama-se Hilda Horn. Ainda não prestou depoimento. Mas pode ter visto o assassino esta noite.

Madeline olhou para a jovem. Hilda sentiu que alguém a fitava e ergueu os olhos, sobressaltada. Viu os límpidos olhos cinzentos de Madeline a estudá-la.

Desviou o olhar da mulher e fitou cada um dos homens, o rosto manchado com a trajetória das lágrimas através da maquilagem.

— Quem é ela? quis saber Hilda.

Mas ninguém respondeu.

— O que ela quer? — insistiu Hilda, levantando a voz.

Madeline pegou um lenço branco e estendeu a mão a fim de passá-lo no rosto de Hilda. Esta recuou, assustada. Mas Madeline esticou mais o braço e limpou as manchas de maquilagem.

Hilda sorriu, hesitante.

Madeline estudou-a meticulosamente. Virando o lenço, usou o lado limpo para remover o resto da maquilagem até que, afinal, a pele apareceu abaixo dos olhos marejados de lágrimas.

As pálpebras de Madeline se apertaram. Com grande repulsa, largou a cabeça da moça.

— O que é? — indagou Bauer.

Madeline, recuando, fitava Hilda com crescente medo e horror, mesclados a um ódio intenso.

— O que há de errado? — quis saber Hilda. — Por que ela me olha assim?

Bauer e Steinmann se aproximaram de Madeline, que estava pregada ao chão, olhando não para Hilda Horn, mas para o espectro saído de um pesadelo infernal do passado.

— Pare! — berrou Hilda, apontando para Madeline. — Façam ela parar! Foi assim que ele olhou para mim — antes de invadir o meu quarto!

Os lábios de Madeline se moveram, mas não emitiram som. Ela parecia sentir o gosto de uma palavra amarga que lhe queimava os lábios.

— Bormann — sussurrou ela, afinal. — Juana Bormann.

O Inspetor Bauer murmurou ao ouvido de Madeline: — Auschwitz?

Madeline meneou a cabeça, confirmando.

— Ela era encarregada das crianças.

— De que ela está falando? — perguntou Hilda.

— Ela as colocava nas filas — disse Madeline. — E estrangulava as que não tinham forças suficientes para andar.

— Sou Hilda Horn! Hilda Horn! Nunca ouvi falar em Juana Bormann!

Hilda olhou em volta, desvairada. Steinmann pousou-lhe a mão no ombro, a fim de contê-la.

— Naturalmente — disse Bauer, debruçando-se para Hilda e falando-lhe bem perto do rosto. — Naturalmente você é Hilda Horn. Apenas se parece com Juana Bormann.

— Tem certeza, Srta. Kress? — perguntou o Coronel Schuckert com voz

rouca. — Tem absoluta certeza?

Madeline continuava a fitar Hilda.

— Para mim, ela se parece com Juana Bormann afirmou.

— E com outra pessoa, também — disse o Coronel Schuckert.

No silêncio que se seguiu, Flanck deu a impressão de encolher-se ainda mais nas sombras. Não sabia o que pensar daquilo. Estavam todos loucos. Acreditavam naquilo.

Prosseguiriam. Ele precisava pensar, pensar bem, e depois decidir o que fazer.

No centro da sala, o Coronel Schuckert se debruçou sobre a mesa. Queria estudar mais detidamente o rosto de Hilda Horn. Um rosto trêmulo, mudo, parcialmente limpo da maquilagem, o encarava de volta, os olhos cheios de medo, não compreendendo o que se passava.

— Bormann? murmurou o Coronel Schuckert consigo mesmo. — Juana Bormann?

Capítulo 11

O Coronel Schuckert ergueu os olhos. Onde estava? As luzes brilhavam dentro da noite. Os prédios, como espantosas formas de arquitetura, se erguiam acima dele. O Comissário se deu conta das ruas, dos transeuntes solitários que passavam em frente às pequenas lojas. Mexeu-se um pouco e percebeu que estava de uniforme. Isto o fez retornar seus sentidos.

Achava-se no banco traseiro de um carro da polícia, com Bauer sentado de um lado e Madeline Kress do outro.

Steinmann e Koenig ocupavam o banco dianteiro. O carro se encontrava estacionado sob uma tília cujas folhas eram sacudidas pelo vento. Todos pareciam aguardar alguma coisa.

— Não reconhece o local onde estamos? — perguntou o Coronel Schuckert, virando-se para Madeline.

Ela o encarou, um tanto espantada.

— Perto daqui ocorreu o atentado na cervejaria — disse o Comissário.

— Estamos um pouco ao sul do local, senhor — corrigiu respeitosamente Bauer.

— Sim.

Os ouvidos de Bauer detectaram um tom novo e estranho na voz do

Coronel.

— Sim, Bauer. Obrigado pela correção.

No lado oposto da rua havia uma pequena cervejaria de teto baixo. Os policiais, olhando pela porta, podiam ver as compridas mesas de madeira e os homens — alguns bem idosos, com bengalas apoiadas nos bancos — que bebiam vagarosamente cerveja em grandes canecões de pedra. Um homem tocava acordeão e cantava uma canção sentimental. As garotas sentadas entre os homens evidenciavam que se tratava de uma casa estabelecida há muito tempo. As pequenas usavam cabelos curtos, cacheados nos lados, e todas estavam bastante maquiladas. Os policiais se mantinham no interior do carro.

Nos fundos de um beco que levava à cervejaria, outro carro da patrulha, como um tubarão nadando em águas escuras, rodava lentamente no asfalto.

O rádio de Steinmann soltou um estalido e começou a emitir em baixo volume. Steinmann escutou com atenção e, em seguida, virou-se para Bauer.

— Ela já saiu do beco — disse ele. — Passou pela Rhum-forstrasse e está entrando na rua onde mora.

Bauer tirou do bolso um mapa da cidade. Abriu-o no colo e pegou uma caneta no bolso do peito do paletó.

— Diga a eles que não se aproximem e se mantenham fora do campo visual dele — ordenou o Inspetor.

Steinmann se inclinou sobre o microfone e apertou um botão.

— Atenção todas as unidades. Todas as unidades.

Mantenham-se ocultas até novas ordens.

À distância o carrilhão da catedral soou.

— Onze horas — disse Madeline.

— Bem — disse Bauer. — Se ele vier esta noite, deverá ser agora.

Steinmann virou-se do rádio.

— Ela se aproxima do apartamento anunciou.

A caneta-tinteiro preta de Bauer traçou uma grossa linha sobre o lado da rua que dava para o beco.

— Mais cem metros — calculou ele.

Recostou-se no banco do carro, aguardando.

O Coronel Schuckert ajeitou nos dedos as luvas que se haviam torcido quando ele dera corda no relógio. Seus olhos não enxergavam nada em volta e ele disse, a ninguém em particular: — Eu *poderia* tê-lo assassinado. Eu, pessoalmente, tive dúzias de oportunidades. Todos nós sabíamos o que eles estavam fazendo. Estávamos bastante conscientes de... tudo.

Suponho que poderíamos tê-lo liquidado.

No interior do carro fez-se um pesado silêncio. Madeline e Bauer fitavam o

Coronel. No banco dianteiro, Steinmann e Koenig tinham escutado, mas não se atreveram a olhar para trás. O Coronel Schuckert pigarreou, olhando diretamente para a frente.

— Senhor — disse finalmente Steinmann a Bauer.

— Sim, Paul? respondeu Bauer.

— Ela entrou no apartamento.

Bauer suspirou.

— Muito bem — disse ele, recolocando a tampa na caneta e relaxando-se um pouco. — Não nos resta muito a fazer senão vigiar o apartamento. Correto, senhor?

O Coronel Schuckert não respondeu.

— Senhor? — repetiu Bauer.

O Coronel lançou ao Inspetor um olhar vidrado.

— O que é, Bauer?

Hilda Horn chegou em segurança ao apartamento. Sugiro que coloquemos gente vigiando, tanto dentro como fora do apartamento.

O Coronel escutou, mas o que havia em seu espírito continuava a dominá-lo.

— Exatamente, Bauer disse o Comissário, de modo um tanto vago. — Exatamente.

Bauer abriu a porta do carro.

— Vamos, então — disse ele.

Rapidamente, o grupo desembarcou do carro e andou pela calçada. Bauer hesitou um instante e depois se voltou para Steinmann.

— Paul, leve a Srta. Kress para casa — ordenou ele.

Posso ficar aqui com vocês?

Bauer se virou para ela.

— Já fez o suficiente. É melhor descansar para amanhã.

— Eu... quero vê-lo... se ele vier.

Bauer viu que Steinmann o observava.

— Pode ser perigoso, Srta. Kress. Ou talvez esperemos em vão durante a noite inteira.

— Estou disposta — insistiu ela, teimosa. Quero vê-lo.

O Inspetor sabia que tinha autoridade para mandá-la de volta ao seu apartamento, mas precisava da total colaboração dela. Anuiu com a cabeça.

— Vamos depressa, agora.

Andaram depressa sob os galhos das árvores que cresciam em locais protegidos nas calçadas. Pedacos de pau e pedra estavam espalhados pelo calçamento. Transeuntes passavam ocasionalmente por eles, embriagados,

cansados, sem notar o carro da policia estacionado sob as tílias.

Bauer conduziu-os através de um pequeno jardim e de um quintal. Abriu o portão de uma cerca em mau estado. Então levou-o pelos becos.

De vez em quando o Inspetor olhava para trás a fim de ver o rosto do Comissário.

Bauer continuou a liderar o grupo, passando pelos fundos de um velho chalé de pedra situado um metro abaixo do nível da rua e, depois, por um monte de terra acumulada num terreno baldio. Ali, em frente a eles, estava a comprida parede cheia de portas e, formando um ângulo reto com ela, na parte lateral do prédio, uma série de janelas iluminadas por dentro em tons amarelos e vermelhos. Em cada uma delas, por detrás das cortinas de renda, havia uma mulher sentada numa poltrona estofada. Os homens, hesitantes, passavam em grupos diante das janelas, às vezes subindo os degraus para entrarem nos corredores escuros. Um rádio tocava música suave.

Bauer disse em voz baixa: — Vamos entrar na casa contígua à de Hilda, subir a escada, sair pelo telhado e entrar no prédio dela pela clarabóia. Podemos então descer lá dentro sem usar as portas.

Não pretendo afugentar nosso homem.

O Coronel Schuckert, suado e ofegante, se aproximou de Bauer.

— Uma ótima idéia, Bauer.

Bauer o pegou pelo cotovelo. Falando em voz baixa para que os outros não conseguissem escutar, disse: — Senhor, ainda temos escadas a subir e uma noite inteira de espera. Se me permite dizer, o esforço talvez não lhe faça bem.

O Coronel o encarou com ar desconfiado, refletindo sobre o que o Inspetor dissera.

Afinal, concordou: — Sim. Você tem razão.

O Comissário parecia haver recobrado parte de sua tranqüilidade. Sua respiração voltara ao normal, mas o rosto ainda revelava sinais de uma terrível tensão.

— É *mesmo* um caso bestial — disse ele.

Bauer fez sinal para Koenig.

— Leve o Coronel até seu carro particular e depois junte-se a nós no telhado.

Koenig prestou continência e acompanhou o velho, passando pelos grupos de homens diante das janelas, que se voltavam espantados para olhar o oficial do Exército num local como aquele.

— Precisamos ser rápidos e silenciosos — disse Bauer a Madeleine e Steinmann antes de atravessarem a rua e entrarem no prédio deserto e escuro.

Teias de aranha e pedaços de madeira espalhados pelo chão fizeram com

que eles pensassem em ratos. Trechos de encanamento apareciam nas paredes onde o reboco não fora refeito com o devido cuidado.

Steinmann fechou cuidadosamente a porta depois que entraram.

Subiram depressa a escada. Os degraus em caracol em volta de um vão circular subiam até a clarabóia. Steinmann, Bauer e Madeline pisavam de leve, subindo rapidamente para a escuridão total. Seus passos ecoavam pelo prédio que parecia um mausoléu abandonado. Corredores desertos e aposentos dilapidados ficavam para trás. Pontas de fios saíam das extremidades dos condutos. Fizeram uma pausa ao chegarem ao topo.

— Ainda tem fôlego? — indagou Bauer.

Madeline assentiu com a cabeça.

O Inspetor empurrou a porta que dava para o telhado. A escada estava extraordinariamente iluminada, a despeito da nuvem que passava sob a lua.

Cautelosamente, Bauer andou pelo telhado, em direção à casa vizinha. Cacos de vidro cobriam as telhas, misturados a dejetos de ratos e esquilos, bem como pedaços de palha e restos de maçãs. Tendo a cautela de se desviarem das chaminés que sobressaíam em ângulos estranhos, desceram até o telhado que ficava por cima do quarto de Hilda. Havia uma área coberta de piche, que levava a uma porta acima de uma sacada apodrecida.

Bauer observou a vizinhança. Lá embaixo, na rua, perto das luzes da cervejaria, um homem encostado à parede de tijolos parecia espreitar as mulheres. Bauer sabia que se tratava de um policial à paisana. No parque do outro lado da travessa, um carro da patrulha passava lentamente diante do chafariz. No lado oposto dos telhados barrocos, antiga residência de um príncipe, estavam mais dois homens também policiais. Todos os outros estavam escondidos.

Steinmann forçou o trinco da porta com um canivete.

Empurrou e a porta se abriu.

— Muito bem — disse Bauer em voz baixa. — Vamos entrar agora.

Estendeu a mão, pedindo o rádio de Steinmann. Este tirou o aparelho do cinto.

— Atenção todas as unidades. Permaneçam em seus postos. Ajam por iniciativa própria, mas não afugentem o homem.

Bauer desligou o botão de transmissão. Logo tornou a ligá-lo, acrescentando: — As ordens mais importantes são as seguintes: ele deve ser apanhado vivo. Repito: ele deve ser apanhado vivo.

Madeline seguiu Steinmann para o sujo interior dos andares superiores do prédio onde morava Hilda. Bauer entrou atrás deles, fechando a porta velha e estragada. Ali também existia um vão central e uma escada, mas esta não tinha

corrimão. Desceram devagar. Bauer tocou o ombro de Steinmann. Queria o rádio.

— Koenig? — murmurou o Inspetor-Chefe no aparelho. — Está vivo? Onde está você?

Afinal, veio a resposta abafada:

— Não consegui abrir a porta do primeiro prédio — queixou-se Koenig. — Mas subirei imediatamente para o telhado.

— Cuidado com os fios — advertiu Bauer. — E quando descer a escada, Koenig, tome posição no patamar do primeiro andar. Sente-se no canto, de modo a poder vigiar simultaneamente os dois andares.

— Sim, senhor. Logo estarei lá.

Bauer devolveu o rádio a Steinmann.

Percorrendo o corredor do andar térreo, Bauer reparou que, além da porta dos fundos e da grande porta de entrada, existia um arco acima de uma janela que podia dar passagem a um homem. Sem interromper o avanço, fez sinal para Steinmann. Este gesticulou em resposta, indicando que, uma vez que todas as aberturas davam para o mesmo corredor, não havia necessidade de tentar vigiá-las separadamente.

Bauer parou de repente.

Dos remotos recessos de alguma parte do prédio vinha o som de rangidos. Era impossível perceber de onde partia o barulho. Steinmann olhou para Bauer, que apontou uma porta na parede.

Steinmann bateu de leve, duas vezes. Depois, tornou a bater com mais força. Não houve resposta. Mais uma vez, ele bateu duas vezes de leve e uma terceira batida mais forte. E, novamente, ninguém atendeu.

— Por que ela não responde, Martin? — sussurrou Steinmann.

Outra vez, vindo de algum lugar do prédio, os rangidos.

Pareciam vir de cima — cada vez mais altos.

Afinal, a porta se abriu diante deles. Apenas uma fresta.

Um rosto desfigurado, aturdido pela bebida, apareceu na abertura. Hilda olhou para eles com ar fúnebre. Tinha o rosto molhado de lágrimas, a maquilagem novamente manchada, o caminho das lágrimas marcado como os rastros de um trenó na neve.

Steinmann empurrou a porta. Bauer afastou Hilda para um lado e Madeline entrou. Bauer fechou a porta, mas não passou o trinco.

— São vocês... — disse Hilda com voz rouca.

Steinmann levou o indicador aos lábios, exigindo silêncio.

Pegou Hilda pelo braço e a conduziu à poltrona ainda cercada de cacos de vidro espalhados pelo chão. Hilda olhou em volta, consternada.

Bauer e Madeline foram para os fundos do quarto, postando-se nas sombras. Apenas uma pálida luz do abajur vermelho iluminava o espelho acima da Virgem azul e branca.

— Por que vocês trouxeram ela? — reclamou Hilda. — Ela disse que eu matava crianças!

— Shhh! — advertiu Bauer. — Ela não lhe fará mal algum.

Hilda encarou-os com ar desconfiado, o rosto manchado de lágrimas.

— Acalme-se — advertiu novamente Bauer. Há quinze policiais cercando o apartamento. Se alguém tentar alguma coisa, será preso em dez segundos.

— Levaria apenas cinco segundos para me cravar aquela machadinha — gaguejou Hilda. -- Vocês gostariam de andar pelas ruas... sabendo que aqueles olhos estão vigiando... e que ele vai pular sobre vocês a qualquer momento... ?

— Agora, você está segura disse Bauer.

— Segura?

Hilda bebeu de um copo pequeno. Trocara a cerveja por uísque. Sua fisionomia, à pálida luz vermelha, era grotesca.

— Acho melhor você voltar para perto da janela disse Bauer. Já se afastou dela por tempo suficiente.

Hilda os olhou como se estivessem loucos.

— E baixe a alça do vestido, Hilda — sugeriu Steinmann — Você deseja atraí-lo.

Hilda baixou o decote do vestido, deixando o seio à mostra. Com o medo estampado no olhar, retorceu o rosto até exhibir nos lábios muito pintados um sorriso estático, frígido.

Cruzou as pernas e se debruçou no peitoril da janela. Uma brisa fria soprava através da vidraça partida, enregelando-a.

— É preciso? — indagou com voz sumida.

Bauer ignorou-a.

O rangido de sapatos de homem se aproximava pelo corredor, dentro do prédio. Estava bem perto da porta.

— Ele está dentro da casa, Martin — disse Steinmann.

Bauer assentiu, olhando para a mulher israelense. Os olhos cinzentos não denotavam medo, mas uma estranha e intensa curiosidade. Bauer maravilhou-se com a compostura de Madeline. Fez sinal para que ela recuasse um pouco mais para a sombra.

Os passos pararam a cerca de vinte metros de distância.

Steinmann sacou o revólver e se postou atrás da porta.

Então virou-se para Bauer com uma expressão estranha.

— Ele parou.

Bauer ergueu a mão, pedindo silêncio. Esperaram que o som recomeçasse. Nada.

Incrédulo, o Inspetor-Chefe avançou e pegou o rádio portátil de Steinmann.

— Koenig — murmurou ele no aparelho. — Se o rangido de sapatos partiu de você, bata uma vez no microfone.

O rádio emitiu um estalido. Em seguida, ouviu-se uma única batida. Outro estalido indicou que Koenig desligara o seu rádio.

Bauer sacudiu vagarosamente a cabeça.

— Koenig, se eu escutar o mínimo ruído vindo de você, providenciarei para que leve o resto da vida lavando carros. Se me entendeu, bata uma vez no microfone.

Um estalido, uma leve batida, outro estalido. Silêncio novamente.

Todos exalaram simultaneamente o ar dos pulmões, relaxando. Steinmann retornou à sua posição no canto oposto, de onde podia cobrir ao mesmo tempo a porta e a janela.

Hilda Horn continuava sentada como antes, o sorriso frígido fixo nos lábios. Seu medo era evidente por detrás daquela expressão. Bauer olhou-a com simpatia, mas permaneceu calado.

À medida que o tempo passava, Madeline saiu paulatinamente da sombra. Sentou-se de encontro à parede, o suéter pendurado frouxamente nos ombros, as pernas compridas numa posição oblíqua. A luz da rua incidia-lhe no rosto, um longo fecho diagonal que lhe lançava sombras nas maçãs do rosto e abaixo dos olhos. Perto dela, o Inspetor estava atento, observando Hilda.

— De quem ele estava falando? — sussurrou Madeline.

— Quem?

O Coronel.

Bauer não respondeu.

— Quem ele poderia ter liquidado? indagou Madeline.

— Hitler. O Coronel era secretário de um membro do Estado-Maior.

O sorriso de Madeline foi cheio de ironia.

— O velho sente remorsos?

— É possível.

O Inspetor, com o rosto atraente marcado por vincos da idade e falta de sono, ignorou o sorriso. Mas sentiu o olhar de Madeline fixo nele.

— Secretário de qual membro do Estado-Maior? — quis saber ela.

— Von Rundstedt.

— O Coronel devia ter um bocado de responsabilidade — comentou ela.

O sorriso irônico e sombrio não lhe abandonara os lábios.

Parecia ferir o Inspetor.

— Nunca discuti o assunto com ele replicou Bauer.

Calaram-se. Era quase meia-noite. Hilda começou a cabecear de cansaço, o sorriso grosseiro e mecânico ainda fixo no rosto. Steinmann mudou o peso do corpo para a outra perna e fatigado acariciou o cano do revólver. Bauer e Madeline estavam recostados na parede oposta.

— Silêncio! segredou Bauer de repente.

Das profundezas do prédio um rangido se fez ouvir ao longo dos corredores.

— Eu acabo com ele! — murmurou raivosamente o Inspetor. — Juro que acabo com ele!

Pegou o rádio de Steinmann.

— É você, Koenig? Se está andando por aí, bata uma vez no microfone.

O rádio produziu dois estalidos, mas não houve batida.

Steinmann se ergueu de um salto e foi colar-se à parede atrás da porta. Empunhava o revólver num ângulo que permitia o tiro. Bauer empurrou Madeline de volta às sombras e fez sinal para que a debilitada Hilda permanecesse calada. O Inspetor se agachou por entre os cacos da vidraça, com a arma em punho, preparado, de frente para a porta. Na total escuridão, todos os olhares estavam fixos na porta.

Os passos hesitaram e, em seguida, se aproximaram da porta. Pararam.

Bauer firmou o revólver com ambas as mãos. Steinmann grudou-se o máximo possível à parede, prendendo a respiração.

A maçaneta se mexeu. A porta começou a se abrir. A cabeça de um homem surgiu na abertura. Um rosto redondo, limpo, com um bigode quadrado e o cabelo caído na testa se enfiou para dentro do quarto. Sorriu.

— Olá, Hilda. Está ocupada esta noite?

Steinmann saltou sobre ele, atirando-o de encontro ao alisar da porta. Bauer avançou correndo quando o homem caiu meio de lado e lhe passou uma rasteira. O intruso tombou estirado no chão Steinmann pulou no peito do homem. Bauer encontrou o braço dele, puxando o polegar para trás e para cima, até que o braço ficou preso às costas. O sujeito não ofereceu resistência. Ficou ali, inerte, como um saco de farinha de trigo molhada. Steinmann sentou-se no peito dele, iluminando-lhe o rosto com uma lanterna.

Um rosto magro e pálido, com o bigodinho tremendo num tique nervoso, fitava incredulamente os policiais.

— Winkler! — exclamou Hilda, rindo histericamente. É apenas Winkler!

O homenzinho sob Steinmann olhava para cima como um peixe fora d'água. Exibiu um sorriso abjeto. O bigode movimentava-se regularmente para a direita e para a esquerda. A flor na lapela do paletó fora esmagada.

— O pequeno Winkler! gargalhava Hilda, chorando de tanto rir.

Debruçou-se na poltrona, olhando para o sujeitinho. Até mesmo o próprio Winkler tentou participar da pilhéria, mas quando Steinmann tornou a encará-lo, ficou subitamente sério.

— Você o conhece? — perguntou Bauer.

— Sim, naturalmente. Não é ninguém.

Winkler tentou erguer-se sobre os cotovelos.

— O que é isto? — quis saber ele.

— Somos da polícia — replicou Bauer.

Winkler deixou-se cair de volta no chão.

— Polícia?... Não é crime em Munique... É autorizado...

Venho sempre aqui... para conversar...

— A esta hora? — perguntou Bauer.

Eu não conseguia dormir. Acontece com frequência.

Perguntem a Hilda.

Hilda confirmou com a cabeça, sem forças para continuar rindo. Afundou-se, exausta, na poltrona estofada e cobriu o rosto com uma das mãos.

— Que faremos com ele, Martin? — perguntou Steinmann.

— Sair de cima do peito dele, suponho.

— Por que não me deixam ir? — suplicou Winkler. — Prometo que nunca mais voltarei aqui. Dou minha palavra de honra... Oh, meu Deus! Se minha mulher descobrir...

— Ouça, Winkler — disse Bauer, aproximando-se de modo a falar bem perto do rosto de Winkler. — Se eu o liberar desta vez, você promete sair daqui — andando, não correndo — e voltar diretamente para sua casa?

Winkler levantou a mão.

— Juro por Deus, Capitão. Eu prometo!

Bauer estudou-o com atenção por um momento.

— Muito bem — disse finalmente o Inspetor. — Sente-se ali durante alguns minutos. Depois, pode ir embora.

Bauer se pôs de pé, suspirando.

— E lembre-se: andando, não correndo!

— Eu me lembrarei! Deus o abençoe, senhor!

Steinmann sorria. Hilda teve um novo acesso de riso.

Madeline, agora ao lado do Inspetor, sorria apesar de si mesma. Bauer ruborizou-se.

— Winkler... — Bauer disse consigo mesmo, desgostoso.

Após cinco minutos, durante os quais Winkler ficou sentado, com as mãos apoiadas nos joelhos, encostado à parede perto da porta, olhando em volta como

um cãozinho perdido, Bauer ergueu a mão e fez sinal para que ele se fosse.

— Sim, senhor. Muito obrigado, senhor. Muito obrigado.

Winkler recuou em direção à porta, curvando-se repetidamente diante do Inspetor. Afinal a porta se fechou atrás dele e seus passos se afastaram lentamente pelo corredor.

Bauer e Steinmann se sentaram de encontro à parede.

Mais uma vez, Hilda recebeu instruções para retomar seu posto na poltrona estofada. Madeline sentou-se perto das sombras, mas havia luz suficiente para que os homens lhe lançassem olhares ocasionais. Sua figura era agradável para eles à luz pálida e difusa. As pernas compridas e tornozelos finos faziam-na parecer, a despeito da simplicidade de suas roupas, no auge da moda.

Madeline, por sua vez, teve tempo mais que suficiente para estudar os dois policiais. Cansados, de olheiras, abatidos. Ela tentou adivinhar quando eles tinham dormido pela última vez.

No silêncio, os inspetores, a israelense e a prostituta permaneceram sentados, aguardando, escutando, observando-se mutuamente de vez em quando, cada um imerso em seus pensamentos.

— Ficaremos aqui a noite inteira — disse Madeline.

— Provavelmente ele não virá — replicou Steinmann. — Não agora.

Bauer fechou os olhos.

— Não. Não agora concordou ele. Seja lá quem for, tenho certeza de que elaborou outros planos para esta noite.

Uma máquina de limpar ruas lançava luz alaranjada no canteiro de obras. As garras de uma grande escavadeira surgiram fantasmagoricamente na escuridão e tornaram a desaparecer. Pilhas de vigas de aço espalhadas pelo terreno produziam sombras estranhas. Não havia ninguém à vista. De um pequeno barracão vinha a luz de uma única lâmpada.

O vigia noturno era um velho; as rugas de seu rosto se tinham aprofundado com a idade até parecerem uma máscara.

Ele olhou pela janela, apoiando-se nos braços finos como lápis. Nada à vista senão as sombras entre outras sombras mais escuras. Uma brisa fria e seca perturbava o capim crescido que ainda restava no terreno. A lâmpada balançava de um lado para outro, pendurada no teto, fazendo sombras dançarem no interior do barracão.

O velho ligou o rádio e retornou à leitura do jornal. Ao seu redor, pregadas na parede, gravuras de mulheres com seios volumosos.

Craaaque!

De repente uma porta foi rachada no lado oposto do canteiro de obras. O

vigia noturno pegou a lanterna e acionou a pilha.

— Quem está aí? — perguntou, nervoso.

Silêncio. Ele apurou os ouvidos. Inclinou-se para fora da frágil porta de madeira do barracão.

— Vá embora — disse ele. — Não há carnaval por aqui.

O facho da lanterna descreveu uma trajetória sobre terra e pedras, iluminando a cerca de arame enferrujado e os baldes vazios enfileirados na borda das escavações. As bandeirolas vermelhas drapejavam à brisa noturna.

Craaaque!

Outra porta foi despedaçada, e as lascas de madeira se espalharam pelo terreno. Incrédulo, o velho esbugalhou os olhos. Seus dedos desceram em direção ao fecho do coldre de couro que ele trazia preso ao cinto, mas tremiam e não conseguiram sacar o revólver.

— Quem está aí? — perguntou o velho. — O que deseja?

De repente, no barracão de material, um par de olhos cegos pelo facho da lanterna apareceu. O velho recuou, tropeçando nos baldes e caindo de costas no chão. O facho da lanterna ficou dirigido para o alto.

— Me larga! gritou o velho.

Com um salto o vulto curvado saiu correndo do barracão e passou pelo velho caído no chão. Carregava nos braços volumes pesados. E o velho se virou a fim de vê-lo afastar-se agilmente pelos montes de terra até chegar à travessa.

Cautelosamente o vigia noturno se levantou do chão.

Aproximou-se da porta arrombada. Sacou então o revólver, apontando-o para o interior do depósito de material. Caixotes de correias, pregos, fios e grampos tinham sido abertos à força. No chão, uma machadinha de açougueiro, com a lâmina lascada em vários pontos do fio. O vigia fitou-a, atônito, tendo a impressão de que ela piscava para ele, refletindo a luz da lanterna. Recuando, o velho saiu do depósito.

Andou de costas, protegido pelo facho da lanterna, até chegar ao seu barraco. Uma vez lá dentro, fechou a frágil porta de madeira e passou a chave. Esfregou por alguns instantes os lábios ressecados e, em seguida, enfiou um dedo fino e trêmulo no disco do telefone.

— Dois caixotes completos — sussurrou ele. — De explosivos. E não temos autorização para guardar explosivos aqui. Achei melhor telefonar para o senhor antes de chamar a polícia.

Escutou as instruções, olhando nervosamente em volta.

— Sim, senhor. Pode contar comigo, senhor. Não vi nem escutei nada.

Desligou. As mariposas que voavam em torno da lâmpada lançavam sombras passageiras no rosto enrugado como uma máscara.

MUNIQUE:

O Décimo Primeiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 12

Hilda Horn estava sentada na poltrona e encostada nas venezianas. Roncava, mas mantinha os olhos meio abertos.

Bauer e Madeline se achavam sentados um em frente ao outro. Madeline fitava o teto, pensativa. Um carrilhão de igreja bateu a hora. Cinco da manhã.

— Logo vai clarear o dia — disse Madeline.

— Sim — concordou Bauer.

— Que fazemos, então?

— Vamos para casa. Voltaremos à noite.

— E Hilda?

— Dormirá na cadeia.

Madeline suspirou, quase um bocejo. Descansou a cabeça de encontro à parede. Parecia à vontade, embora fosse apenas o efeito da fadiga.

— Pobre homem — comentou ela.

— Quem?

— Quem quer que ele seja.

Bauer não replicou.

— Esconder-se durante o dia e matar à noite — continuou Madeline.

No outro lado do quarto, Steinmann empertigou-se para ficar acordado. Olhou para o Inspetor-Chefe, mas este não o viu. Bauer observava Madeline enquanto ela recitava:

— "Vi você num sonho e sei que o dia Não brilha em suas noites. Sei muito bem.

Vi a serpente lhe roer o coração.

Vi, você, querida, nas profundezas do inferno"

Bauer sorriu para Madeline. Ela recitara de modo quase perfeito.

— Heinrich Heine — disse ele.
— Sim.
— Gosta de Heine?
Ela sacudiu os ombros.
— Não consegui dormir. Encontrei-o entre seus livros.
— Ahhh. Compreendo.
— Fiquei espantada de o encontrar ali.
Bauer ergueu uma sobrancelha.
— É mesmo? Por quê?
— Vocês queimaram os livros dele.
— Não. Eu não. Os outros.
— Mesmo assim, ele foi destruído.
— Mas suas idéias jamais poderiam ser destruídas.
— Tenho minhas dúvidas — disse Madeline. — Tantas coisas belas pereceram na guerra...

O Coronel Schuckert acordou bruscamente, tom um copo meio vazio de conhaque na mão.

Raios de sol atravessavam as cortinas da casa. O Comissário adormecera em sua confortável poltrona de couro.

Durante a noite, sua esposa lhe colocara um cobertor de lã sobre as pernas. Agora, as peças do xadrez e a garrafa de cristal com conhaque lançavam reflexos na mesinha ao lado dele. Schuckert tinha a testa molhada de suor e usou o lenço para enxugá-la com cuidado. Abriu a camisa de modo que a leve brisa, entrando pela janela, lhe refrescasse o peito exposto.

O Coronel tivera um sonho. E não fora um sonho simples.

Nele, o Coronel estava sentado num Clube de Oficiais, lendo as ordens gerais. Um pouco de conhaque dispersara a melancolia da noite. Não havia ninguém por perto. Na verdade o clube lhe parecia desusadamente vasto e escuro.

O General von Rundstedt entrou, andando por entre as mesas em direção a Schuckert. Parecia não saber o que estava fazendo, embora, ao avistar o Coronel, passasse a andar mais depressa, indo diretamente a ele.

Antes que Schuckert pudesse levantar-se, o General se deixou cair e abraçou-lhe as pernas.

— Perdoe-me! — disse von Rundstedt. Perdoe-me!

O Coronel Schuckert olhou rapidamente em volta, a fim de certificar-se de que ninguém os observava.

— O que foi, senhor? — perguntou ele, embaraçado. — O que há de

errado?

Mas o General começou a chorar, limitando-se a repetir: — Perdoe-me! Perdoe-me!

Schuckert sentiu com repugnância o peso do General sobre suas pernas.

— Vamos, vamos, senhor disse o Coronel. — Controle-se. De que está falando?

Normalmente, Schuckert não era o tipo de secretário com quem um superior se abrisse, revelando as próprias emoções.

Ficou tocado e, ao mesmo tempo, confuso.

— Dê-me sua pistola! — sussurrou roucamente von Rundstedt.

— Não, senhor. Isto é... o senhor não está em seu juízo perfeito. Não posso fazer isso. É melhor controlar-se.

Naquele instante soaram passos na extremidade oposta do Clube dos Oficiais.

Von Rundstedt olhou em volta, desvairado, largou Schuckert e fugiu dos passos que se aproximavam, saindo pela outra porta.

O Coronel Conde Claus von Stauffenberg entrou a passos lentos no recinto, ereto e rígido. Também ele se aproximou de Schuckert, postando-se em frente ao Coronel. Ergueu a mão, querendo dizer: "Não se levante."

— Bem, Schuckert, nós fracassamos.

— Sinto muito, senhor. Não consigo entender...

— Ele triunfou novamente.

O Coronel Conde von Stauffenberg entregou sua pistola a Schuckert.

— Eu, ou você?

— Por favor, senhor...!

— Não importa. Não sou covarde. Farei isso sozinho.

Mais passos no corredor externo. O rosto de von Stauffenberg empalideceu.

— Acha que podem ser eles...? Já? Não faz mal, estou preparado.

O Coronel Conde saiu depressa, embora com penosa solenidade, pela mesma porta através da qual fugira von Rundstedt.

O Coronel Schuckert permaneceu sozinho no salão escuro.

As ordens gerais continuavam sem ser lidas. Quando os passos se aproximaram, o rosto de Schuckert se contraiu de ansiedade e confusão.

Segundos mais tarde, o General Friedrich Olbricht entrou no clube.

O General fez uma continência irônica. Uma vez cumprida a formalidade, o Coronel Schuckert se aproximou do General.

Olbricht mirava-se no espelho da parede lateral. Virou-se para Schuckert com um sorriso tristonho.

— A bomba, Schuckert.

- O que, senhor?
- Foi fraca demais.
- Uma pena, senhor.
- Sim, uma grande pena.

O Coronel Schuckert tinha apenas uma vaga noção do assunto abordado pelo General Olbricht.

— Ele ficou ferido na perna — disse o General, voltando-se para o outro lado e rindo. Só na perna.

O General ajeitou a túnica, cujo peito estava coberto de condecorações.

— O homem tem um feitiço — comentou ele. — Possui um grande poder sortilégio.

— Sim, senhor.

— De todo modo, logo estará aqui Suponho que von Rundstedt e os outros estejam lá nos fundos, não?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Desconfio que tudo terminará em breve.

Afinal, o esquadrão de execução do Führer, sua guarda pessoal, é escolhido com escrupuloso cuidado.

Schuckert arregalou os olhos de espanto. O General Olbricht apoiou o braço nos ombros do Coronel.

— Aprenda esta lição, Schuckert. Aprenda e tire bom proveito.

— Sim senhor.

O General Olbricht fez um arremedo de continência e atravessou lentamente o salão, os passos ecoando cada vez mais baixo no escuro.

O Coronel Schuckert foi à sua mesa e serviu-se de uma generosa dose de conhaque. Sua mente rodava enquanto ele sorvia o líquido âmbar e gostoso. A escuridão parecia se expandir por todos os lados até que ele ficou de pé num círculo de luz cercado por um imenso, negro vazio.

Passos vagarosos vieram pelo corredor.

Pés calçados em botas novas, que rangiam. O homem mancava, procurando proteger uma das pernas. Os passos continuaram a avançar até que o som reverberou na mente de Schuckert como marteladas, trazendo-o de volta à realidade.

Acordando do pesadelo, o Coronel Schuckert virou-se para o lado e, ainda segurando o copo de conhaque, saiu apressadamente pela porta lateral que dava para a rua, enfrentando o frio matinal.

O dia raiava sobre Munique. As nuvens que vinham ameaçando chuva sobre a Oktoberfest durante a última semana haviam-se dispersado, abrindo espaço para o sol. Com um brilho vermelho acima das colinas, o dia clareava

sobre a cidade.

O Coronel Schuckert parou na rua, olhando disfarçadamente em volta. Ninguém à vista, exceto um gari solitário. As lojas ainda estavam fechadas, com as portas de grade baixadas para proteger as vitrines, e o ar fresco que circulava pelas ruas clareou o espírito do Coronel.

Jogou o copo de conhaque num terreno baldio e começou a andar depressa. Ajeitou o uniforme da melhor maneira possível e seguiu pela Rhumfordstrasse. Precisava agora de disciplina mental; tinha subordinados e uma organização a comandar. Seus passos ecoavam de modo enérgico nas calçadas enquanto ele se encaminhava ao Palácio da Justiça.

O grande prédio assumira uma tonalidade rósea aos primeiros raios de luz do dia. O Coronel Schuckert galgou rapidamente os degraus e retribuiu corretamente a continência de um inspetor que descia a escadaria com uma pasta debaixo do braço.

— Bom dia, Coronel — disse, surpreso, o policial de plantão no saguão. — Sua esposa está preocupada com o senhor e pede que lhe telefone assim que chegar.

— Obrigado — murmurou o Coronel.

Estendeu a mão para receber o registro de ocorrências da noite anterior. Notou que a vigilância do apartamento da prostituta continuava. Sob as luzes brilhantes, cercado pela segurança de muitos homens uniformizados e uma organização que funcionava com a precisão de uma máquina bem regulada, o Comissário sentiu-se em casa.

Ficou lendo o livro de registros sob uma bandeira da República Federal da Alemanha.

— Coronel Schuckert!

Os olhos do Coronel focalizaram um homem magro e enérgico que vinha andando pelo corredor bem-iluminado.

— Oh, é você, Flanck.

Flanck parou diante do Comissário, os olhos faiscando de excitação, respirando fundo por causa do esforço de ter corrido a última metade do caminho.

— Bom dia, Coronel. Só nós chegamos cedo, não é?

— O que há, Flanck?

O Coronel começou a andar despreocupadamente, acompanhado pelo Promotor, olhando para as várias salas de interrogatório, conferências e o laboratório, reparando nos homens e nos horários estabelecidos.

— Fui informado esta manhã de que o Inspetor Bauer deu instruções para que os homens não fizessem uso das armas.

— A menos que estejam correndo risco pessoal. É prerrogativa do Inspetor.

— Mas isso é loucura! O homem está maluco!

— Não obstante, tem autoridade para isso replicou secamente o Coronel.

Então, acrescentou num tom mais suave: — Creio que ele tem um interesse pessoal em salvar a vida do homem.

O Comissário e o Promotor pararam em frente a uma das salas de interrogatório. Estava vazia, com barras de sol entrando pelas venezianas e lançando listras luminosas nas paredes brancas e no chão de ladrilho.

— Eu cancelei a ordem — declarou Flanck.

O Coronel Schuckert ergueu ligeiramente a cabeça.

— Eu estou encarregado do caso, Flanck...

— Mas o perigo...

— ...e, por enquanto, deleguei minha autoridade a Bauer!

O Coronel recomeçou a andar pelo corredor.

— Você vai pôr a ordem novamente em vigor, ou eu terei que fazê-lo? — perguntou ele.

Flanck foi obrigado a correr para alcançar o Comissário.

— Não exporei Munique a esse tipo de perigo...

— A ordem de Bauer continua em vigor — disse o Coronel, prosseguindo pacientemente ao longo do corredor.

Flanck teve que apertar o passo para acompanhá-lo.

— Devo informá-lo, Coronel, que estabeleci um acordo com Sua Excelência, o Prefeito.

— Sem antes falar comigo? Você trabalha depressa, Flanck.

— Eu repito, Coronel: Sua Excelência e eu fizemos um acordo.

— Não duvido.

Entraram num amplo salão onde a luz penetrava livremente, sem criar sombras. Homens andavam em todas as direções, fardados e à paisana, ocupados, a caminho de seus postos ou regressando do serviço noturno.

— O que quer dizer com tal comentário, Coronel?

— Que as atitudes políticas de Sua Excelência são bastante conhecidas.

A fisionomia de Flanck contraiu-se um pouco.

— Se o Coronel se refere a algumas escolhas infelizes para postos no Conselho Municipal...

— Exato, Flanck. Homens de comprovada experiência — não foi o que ele disse deles?

— Homens cuja capacidade era extremamente necessária.

— Como queira, Flanck.

Flanck correu para se postar à frente do Comissário, obrigando-o a parar.

De uma hora para outra, o salão ficara deserto.

— A guerra terminou, Coronel. A Alemanha está reconstruída. Reconstruída. Vocês não podem mais conservá-la em escombros morais.

— Eu não a coloquei em tal estado, *Herr* Flanck.

O Coronel Schuckert empurrou delicadamente o Promotor para o lado e se encaminhou para o corredor. Flanck estava ↗ 175 ↗

muito pálido, mas o Comissário simplesmente colocou as mãos às costas e prosseguiu tranqüilamente seu caminho.

— Oh, não? — gritou Flanck. — Não mesmo? E quem o fez, senão homens como o senhor?

As palavras penetraram até o coração do Coronel Schuckert. Seu pesadelo retornou. Virou-se lentamente a fim de se dirigir a Flanck e avistou Koenig parado a uma porta. O policial escutara todo o diálogo.

— O que é, Koenig? — quis saber o Comissário. — Acho melhor que o que você tem a me dizer seja algo importante.

Koenig olhou para o Coronel Schuckert e, depois, para Flanck. Não se atrevendo a excluir um ou outro, olhou alternadamente para ambos.

— A casa de banhos à beira do Isar, senhores — anunciou ele. — Foi bombardeada. Todas as unidades foram convocadas.

Capítulo 13

As chamas lambiam as vigas, tingindo de vermelho vivo as parados de tijolos. O rio Isar fervia e espumava. Canos e tijolos caíam na água, formando e tornando a formar corredeiras quando a água passava pelos escombros caídos.

Vizinhos e transeuntes logo se reuniram em volta do local. As sirenes da polícia e dos bombeiros gemiam ao longo do rio.

— O que aconteceu?

— Alguém se machucou?

— O gerente. Morreu escaldado.

— O rio deve ter transbordado neste ponto.

As vozes continuavam a murmurar coisas desse teor.

As paredes, como as ruínas da Babilônia, pareciam prestes a desabar sobre o entulho de canos partidos, caldeiras retorcidas, papéis e toalhas rasgados. Um enorme prédio de tijolos, a grande casa de banhos à beira do Isar se erguera

durante séculos como uma cidadela à margem do rio. E

através de suas portas, fosse verão ou inverno, os homens e mulheres de Munique entravam em noites alternadas. Na Europa, poucas residências eram equipadas com banheiros particulares, de modo que uma casa pública de banhos era um complemento necessário à higiene. A água do rio era trazida em canos até as caldeiras, e longas tubulações paralelas alimentavam as fileiras e fileiras de chuveiros e salas de vapor. Durante o dia e no início da noite, os fregueses chegavam e, na comodidade dos banhos turcos, conversavam, relaxavam e recuperavam a saúde.

Os tetos eram de ladrilhos vitrificados; junto às portas, estatuetas brancas pareciam observar carinhosamente os freqüentadores. Vastas salas e ante-salas levavam a salas de repouso e depósitos de toalhas, de modo que quando a explosão fez ir pelos ares tijolos e reboco, a elegante fachada da grande casa de banhos foi arrancada como a tampa de uma lata de sardinhas, deixando à mostra as salas em ruínas e exalando vapor no frio matinal.

Martin Bauer parou o carro. Madeline e Steinmann fitaram, perplexos, as ruínas fantasmagoricamente iluminadas pelas chamas. Nuvens de fumaça ainda brotavam dos alicerces.

Bombeiros obscurecidos pela fumaça azulada penetravam de cabeça baixa nas entranhas do velho prédio, arrastando mangueiras atrás de si. Todos os espectadores pareciam atônitos e dobavam os pescoços para ver o brilho vermelho das labaredas que dançavam em meio à fumaça.

— Com licença — disse Bauer. — Fiquem no carro. Vou ver o que aconteceu.

Mas Madeline e Steinmann saltaram rapidamente do veículo para observarem a atividade. Uma parede ruiu e uma fileira de chuveiros tombou, levantando uma poeira úmida, os canos brilhando ao sol da manhã.

O Inspetor abriu caminho por entre os curiosos que se acotovelavam contra o cordão de isolamento estendido na periferia do sinistro. Bauer passou por baixo da corda.

Carros dos bombeiros ocupavam todos os acessos, as mangueiras descendo pelas sarjetas e subindo pelas pilhas quentes de tijolos e reboco. Bombeiros passavam correndo pelo Inspetor, arrastando vigas de madeira fumegantes e pedaços de cano retorcidos. Um borrito de água encharcou Bauer, escurecendo-lhe ainda mais o uniforme escuro.

— Bauer!

O Inspetor se voltou.

Da sombra da coluna de fumaça surgiu um vulto, com uma voz que já lhe era familiar. Hugo Flanck acendeu um cigarro.

— Quem você acha que fez isto?

— O que acha disto? — acrescentou suavemente o Promotor. — Alguém com rancor de toalhas?

Bombeiros com roupas de asbesto e máscaras contra gases apareceram nos pontos onde a fumaça era mais densa.

Traziam várias latas de destroços fumegantes. Esvaziando as latas no chão, começaram a examinar os carvões em brasa.

— Dinamite — disse um deles. — Até agora, em três locais do prédio.

Bauer olhou para as ruínas fumegantes. Os compridos corredores percorridos pelos homens num dia e mulheres no outro se encontravam meio expostos, ainda brancos e bem lavados em alguns trechos.

— Incrível, não é? — comentou Flanck.

Bauer não olhou para o Promotor.

— O que me lembra de lhe perguntar, Bauer: seu assassino se deu o trabalho de aparecer por lá?

— Não, senhor. Não apareceu.

— Foi o que pensei — disse Flanck, atirando longe o cigarro, que sumiu em meio às brasas fumegantes espalhadas pelo chão. — Hoje à tarde haverá uma conferência em meu gabinete — acrescentou o Promotor. Serão discutidas certas ramificações do seu caso.

Virando-se, Flanck se afastou lentamente, tomando cuidado com as brasas no chão. Passou sob o cordão de isolamento que continha a multidão de curiosos e desapareceu.

Um bombeiro empurrou Bauer para o lado, carregando metade de um tanque de água que fora dividido em dois pela explosão. Fios e uma válvula pendiam estranhamente de uma das extremidades do tanque.

— Uma quantidade incrível, senhor disse o bombeiro, sacudindo a cabeça. — Uma quantidade incrível.

Bauer avistou a figura imponente do Coronel Schuckert comandando a equipe de bombeiros na outra extremidade do terreno. Dois sargentos estavam de pé a seu lado, cada um com ocorrências urgentes a serem relatadas. Com muita dificuldade, Bauer abriu caminho por entre os escombros fumegantes.

Montes de toalhas tinham-se espalhado pela rua, como cadáveres. Agora, fumegavam. Exalavam fumaça azulada, o tecido em brasa. A fumaça espiralava em formas estranhas, enchendo o ar.

O Coronel Schuckert terminou de dar suas instruções e ficou parado, pensativo, parecendo não notar a presença de Bauer a seu lado. Então, virou-se.

— Flanck falou com você?

— Sim, senhor.

O Comissário estudou a fisionomia do Inspetor.

— Não dormiu a noite inteira, não é?

Não, senhor.

— Sugiro que vá dormir um pouco. Flanck convocou uma reunião para hoje à tarde.

Bauer fitou um instante o rosto compreensivo do Comissário. Um rosto terrivelmente abatido, composto, mas com um tique nervoso no canto da boca. E uma expressão sombria, perdida, no olhar.

— Sim, senhor — disse o Inspetor. Ele me disse.

Bauer e o Coronel Schuckert observaram a atividade por um momento. Tudo corria normalmente e todas as unidades tinham sido despachadas para seus respectivos serviços.

Steinmann e Madeline, postados junto ao carro da polícia no lado oposto da área isolada, também observavam o incêndio.

Agora, o sol os banhava inteiramente com um forte brilho dourado.

— Creio que ele falará com o Ministério a respeito do caso — disse o Coronel Schuckert. — Como eu temia desde o início, isto chegará aos ouvidos de Bonn.

O Coronel tirou um pedaço de cinza que se colará ao uniforme.

— Sempre considere tal possibilidade, senhor.

— Talvez tudo dê certo — replicou vagamente o Coronel.

Sem continência ou mesmo um cumprimento de cabeça, virou-se e andou em direção aos caminhões dos bombeiros.

Bauer fitou-o pensativamente.

Então, andou lentamente de volta ao carro da polícia.

Steinmann e Madeline observaram sua aproximação, tentando julgar-lhe a expressão do rosto. Mas o Inspetor se limitou a entrar no carro e cobrir o rosto com a mão. Fechou os olhos, cansado até a medula óssea.

— Vamos, Paul?

Steinmann ajudou Madeline a embarcar no carro e se sentou ao volante. Fagulhas voavam no ar matinal, acima deles, e o carro se afastou vagarosamente dos escombros.

O Inspetor Bauer se recostou no banco.

— Haverá uma conferência hoje à tarde — disse ele. — Você não precisa vir, se estiver dormindo.

— Flanck? — perguntou Steinmann.

Bauer confirmou com a cabeça. Olhou pela janela, não conseguindo dormir. Uma velha com os cabelos atados num coque sorria e regava as peônias que cresciam ao longo de sua cerca branca.

No banco traseiro, Madeline mergulhara num sono leve e agitado.

— Não será tão ruim — disse Steinmann. — Agora ele tem outro caso para ocupar suas ambições.

O Inspetor-Chefe soltou um grunhido de assentimento.

Os carvalhos e bordos que se alinhavam ao longo das calçadas brilhavam à luz da manhã, que se refletia nos cristais gelados do orvalho.

— A menos que seja o mesmo homem, suponho — murmurou Bauer. — Mas isso não faz sentido. O que poderia ter ele contra uma casa de banhos?

O Inspetor-Chefe escorregou no assento, meio acordado, enquanto o carro dava solavancos ao atravessar uma linha férrea.

No banco traseiro, Madeline mexeu-se, inquieta mas adormecida.

Cenas do incêndio se haviam gravado em sua memória, grandes nuvens de fumaça saindo dos tijolos e fazendo sombra sobre as pilhas de toalhas espalhadas na rua.

Labaredas devoravam as vigas de madeira entre os tijolos e, como uma fileira de sentinelas, os chuveiros tombados brilhavam antes de se enegrecerem vagarosamente ao som das vozes alemãs que pareciam um zumbido pairando por toda a área isolada.

— Quer dizer que foi o mesmo homem?

A voz indignada de Flanck quebrou o silêncio da sala de reuniões.

— Eu... eu não sei do que o senhor está falando — gaguejou o vigia noturno, as rugas do rosto contraídas numa paródia de medo, numa máscara de confusão e mortificação.

— Realmente não sei, senhor.

O Coronel Schuckert, Bauer e Steinmann haviam dormido e agora, reanimados e imaculadamente uniformizados, sentavam-se à mesa fitando o velho que ainda usava suas roupas de trabalho.

Na extremidade oposta da mesa, Madeline o olhava com piedade.

— Vou lhe dizer do que estou falando — declarou Flanck. — Alguém fugiu com um caixote e meio de dinamite e deixou lá uma machadinha de açougueiro — e você não deu queixa!

— Mas eu dei. Quando meu substituto chegou.

— Às oito horas da manhã. Não existe um telefone na obra?

O rosto do vigia noturno se contorceu ainda mais.

Todavia ele só deparou com os olhares sombrios e impassíveis do grupo sentado à mesa.

— Você não lê os jornais? — prosseguiu Flanck. — Não ouviu dizer que existe um louco solto em Munique, esquartejando pessoas com aquela...?

Flanck apontou para a mesa.

Ali, sobre uma toalha escura, estava a machadinha do açougueiro. O fio da lâmina fora danificado e a ponta do cabo estava lascada. O instrumento parecia um peixe frio e metálico, refletindo a luz fluorescente.

— Vamos, fale!

O vigia noturno estava visivelmente amedrontado.

— Eu... eu não tinha idéia. Pensei que fossem crianças...

Vinham todas as noites, para me provocar... Pensei que eram elas... roubando cordas...

Flanck, furioso, desistiu do interrogatório. Bauer se aproveitou da oportunidade, inclinando-se sobre a mesa.

— Viu alguma coisa? — perguntou ele em voz baixa. — O rosto, ou as roupas? Qualquer coisa?

— Não. Só uma sombra. Pensei que fossem crianças.

Flanck tamborilava com os dedos na mesa, pensando. Era evidente que não queria mais nada com o vigia.

— Muito bem — disse Bauer. — Vá para casa. E fique lá.

Talvez desejemos conversar com você outra vez.

O rosto do vigia noturno se contorceu no sentido oposto, tentando sorrir.

— Obrigado.

Levantou-se rigidamente. Steinmann moveu a cadeira para lhe dar passagem. O velho curvou-se repetidamente até chegar à porta.

Obrigado. Obrigado.

Saiu. A porta se fechou. A sala ficou silenciosa, a não ser pelo zumbido do ar condicionado.

Flanck suspirou.

— Ele trocou a machadinha por algo pior.

Todos se viraram para encará-lo, mas os olhos negros do Promotor estavam fixos na machadinha de açougueiro no centro da mesa. O peso duro e cruel da lâmina parecia prender-lhe toda a atenção, deixando-o rígido. Todos os olhares se dirigiram à machadinha.

— Podemos entender seus motivos para matar aquelas pessoas — disse o Coronel Schuckert. — Insanos, mas lógicos.

Mas... um prédio? — perguntou ele, incrédulo. — Tijolos e alvenaria? — acrescentou, erguendo os olhos numa interrogação. — Que crime poderia ter cometido uma casa de banhos?...

Madeline inclinou-se para diante, os olhos muito abertos, a voz um murmúrio: — Faziam-nos entrar no prédio. O letreiro de um lado dizia "Homens" e do outro "Mulheres". Apinhavam-nos nos chuveiros, despidos, e

fechavam uma pesada porta de aço.

Então, abriam as torneiras no lado de fora e, em vez de água, saía gás Cyclon B. Venenoso. Queimava-lhes os pulmões. Era quente como cal. Naturalmente, não existiam janelas nem ventilação. Era hermeticamente fechado. Eles se amontoavam perto da parte inferior da porta de aço, ansiando por um pouco de ar.

Madeline olhou para Bauer, que engoliu em seco. Flanck empalidecera.

— Não pensa que...? — perguntou o Coronel Schuckert, cuja mente se recusava a absorver o que Madeline dizia.

Então eram transportados numa esteira rolante — prosseguiu ela. — Amontoavam os corpos nas esteiras rolantes, que os atiravam nas fornalhas. Às vezes, ainda nem estavam mortos. Eram cremados o mais depressa possível, mas havia sempre um acúmulo de cadáveres. O cheiro era horrível. Era possível senti-lo a dez quilômetros de distância através dos campos...

— Francamente! — intrometeu-se Flanck. — Por que motivo esse tipo de...

— Porque qualquer coisa que tenha uma esteira rolante é alvo para ele — prosseguiu Madeline. — Qualquer coisa feita de tijolos com chaminés, fornos de calcário, necrotérios.

Porque ele pensou que a casa de banhos fosse o barracão dos chuveiros... e a destruiu!

— Totalmente absurdo! — exclamou Flanck.

— Pode ser verdade, *Herr* Flanck — disse cautelosamente Bauer. — O faxineiro foi encontrado enfiado numa fornalha.

— E o açougueiro? — retrucou Flanck. — Suponho que...

— Por que não? — quis saber Madeline. — Corpos pendurados em ganchos de açougue. Por que não? Eles faziam coisas piores. Instrumentos e ferramentas que nunca se destinaram ao emprego em seres humanos...

— Basta, Srta. Kress!

— *Herr* Flanck — disse Bauer. — O importante é que todos esses locais correm perigo. Se o homem sofre de... alucinações, ou coisa que o valha...

— Hospitais — disse Madeline.

— Hospitais? — repetiu Flanck.

— Médicos. Agulhas de injeção. Enfermeiros. Jalecos brancos. Eles injetavam veneno, querosene, substâncias químicas. Para observá-los morrer. Meninos tremiam diante deles. Experiências sexuais: mulheres submetidas a operações, castrações, torturas com arame e vidro — tudo sob o pretexto de "trabalho médico". Acha que esse homem não se impressionará ao ver um hospital?

— Sim! Meu Deus! — exclamou Steinmann. — Padarias, *Herr* Flanck. Os

fornos.

— E o Exército ou a polícia acrescentou o Coronel Schuckert. — Refiro-me aos uniformes. Açam que só porque as fardas são atualmente de uma agradável cor verde parecem tão diferentes?

Fez-se um silêncio terrível.

— Durante quanto tempo podemos esperar até que ele faça Munique ruir sobre nossas cabeças? — perguntou finalmente o Coronel Schuckert. — Se o homem é capaz de confundir pessoas inocentes com membros da SS... e uma inocente casa de banhos com... com aqueles lugares horríveis...

O olhar do Coronel pousou na lâmina sobre a mesa e ele concluiu: — Quando ele vai parar com isso?

— Não sei — disse Bauer.

Flanck inclinou-se repentinamente para diante.

— Muito bem, Bauer — disse ele. — O que sabe você?

— Senhor?

— Você sabe que a Srta. Kress tem o direito de insinuar todas essas coisas. Sabe que o assassino está à caça de nazistas. Sabe que o faxineiro é Tauber e o açougueiro Goering. Mas quando chega a hora de recomendar medidas eficazes para deter esse homem, você se mostra particularmente impotente. Exceto, é claro, por passar a noite, de arma em punho, no quarto de uma prostituta.

— Um momento, *Herr* Flanck! — replicou Bauer.

— Desencavando fotografias, fazendo chover essas horríveis insinuações. Você é uma desgraça...

— Ao diabo com sua desgraça, Flanck!

Bauer se levantou, furioso. Flanck o imitou, encarando-o com firmeza.

— Senhores — disse o Promotor —, isto nos traz ao objetivo principal desta reunião. Coronel Schuckert, creio que o senhor está cômico de que este caso foi mal cuidado desde o início. O Inspetor Bauer é obviamente incompetente.

— Minha competência *nunca* foi colocada em dúvida até este caso — declarou Bauer, veemente.

— É verdade — disse o Coronel Schuckert, que também se levantara num esforço para manter a calma. — A folha de serviços de Bauer é formidável.

Flanck replicou: — Pela última vez, sugiro que ele seja substituído.

Sua *sugestão* receberá minha consideração, *Herr* Flanck — respondeu secamente o Coronel.

Flanck encarou diretamente o Coronel Schuckert.

Depois, correu os olhos pela sala, fitando Bauer, que o olhava raivosamente, Steinmann, que parecia embaraçado por aquilo tudo, e novamente

Bauer. Para Flanck, Madeline Kress simplesmente não existia.

— Muito bem — disse o Promotor. — Eu entendo.

Pegou sua pasta e se afastou da mesa, curvando o pescoço firme. Tranquilo, virou-se para exhibir um sorriso cortês.

— Tenham um bom dia, senhores.

Flanck saiu da sala. Mais uma vez a porta se fechou às costas de alguém que se retirava.

O Coronel Schuckert suspirou. Em sinal de que a reunião estava encerrada. Steinmann também se levantou.

— O que acontecerá agora? — quis saber Madeline.

O Coronel falou em voz baixa, pronunciando nítida e agradavelmente cada palavra: — Ele irá a Bonn, onde contará todos os tipos de histórias a respeito do Inspetor Bauer e de mim, conseguindo transferir o caso para sua jurisdição.

A expressão do rosto de Bauer era de apreensão.

— Sinto muito, Bauer — disse o Coronel Schuckert. Mas receio que você seja substituído.

Durante algum tempo, ninguém se moveu ou falou.

— Quanto a você, Srta. Kress, não sei prever seu papel — se ainda houver algum — disse finalmente o Coronel. — Seu auxílio até o momento foi de um valor inestimável. Espero que possa continuar.

Curvou-se ligeiramente diante de Madeline.

Quando se reuniram junto à porta, o Coronel ajeitou o boné na cabeça.

— Flanck adora armas — disse ele. — Graças à burocracia de Bonn, vocês têm cerca de dois dias para tentar encontrar o assassino e apanhá-lo vivo.

O Inspetor-Chefe replicou com uma curvatura rápida e decidida.

BONN:

O Décimo Segundo Dia da Oktoberfest

Capítulo 14

Madeline passou sob um cartaz da Terra Santa. O céu azul brilhava, eterno, acima dos picos escarpados do Sinai.

Madeline parou. Por trás dela, a cúpula dourada da Rocha cintilava acima das velhas e sagradas colinas de Jerusalém.

Desculpe-me — disse ela em hebraico. — Não disponho de muito tempo.

O bonito jovem sentado à mesa ergueu a cabeça e, em seguida, levantou-se. Sorriu, fazendo sinal para que Madeline se sentasse.

— Sente-se, por favor disse ele. Sou Eli Krafft.

Madeline entregou-lhe suas credenciais dos Arquivos.

— Sinto-me honrado, Madeline — disse ele, lendo os documentos antes de devolvê-los.

Madeline estudou o jovem. Este se recostou na cadeira, retribuindo-lhe abertamente o olhar.

— A Embaixada está à sua disposição — declarou.

— Cheguei de Munique esta manhã disse Madeline. — Há um homem... talvez seja judeu... Eu o quero em Israel.

Eli ergueu uma sobrancelha.

O que impede que ele vá?

— É doente mental.

— Não tem parentes?

— Não sei.

— Quem é ele?

Madeline fez uma pausa.

Eli pressentiu que havia alguma dificuldade. Fez um gesto indicando os copinhos sobre a mesa. Madeline não recusou, de modo que ele os encheu de café preparado à moda árabe, acrescentando uma grande quantidade de açúcar. A

fumaça subia dos copos. Madeline observou-a, esperando que o café esfriasse um pouco.

— Quem é ele, Madeline? — repetiu Eli.

— Um criminoso.

— Ahhh... Compreendo. Isso é um pouco mais difícil.

— Não. Não me expliquei bem.

— Criminosos podem ser deportados. Já aconteceu no passado. Mas não é fácil. Qual foi o crime?

— Homicídio.

Diante disso, Eli se calou.

Bebericou devagar o café, segurando o copinho entre o polegar e o indicador. Estudou cuidadosamente a atraente mulher.

— Quando acordei, desconfiei que hoje não seria um dia normal — comentou ele com um sorriso.

Uma secretária entrou na sala por uma porta lateral, carregando diversos envelopes. Sem olhar para ela, Eli fez sinal para que tornasse a sair. Em seguida, inclinou-se sobre a mesa.

— Quem é ele? indagou.

— Não sei.

Madeline colocou o copinho em cima da mesa.

— Três homens foram assassinados em Munique por um homem que usou uma machadinha de açougueiro. Um se parecia com Goering, outro com Himmler e o terceiro com Tauber, um Rapportführer em Auschwitz.

Eli permaneceu calado.

— Então, o homem atacou uma prostituta. Ela se parece com Juana Bormann.

— Você não está enganada?

— Não.

— Compreendo. Está auxiliando a polícia de Munique.

— Sim.

Eli se calou outra vez. Bateu nos lábios com um dedo.

— E ontem a casa de banhos municipal foi destruída.

— Eu sei — disse Eli, apontando para um rádio portátil em cima da mesa.

— Ouvimos a notícia.

— Foi o mesmo homem.

Eli respirou fundo.

— Não nos disseram isso — declarou.

— Nem dirão. Ao menos por algum tempo. Estão controlando as notícias o máximo possível.

— Por quê?

— A publicidade seria indesejável — replicou amargamente Madeline. Eli meneou afirmativamente a cabeça.

— Como sabe que ele é judeu?

— Porque nenhum outro reconheceria aquelas fisionomias, aquelas cenas. Eli sacudiu os ombros.

— Os alemães também estiveram lá — ponderou ele.

— Mas isso não os perturba.

— Você não acredita que alguém com a consciência pesada...?

— Não. É impossível.

Eli alisou os cabelos para trás.

— Não tenho certeza do que possamos fazer — disse ele com franqueza. — Se ele for cidadão alemão...

— Mas, antes de tudo, é judeu.

— Sim — protestou Eli. — Mas...

— Mas o quê?

— Não podemos simplesmente seqüestrá-lo. Presumindo que você o encontre. Os dias do caso Eichmann são coisa do passado.

— Eles o matarão, Krafft. O Promotor quer vê-lo morto — depressa.

— Ouça, Madeline: se um judeu cometeu esses crimes, será julgado e considerado culpado, ou louco, por um tribunal alemão.

— Mas eles o matarão — repetiu Madeline. — A "justiça" alemã é notoriamente sensível à política internacional. E se o silêncio for desejável...

Eli se levantou e olhou pela janela. O grande panorama industrial estendia-se até um rio cinzento e cintilante.

Automóveis e aviões alemães eram visíveis em todas as direções, no solo e no ar.

— Seria uma situação muito delicada — admitiu ele.

— "Situação"! — explodiu Madeline. — De que você está falando?

Eli deu meia-volta, encarando-a com simpatia.

— A guerra terminou, Madeline. Agora, existem novas realidades, novos objetivos. Hoje em dia, Israel e Alemanha estão muito ligados.

— Não estou interessada em economia.

— Mas receio que ela exista.

Madeline se levantou contrariada.

— Faça o favor de estudar o problema com as autoridades competentes — disse ela. — Por isso vim aqui hoje.

— É claro. Mas não posso prometer nada.

Madeline olhou em volta, pouco à vontade.

— Há mais uma coisa que eu desejo — declarou ela.

— Sim?

— Existem várias fontes de documentação da época da guerra que o Yad Vashem ainda não microfilmou. Eu gostaria de dar uma olhada nelas antes de partir.

— Certamente. Eu a colocarei em contato com elas.

Madeline tomou o resto do café.

— Recebemos nossas peças de máquinas da Alemanha, pagando-as com frutas — disse ela. — Será que também precisaremos pagá-las com judeus?

Eli assumiu uma atitude mais suave.

— Defenderei seu caso nos termos mais veementes — prometeu ele. — Se ele não estiver envolvido em política, talvez exista uma possibilidade...

— Eu o quero fora da Alemanha — concluiu Madeline.

Eli inclinou a cabeça para um lado, significando: "Vou tentar".

— Incrível, não é? — comentou Madeline. — Quem imaginaria que voltaríamos tão cedo? Não obstante, aqui estamos.

— Bem, é como costumam dizer — replicou Eli, um tanto aliviado ao perceber que o tópico principal da conversa parecia estar concluído. — A Alemanha é um belo país. Só tem uma coisa de errado.

— Os alemães.

Eli sorriu. Andaram juntos até a porta.

— Deixo-o com suas "novas realidades" — disse Madeline.

— *Shalom*.

— *Shalom*.

Ela saiu. Eli observou-a afastar-se pelo corredor e, depois, esperar pelo elevador. Ficou ali parada, bela e decidida. Viera de um mundo diferente, agora quase legendário para ele: a geração da guerra. Tão repentinamente quanto entrara no escritório de Eli, Madeline embarcou no elevador, as portas se fecharam e ela desapareceu.

Em Bonn, Flanck também estava sentado num escritório.

Todavia, não antes de haver esperado. O Promotor aguardara um tempo enorme. Os russos poderiam ter atravessado a Baixa Francônia, fazendo um intervalo para o chá e *borscht*, durante o tempo em que ele passou esperando.

Flanck permaneceu sentado por uma hora e meia, em seu terno escuro bem passado, com a pasta no colo.

— O Ministro o receberá agora — disse o secretário.

Flanck entrou no gabinete do Ministro.

— *Herr* Flanck — disse o Ministro, estendendo ambas as mãos para a

saudação. — Fez boa viagem?

— Sim. Tomei o Expresso de Bonn.

— Ahhh! O novo elétrico.

— Exato. Cento e vinte quilômetros por hora. Um escritório particular. Linhas privadas de telefone. Cinquenta e sete carros.

— Preciso viajar nele.

O Ministro indicou uma poltrona.

Na verdade, o Ministro não se recordava de Flanck. Não obstante, não era a primeira vez que o Promotor se sentava diante dele com uma pasta no colo. Isso acontecera quando ambos eram muito mais jovens. Ocupavam cargos subalternos.

E sob um governo diferente.

— Aceita um charuto?

O coração de Flanck bateu um pouco mais depressa. Os gabinetes ministeriais sempre lhe causavam tal efeito. Correu o olhar pela sala forrada de lambris, uma fotografia de Adenauer na parede, uma foto autografada da residência de verão dos Krupp.

— Muito obrigado, senhor. Vou aceitar um.

Flanck inclinou a cabeça, quase em deferência, e esperou que o Ministro lhe acendesse o charuto. Reparou cuidadosamente na marca dos charutos.

O Ministro expeliu a fumaça pelas narinas. Seu cabelo branco brilhava à luz que vinha da janela.

— O que se passa em Munique? perguntou ele bruscamente.

— Ele continua a escapar de nós.

— Por que, Flanck?

— O Inspetor-Chefe é incompetente.

— Ora, vamos, Flanck.

— A despeito de todos os indícios em contrário, ele persiste na teoria de que...

— Sim, sim — interpôs o Ministro com desagrado. — Você já me contou pelo telefone.

Flanck não se atreveu a erguer os olhos para encarar o Ministro. Este prosseguiu: — Mesmo assim, Schuckert — eu lhe conheço a reputação — certamente não permitiria que algo inconveniente acontecesse.

— O Coronel está totalmente sob o domínio do Inspetor-Chefe.

— Como assim, Flanck?

— A dependência do conhaque lhe corroeu a capacidade de julgamento.

Algo na impaciência de Flanck agradava o Ministro. Por um breve instante o Ministro teve a impressão de que já conhecia Flanck de algum

outro lugar.

— Compreendo, Flanck, compreendo. Isso, naturalmente, um é problema muito sério.

Flanck ficou calado.

— E quanto à mulher, Flanck?

Uma israelense típica, senhor.

— Diabo!

O Ministro estendeu a mão para um prato de vidro no qual estava gravado um ganso e nele depositou a cinza do charuto.

Flanck, que estivera imaginando o que fazer com a cinza do seu, inclinou-se para o imitar.

— Isso é mesmo muito ruim — disse o Ministro.

Flanck tirou da pasta uma pilha de fotografias. Bastou um rápido olhar para que o Ministro percebesse do que se tratava.

Empalideceu e, de repente, passou a parecer muito mais velho.

— É obsceno! — disse ele a Flanck. — E o Coronel não diz nada?

— Nada.

O Ministro examinou rapidamente fotografias das valas cheias de cal, retratos de obscuros criminosos do Terceiro Reich, pilhas de cadáveres — tiradas por fotógrafos incapazes de olhar de perto o que estavam fotografando.

— Eis o tipo de coisas que a mulher está metendo na cabeça do Inspetor desde que chegou à Alemanha. A investigação toma por base esse lixo. Usei toda a minha persuasão e poder limitado para manter essas fotos fora dos jornais.

O Ministro pegou o telefone, solicitando a presença imediata do secretário.

— Fico satisfeito por você me mostrar isto pessoalmente, Flanck.

O promotor inclinou a cabeça.

O jovem secretário entrou no gabinete e se sentou educadamente, tirando do bolso do paletó um bloquinho e um lápis.

O Ministro ditou a mensagem. Quando terminou, dispensou o secretário e encarou Flanck.

— Já viajou no trem de Hanover para o leste? — perguntou o velho. — Cento e quarenta quilômetros por hora em determinados trechos. E um carro-restaurante digno de um *gourmet*.

— Sim, senhor — mentiu Flanck. — Muitas vezes. É uma de minhas linhas prediletas.

Flanck saiu do gabinete do Ministro com um envelope no bolso. Tinha pela frente uma série de formalidades a cumprir, mas, em essência, o caso agora era seu.

MUNIQUE:

O Décimo Terceiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 15

Eram duas horas. As escolas tinham fechado mais cedo por causa da Oktoberfest.

A menina caminhava, balançando os livros, através do monturo no canteiro de obras, permitindo ocasionalmente que eles roçassem nas pedras salientes e cacos de vidro.

Parecia um procedimento menos acidental do que um ato de rebeldia.

Todos os dias, desde que o velho curtume fora fechado, a menina usava aquele atalho para casa. Não exatamente porque economizasse algum tempo, mas porque lhe proporcionava um pouco de aventura. Assim, a cada dia ela se demorava no caminho, parando para examinar e explorar os montes de escombros de tijolos, madeira e reboco, os olhos buscando constantemente algum novo e interessante tesouro. Dois dias antes, ela encontrara uma maravilhosa peça de metal cinzelado, que, na verdade, era o cabo quebrado de uma bela colher de prata. Até mesmo seu pai achava que o objeto tinha algum valor. Portanto, hoje, ela caminhava com especial lentidão por uma nova área das escavações — um pouco afastada de seu itinerário normal —, na esperança de descobrir algo realmente notável.

Foi exatamente ao chegar ao topo de um monte de tijolos que avistou a pequena janela meio escondida num trecho de parede baixa que formava a base de uma enorme pilha de escombros.

A menina se abaixou depressa para examinar a janelinha.

Meio coberta por terra e pedras empilhadas, a abertura retangular ainda tinha dimensões suficientes para permitir que uma pessoa se esgueirasse por ela.

A menina espiou pela janela, enfiando a cabeça pela abertura e protegendo os olhos com as mãos para adaptar a visão à escuridão do interior. Sentiu no rosto um bafo frio e úmido de cemitério, o qual, embora assustador, lhe causou

emoção, pois evocou imagens de tesouros de piratas escondidos em cavernas escuras e úmidas.

Logo os vagos contornos de um pequeno aposento lhe apareceram aos olhos e, alguns palmos abaixo dela — um pulo fácil, na verdade —, um chão coberto de pedaços de concreto quebrado.

Cuidadosamente, ela esgueirou o corpo magro pela abertura e desceu até o chão. Parou, pensando sobre o problema dos livros escolares que deixara no lado de fora da janela. Decidiu que era seguro deixá-los lá, pois certamente não se demoraria muito naquele porão sombrio, porque, entre outras coisas, tinha medo de ratos.

Gradativamente seus olhos começaram a enxergar melhor as coisas no escuro. Por exemplo: uma porta na parede oposta do pequeno recinto. O umbral estava bloqueado por uma alta pilha de pedras e pedaços de concreto, a abertura muito menor que sua própria estatura, mas, julgou ela, suficiente para permitir sua passagem. Com grande cautela, avançou por cima de pedras, pedaços de pau e cacos de vidro, evitando objetos pontiagudos como pregos enferrujados. A certa altura, perdeu o equilíbrio e escorregou de volta alguns palmos, mas, por fim conseguiu ultrapassar todos os obstáculos em seu caminho.

Foi ao entrar no recinto contíguo que começou a escutar o som esquisito. A princípio, pensou que fossem ratos e suas pulsações se aceleraram de pavor. Então, à medida que os olhos e ouvidos se adaptaram ao novo ambiente, ela começou a se acalmar, percebendo que o barulho não era de ratos e sim dos fortes roncoss de uma pessoa adormecida. Quase como os sons que partiam do quarto de seus pais durante a noite.

Mais confiante, a menina ensaiou alguns passos em direção ao barulho familiar, experimentando cada pedaço de chão com o pé antes de apoiar o peso do corpo. Levou algum tempo para atravessar o recinto, que era bem maior que o anterior.

Passando por outra porta, que estava completamente livre de escombros, avistou, no final de um comprido corredor de teto baixo, um pequeno abrigo constituído de vigas caídas e de um pedaço de parede de tijolos, cujo reboco caíra, deixando à mostra as escoras de madeira. Um fecho de luz do dia penetrava o ar poeirento através de uma minúscula abertura na parte inferior da parede, iluminando o vulto encolhido de um homem adormecido que roncava alto.

A menina esperou bastante tempo antes de avançar outro passo, e até mesmo pensou em ir embora, mas, de repente, seus olhos captaram o brilho de algo precioso entre as pedras perto dos sapatos do homem.

Ele ainda roncava forte quando a menina se ajoelhou silenciosamente e

estendeu os dedos para o objeto brilhante.

Pegando-o delicadamente com o polegar e o indicador, aproximou-o dos olhos e o examinou detidamente. Era um pedacinho de vidro vermelho, possivelmente de um vitral colorido, pois sua profunda cor de rubi brilhava ardentemente, exsudando uma riqueza que fascinava a menina.

Tão absorta estava na contemplação do pedaço de vidro que ela nem percebeu que o homem parara de roncar e abrira os olhos, fitando-a com uma intensidade maníaca. Só quando aproximou o vidro dos olhos e passou a examinar os reflexos avermelhados que ele espalhava pelo ambiente a menina viu os olhos cheios de medo que a observavam.

— Olá — disse ela, sorrindo. — Você estava dormindo.

A mão do homem se esgueirou lentamente até uma pedra cheia de arestas afiadas, agarrando-a premeditadamente.

— Veja o que encontrei — disse a menina, estendendo para ele o pedaço de vidro vermelho. — Quando a gente segura perto do olho, o mundo inteiro fica vermelho.

Os olhos febris do homem a observavam como um gato espreita um pássaro. Seus dedos apertaram a pedra.

— Tome, olhe só. Por favor — implorou a menina. É lindo, mesmo.

O olhar do homem perdeu parte da intensidade. Seus dedos relaxaram um pouco em volta da pedra.

Recolhendo o caco de vidro, a menina exalou um suspiro prolongado e petulante.

— Bem, se você não quer, não é obrigado.

— Anna?... — a voz dele era mais animal que humana.

— O quê? — perguntou a menina.

— Anna? — disse o homem num sussurro entrecortado.

— Anna? — a menina soltou uma risadinha. Não sou Anna.

Sou Freda.

Os olhos fixos do homem começaram a encher-se de lágrimas.

— Anna? — suplicou ele.

— Não sou Anna. Meu nome é Freda.

— Anna? Anna? — a voz dele era engasgada. Sua respiração se acelerara perceptivelmente.

A brincadeira já começava a amedrontar a menina, que se empertigou com ar altivo.

— Não ficarei aqui se você me chamar de Arma.

— Anna? — implorou o homem com voz rouca.

— Está vendo? — admoestou ela. — Você disse outra vez!

E começou a recuar em direção ao corredor.

— Anna! — gritou o homem, avançando repentinamente para agarrar o vestido da menina.

Gritando, ela largou o pedaço de vidro e fugiu, em pânico, pelo corredor, desaparecendo da vista dele.

— Anna! — chamou ele baixinho, os olhos transbordantes de lágrimas que escorriam pelo rosto coberto de poeira.

— Anna — soluçou ele. — Anna, Anna, Anna...

As esteiras rolantes funcionavam dia e noite nos grandes prédios de tijolo. Engrenagens e manivelas controlam os grandes cilindros barulhentos. Uma luminosidade difusa entra pelas sujas vidraças no alto das paredes. A fumaça brota incessantemente das chaminés.

Operários empurram os barris para as esteiras rolantes, que os levam à plataforma na qual as carroças puxadas por cavalos se abastecem de cerveja.

— Ei, Rudi! — sussurrou o operário.

Rudi, lavando as rampas de metal na parte superior da fábrica, olhou para baixo.

— O que é, Heins?

Heins apontou para o solo. Um pequeno aparelho de televisão fora colocado sobre um barril emborcado, com duas cadeiras em frente. As imagens brilhavam na tela e o aparelho, a todo volume, fazia o som ecoar pelo andar térreo que servia de depósito de barris. Um homem em pé olhava para a tela.

— Shhh!

— O que acha que ele quer?

— Talvez esteja perdido.

— Parece um sonâmbulo.

— Ahhh! Veja! Ele gosta da televisão!

Heins se aproximou de Rudi, apoiando-se na vassoura.

Espreitaram o homem lá embaixo, que usava camisa e calça azuis. Postara-se de quatro no chão e olhava para o aparelho.

Abaixou-se ainda mais, rente ao solo. Quando a imagem mudou, ele estremeceu e escondeu-se ainda mais no chão de terra batida.

— Sabe o que penso, Rudi?

— O quê?

— Ele é um idiota.

— Um idiota?

Rudi e Heins olhavam para baixo. Ambos sorriam.

— Nunca vi um idiota antes — disse Rudi.

— A não ser o seu cunhado.

Rudi cutucou Heins.

— Não. Um idiota de verdade. Alguém devia vir buscá-lo.

— O que é aquilo na mão dele?

— Fogos de artifício, creio.

— Ele vai se machucar.

— Você desce. Eu o vigio.

— Não. Você vai e eu vigio.

No chão, diretamente abaixo deles, o homem recuou e se escondeu atrás de uma fileira de barris. Era evidente que tinha medo de ir embora, pois lançava olhares à porta mas, cada vez que a imagem mudava na tela, tornava a atirar-se ao chão.

— Vá — disse Rudi, com um tom de ameaça na voz. — Eu vigiarei.

— Ora, está bem. Mas não o afugente.

Heins desapareceu por uma porta. Rudi ouviu os passos descenderem a escada de madeira.

O homem lá embaixo era enorme. Parecia estudar o aparelho de televisão, o fio e as pequenas antenas. Olhava em volta a intervalos, mas nada entre os barris de cerveja e rampas metálicas se parecia, com as imagens na pequena tela azulada.

Então, com um salto repentino, o homem se atirou sobre o aparelho. Levantando nos braços um barril, esmagou com ele o aparelho.

Vidros se partiram e centelhas voaram pelo ar. O homem caiu de costas no chão. Os fios pendiam do interior do aparelho quebrado. O barril rolou inofensivamente para o lado, ao longo da fileira de outros barris.

— Ei! Que diabo está fazendo?

O homem se virou, em pânico.

— Quebrou minha televisão, seu cretino!

O homem avistou Rudi apoiado na vassoura, lá no alto.

Sem saber para que lado fugir, moveu-se para um lado e, depois, para o outro. Então, deu-se conta de que Rudi estava sozinho.

Começou a subir a comprida escada de madeira.

— Vá embora! — advertiu Rudi. — já arranjou encrenca suficiente por hoje!

Mas o homem de grande cabeça quadrada e olhos muito negros continuou a subir a escada.

— Meu amigo foi chamar a polícia!

Mas o homem chegou ao topo da escada e pisou no assoalho do sótão. Rudi recuou até ficar de encontro à parede.

Estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas não a encontrou. Estava

longe demais. O homem se aproximava.

— Muito bem! Eu lhe avisei!

Rudi colocou os punhos em guarda e baixou a cabeça.

— Não tenho medo de você!

Rudi não tinha meios de esperar o que o atingiu. Um golpe que o fez cambalear passou como um aríete de ferro por entre seus punhos e lhe fraturou o maxilar. Tudo ficou escuro.

Sentiu uma vaga vontade de vomitar. Seus braços se agita-vam inutilmente. Teve a impressão de que o corpo duro e enorme estava por baixo dele. Debateu-se ainda mais, pois sentiu-se carregado em direção à beira da plataforma...

— Não fale — disse Bauer. Escreva. Sei que está doendo.

A coluna vertebral do homem fora fraturada. O maxilar estava remendado com fios de aço e gesso. O rosto quebrado mal aparecia sob as ataduras.

— Dez minutos — advertiu o médico. — Nada mais.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou Bauer.

— N.

O paciente apontou para a letra no bloco de papel, significando *Nein* — "Não."

— Ele gritou ou emitiu algum som?

— N.

— Mas quando ele avistou você, pareceu conhecer o caminho do sótão?

— J.

A letra apontada significava Ja — "Sim."

— Dois metros e alguns centímetros de estatura. É isso?

— J.

— Foi o que disse o outro operário — disse Steinmann a Bauer, enquanto anotava tudo.

— Cerca de cem quilos?

— J.

— E ele destruiu o aparelho de televisão antes de avistar você?

— J.

— Usava roupas azuis. Calça e camisa? Normais?

— N.

— Não azuis?

— J.

— Não normais?

— N.

— O que, então? Pijama? Uniforme de alguma instituição?

— J.

— Anotou isso, Paul. Pijama ou uniforme de alguma instituição. Quero uma lista de todas as instituições para doentes mentais da Alemanha que forneçam roupas azuis aos internos.

Um bolso ou dois na camisa? — perguntou Bauer ao pobre operário.

Não houve resposta.

— Eu perguntei: "Um bolso ou dois na camisa?" — repetiu Bauer.

O homem continuou imóvel.

O médico se aproximou de Bauer, dizendo com ar severo: — Ele não sabe, Inspetor. E agora o senhor deve sair. Para o bem deste homem.

— Sim, naturalmente. Pois não.

Steinmann saiu atrás de Bauer. Koenig estava de vigia no corredor, junto à porta do quarto.

— Quero que você vigie o andar — disse Bauer ao guarda.

— Verifique com o médico quais são os membros da família do paciente e não deixe qualquer outra pessoa entrar.

Steinmann perguntou a Bauer: — Acha que ele também se parece com alguém?

Bauer sacudiu a cabeça.

— Não. O outro operário disse que ele nem os notou, no início. Só depois que ele quebrou o aparelho de televisão e Rudi gritou foi que ele percebeu que havia alguém na fábrica.

— Não entendo — disse Steinmann. — Por que quebrou o aparelho de televisão?

Bauer pousou a mão no ombro de Steinmann.

— Você é muito jovem para se lembrar, Paul — disse ele num tom bondoso, como se falasse a uma criança. — Não existia televisão antes de 1945.

Ele bebeu da poça de água.

Gatos perambulavam entre as latas de lixo. As aranhas pendiam das teias da semi-obscuridade. Sob as maciças paredes de pedra, a luz do dia logo desaparecia.

As mangas da camisa estavam rasgadas, os braços arranhados e ensangüentados. Os saltos dos sapatos tinham-se quebrado. A sujeira era uma crosta em seu rosto, marcando as rugas, penetrando-lhe pelos cantos da boca. E ele perdera a dinamite.

Parou, aguçando os ouvidos. Passos se aproximavam pelo beco. Ele correu para a porta da igreja, onde a sombra o ocultou.

O barulho dos passos aumentou — passos regulares de um homem andando nas lajes do calçamento.

Ele se comprimiu de costas contra a porta, até que a madeira rangeu. A velha porta cedeu. Ele caiu de costas no interior da igreja.

Ergueu-se até ficar de joelhos. Recolocando a porta nos gonzos, encostou-se nela com todas as suas forças. Os ombros enormes tremiam de fadiga muscular. Os passos lá fora passaram pela porta e tomaram a voltar pelo beco.

Ele correu o olhar pela igreja. No primeiro banco, uma velha estava ajoelhada diante das magníficas pinturas do altar, de ouro lavrado que ascendia graciosamente em direção ao teto, e dos candelabros de prata que flanqueavam o púlpito de veludo roxo.

Só a mulher estava ali, e por demais concentrada em suas preces para prestar atenção ao que se passava atrás dela...

para notar o homem enorme que mancava em direção a uma pia de água benta. A água era limpa, embora cálida. Matou-lhe a sede. O rosto trêmulo acolheu a água com gratidão e a sujeira escorreu pelas mãos e braços do homem. Ele ficou ali, exausto, debruçado sobre a pia de água benta.

A superfície da água se imobilizou e ele viu o reflexo da própria cabeça.

Meu Deus!

Foi um grito sufocado, de terror e incredulidade.

Aquele rosto não podia ser o seu. Não obstante, reagia aos nervos, aos dedos. Alterado, deformado, maior e mais brutal, parecia uma máscara que não se ajustava corretamente. E enquanto a mulher continuava ajoelhada perante o crucifixo, ele mordeu os dedos, angustiado, pois lhe tinham feito algo, alguma experiência da qual ele não mais se lembrava.

Um padre, vendo as roupas sujas e em desalinho, os cabelos sujos, decidiu não se aproximar. Em vez disso, refugiou-se na luxuosa sacristia com lambris e móveis de mogno.

MUNIQUE:

O Décimo Quarto dia da Oktoberfest

Capítulo 16

Os maciços portões principais do Sanatório Brautnacht se abriram para uma larga alameda de acesso à calçada de cascalho quando Koenig os empurrou.

Sob o sol, as aranhas pendiam dos crescidos talos de capim, e ao longe, além das colinas cobertas de bosques, as torres gêmeas de cobre da Frauenkirche mal apareciam acima do topo das árvores.

Koenig chegou ao estacionamento com seu minicarro azul e branco da polícia. Diversos pacientes, usando camisas e calças azuis, olharam-no com simpatia quando ele se aproximou.

Koenig notou que o gramado era viçoso e bem-cuidado.

Um velho veado de pedra ainda permanecia em pé entre as ruínas do chafariz de pedra lavrada cuja bica continuava a funcionar. Abaixo da estátua, um menino manietado com tiras de couro jazia imóvel, olhando com um fascínio hipnótico para a água que gotejava da bica.

Koenig bateu à porta. O som ecoou no comprido corredor lá dentro.

Como todos os outros, refletiu Koenig, fatigado. Como as dúzias e dúzias de instituições similares que seu superior, Steinmann, ordenara que ele visitasse pessoalmente e em caráter oficial. E sem melhores resultados que...

A porta se abriu, fechou-se um pouco e tornou a se abrir mais. Um homem com rosto severo e altivo surgiu diante de Koenig.

— Dr. Kaufmann? — indagou o policial.

O médico confirmou com a cabeça, — Estou aqui para indagar a respeito de qualquer paciente cuja doença se concentre numa obsessão contra os nazistas — disse Koenig.

— O senhor... telefonou para mim antes, não foi?

— Sim. Agora, preciso examinar pessoalmente suas fichas.

Trata-se de uma visita oficial — explicou Koenig.

— Certamente. Se o senhor voltar amanhã, terei tudo organizado para sua inspeção.

— Devo examiná-las esta tarde, Dr. Kaufmann.

— As coisas sempre ficam um pouco desorganizadas no final do dia — explicou Kaufmann.

— Vou examiná-las agora — declarou Koenig, num tom um tanto imperioso.

— Pois não — disse Kaufmann.

Koenig entrou no comprido e escuro corredor de mármore, seguindo Kaufmann até um pequeno escritório.

Kaufmann acendeu a luz, revelando uma confusão de fichas, cópias e revistas médicas empilhadas sobre uma mesa de trabalho.

— Eu lhe disse que as coisas estavam desorganizadas — disse o médico.

O dedo de Koenig passou por uma fila de pastas arrumadas verticalmente numa extremidade da mesa. Pegou uma delas a esmo e abriu-a. Então, tirou do bolso os óculos.

O Dr. Kaufmann o observou com algum aborrecimento.

Koenig pigarreou e começou a ler as fichas. Quando terminou, recolocou a pasta no mesmo lugar e pegou a seguinte.

— Na verdade, Guarda, ficará aqui até meia-noite se quiser ler todas as fichas. Se tem alguma suspeita de mim, é melhor dizer logo.

— Nenhuma suspeita — desculpou-se Koenig. — Mas temos que ser meticolosos, não?

Koenig terminou de ler as fichas da pasta, fechou-a e pegou uma terceira. Kaufmann cruzou as pernas. Koenig terminou a terceira e pegou a quarta.

— Onde está a de 22 de setembro? — perguntou o policial.

— Junto com as outras, é claro.

— Não. Parece-me que não está aqui — replicou Koenig. — Terminarei as outras enquanto o senhor vê se consegue encontrá-la.

— Pelo amor de Deus, Guarda! — exclamou Kaufmann, erguendo-se. — Vejo-me obrigado a protestar. Sou médico há trinta e três anos e nunca fui submetido a semelhante estupidez oficial. Por que não fomos avisados previamente?

Então, teríamos todas as fichas em ordem, completas e prontas para a sua inspeção. Certamente seus superiores estão acostumados a tratar o público com mais respeito.

Koenig ergueu os olhos, embaraçado.

— Meus superiores estão acostumados a receber mais obediência por parte do público — retrucou ele, recobrando a compostura. — Agora, por favor, procure a pasta que está faltando.

Kaufmann passou a mão pelos lábios num gesto nervoso.

— Não a tenho — disse ele.

— Não a tem?

— Derramei um tinteiro sobre ela e está sendo recopiada.

— Onde se encontra agora?

— No porão — disse Kaufmann. E onde minha esposa... minha enfermeira... cuida da escrituração.

— Bem, ande depressa, por favor. Está ficando tarde.

Kaufmann recuou, hesitante, e saiu da sala. Afinal, Koenig escutou murmúrios no corredor. Cessaram junto à porta.

Kaufmann e sua esposa, uma mulher miúda de sorriso tenso, entraram. Ela trazia nas mãos uma pasta. Koenig retirou-lhe a pasta das mãos e a examinou

meticulosamente.

— Onde está Hass? — perguntou ele.

— Quem?

— William Hass. O registro diário de William Hass termina em 22 de setembro — disse Koenig, virando o papel e olhando o verso. — Não há nada mais sobre ele — acrescentou.

Tornou a erguer os olhos.

Kaufmann e a mulher permaneceram calados, pigarreando, cada um esperando que o outro falasse.

— Nada de refeições, de hora de acordar, de hora de nada!

Kaufmann e a mulher não falaram. A mulher exibiu um sorriso nervoso.

— Bem — disse ela. — Hass está dormindo.

— Dormindo? Há duas semanas?

— Não. Claro que não — replicou ela, rindo. — Ah...

terapia com drogas — acrescentou. Por isso os registros de costume não são feitos...

— Drogas? — repetiu Koenig, fechando a pasta.

— Não — interpôs Kaufmann. — Nada de drogas. Não ministramos drogas aos pacientes. Apenas um caso de tratamento em isolamento...

— O senhor não tem licença para ministrar drogas aos pacientes, tem, Dr. Kaufmann?

— Não usamos drogas aqui.

— Mas sua esposa acaba de dizer que..

— Idiota! — bradou Kaufmann de repente, levantando-se.

Virou-se para a mulher e começou a recuar, como se ela fosse algo repugnante. — Imbecil! Por que falou em drogas? Ele nunca saberia... eu teria inventado alguma coisa!

Koenig levantou-se, confuso.

— O que está havendo aqui? — quis saber ele.

A mulher se inclinou bruscamente para diante.

— Ele fugiu — disse ela. — Por causa das fotografias. Eu disse a meu marido que não adiantaria, mas ele é um cabeçadura. Lembre-se: estou contando isto voluntariamente.

— Sim, muito obrigado — disse Koenig. — Mas, na verdade, de que está falando? Se ministraram drogas ao paciente e não têm licença para fazê-lo...

— Não lhe ministramos drogas, idiota! — rugiu Kaufmann.

Koenig franziu a testa.

— Bem, bem, Kaufmann. Atirei num urubu e acertei um gavião. Vim aqui à procura de um matador de nazistas e vejo que você aplica drogas não

autorizadas, mente para mim e, ainda por cima, me insulta.

O rosto lívido e trêmulo do Dr. Kaufmann enfrentou o olhar de Koenig. Este tirou os óculos.

— Vamos ver o que o tal paciente, Hass, tem a dizer sobre tudo isto, está bem?

O médico esmurrou a própria coxa, incrédulo e furioso.

— Ele não está aqui — disse a esposa-enfermeira. — Foi isto que tentei lhe explicar.

O Dr. Kaufmann olhou pela janela, cujas grades já lhe lançavam ominosas sombras listradas no rosto. Koenig sentou-se, perplexo.

— Tenho que telefonar para a Chefatura. Onde fica o telefone?

Steinmann atendeu. Fatigado, escutou o que dizia a voz lenta e monótona na outra ponta da linha. Bocejou. Então, interrompeu o bocejo e ficou atento.

— De que cor é o uniforme deles?

— Não sei, senhor.

— Pergunte!

Koenig tapou o bocal com a mão.

— Qual a cor de seus uniformes? — indagou ele.

Azul — respondeu a mulher.

— Azul — repetiu Koenig no aparelho.

Kaufmann lançou um olhar à esposa.

— Traga-os para cá — ordenou Steinmann.

— Não cabem no carro — protestou Koenig. — Eu vim no 350. Se a polícia deixasse os guardas usarem os 450...

— Traga-os, Koenig!

— Sim, senhor.

Steinmann desligou. Koenig voltou-se para o médico e a esposa, que estavam sentados sem olhar um para o outro. A mulher tentou um sorriso nervoso para Koenig.

— Expliquei a meu superior que o carro é pequeno demais, mas ele insiste em vê-los imediatamente. Portanto, ternos que ir agora.

A mulher se levantou, protestando.

— São as minhas ordens — interpôs Koenig. — Não tenho nada com isso.

No Palácio da Justiça, Steinmann estava sentado à sua mesa, com a mão pousada no telefone que ele acabava de desligar. Uma luz difusa saía pelo vidro fosco da sala de interrogatórios no outro lado do corredor. Refletindo por um momento, Steinmann se ergueu e caminhou depressa pelo corredor em direção às portas fechadas.

Na sala de interrogatórios, um jovem com o rosto marcado de espinhas

estava sentado a contragosto num banco, fitando o chão. Uma jovem em pé diante dele atacava-o aos barros, enquanto diversos policiais uniformizados aguardavam que ele esboçasse alguma reação.

— Desocupem a sala — ordenou Steinmann.

Em seguida, subiu correndo a escada de mármore, passando pelas estátuas e retratos a óleo dos velhos generais, chegando rapidamente ao pavimento superior. Ofegante, bateu à porta de madeira escura da sala de reuniões.

— Quem é? — soou a voz de Bauer.

— Steinmann, senhor.

Entre, Paul.

Steinmann abriu a porta e entrou, tornando a fechá-la cuidadosamente atrás de si. Seu superior estava sentado à extremidade oposta da enorme mesa, um vulto cansado silhuetado de encontro ao crepúsculo visível pela janela.

Tinha nas mãos fotografias de pelo menos duas décadas atrás, bem como relatórios policiais de todas as cidades vizinhas.

Na outra ponta da mesa, recém-chegada de Bonn, estava Madeline Kress, debruçada sobre relatórios e fichas de prisões locais, distritos policiais e penitenciárias de todo o sul da Alemanha. Entre os dois, uma pilha de documentos e fotografias já examinados e deixados de lado.

Steinmann se atreveu a fazer um gesto chamando Bauer.

Inspetor-Chefe ergueu uma sobancelha e, levantando-se da cadeira, atravessou rapidamente a sala até chegar onde estava seu subordinado.

— Creio que tivemos sorte — anunciou Steinmann.

Bauer olhou com satisfação para o rosto pálido do Dr. Kaufmann. Não que tal rosto impusesse respeito. Longe disso.

Mas o Inspetor sabia que aquele tipo de rosto está ligado a erros e pequenas culpas. Havia boa possibilidade de que a noite pudesse, pela primeira vez, produzir algum resultado tangível para a investigação.

— Feche as janelas, Paul — ordenou Bauer. — Deixe tudo escuro aqui dentro.

O Dr. Kaufmann se encontrava de pé, suando abundante-mente, no círculo de luz no centro da sala de interrogatórios.

Quando Steinmann fechou as persianas, o círculo de luz se tornou mais intenso.

O Coronel Schuckert entrou na sala, encaminhando-se diretamente aos armários e gavetas de fichários que tinham sido removidos do Sanatório Brautnacht. O Comissário meneou a cabeça num sinal para que Bauer comesse.

— Um minuto, senhores — disse Kaufmann com um riso nervoso. — Não

existem cadeiras suficientes...

— Não se preocupe, Kaufmann — interrompeu o Inspetor-Chefe. — As coisas estão ao nosso gosto.

Bauer ficou de pé, encostado na mesa, inclinando-se um pouco para trás de modo que a luz refletia em seu peito. Em frente a ele, a pouca distância, o médico estava sentado na única cadeira existente na sala.

Madeline Kress e Steinmann entraram. O policial fechou silenciosamente a porta, eliminando todos os ruídos de movimento provenientes do corredor.

— Você tinha um registro incompleto — começou Bauer.

Kaufmann, a princípio confuso porque esperava que o Coronel, trajado com o uniforme do Exército, conduzisse o interrogatório, olhou para Bauer. O Coronel Schuckert ignorou totalmente o médico, ocupando-se em manusear as fichas das gavetas empilhadas sobre uma mesa junto às janelas.

— Bem, quer dizer... — disse Kaufmann.

— O nome do paciente é Hass.

O médico mantinha os dedos cruzados. As lentes de seus óculos se embaçavam na sala aquecida.

— Hass — repetiu Bauer, exigindo alguma espécie de resposta.

— William Hass — disse Kaufmann.

— Judeu?

— Circuncidado. Sim.

Kaufmann começou a ressentir-se contra o tom com que era tratado. Afinal, não era um suspeito.

— Onde o conseguiu?

— Como assim?

Bauer inclinou-se para a frente. Aproximando-se indelicadamente, pensou Kaufmann.

— De onde veio William Hass? — quis saber o Inspetor-Chefe.

— De um daqueles campos de concentração.

— Qual deles.

— Auschwitz, creio.

— Crê?

— Foi de Auschwitz.

Bauer fez uma pausa, antes de perguntar: — Há tanto tempo, Kaufmann?

↗ 220 ↖

— Sim — disse Kaufmann, enxugando o rosto. — Foi logo depois da guerra. Um homem chamado Berger, também prisioneiro em Auschwitz, o trouxe a nós.

O Coronel Schuckert levantou o olhar dos fichários.

— Este relatório feito por Berger diz que após os russos liberarem Auschwitz, ele e William Hass fugiram e atravessaram a Polônia a pé, chegando a Munique.

As pálpebras de Madeline se semicerraram em recordação.

— Muitos de nós fornos tirados clandestinamente de Auschwitz — pela organização secreta judaica conhecida por Brichah.

— Clandestinamente? Fugidos? — perguntou Bauer, totalmente confuso.
— Não compreendo. Se a guerra terminou e eles foram liberados...

O riso de Madeline lhe cortou a palavra.

— A guerra terminou para vocês, Inspetor. Mas não para nós. As sementes lançadas pela Alemanha caíram em solo fértil. Vocês mostraram ao mundo o quanto era simples a questão de se livrarem dos judeus. Depois da liberação, milhares de refugiados judeus continuaram a ser oprimidos e assassinados por poloneses, russos, romenos — por todos, enfim.

Para qualquer lado que nos voltássemos, encontrávamos ódio.

Enquanto ela falava, o olhar de Bauer se manteve fixo em Kaufmann.

— Muito bem, Kaufmann. Prossiga. Depois que Berger e Hass chegaram a Munique, o que aconteceu?

— Eu já lhe disse — respondeu Kaufmann. Berger o levou ao Sanatório Brautnacht e o deixou aos nossos cuidados. Hass estava doente demais para continuar a viagem. Na verdade, estava às portas da morte.

— Entendo — disse Bauer. — E vocês o aceitaram como um ato de simples caridade?

— Não, eu... — Kaufmann começou a suar. — Isto é, Berger deixou algumas jóias... para pagar o tratamento.

— Jóias?

— Algumas bijuterias. Coisa Sem muito valor.

— Diamantes?

— Sim.

— E onde Berger, uma vítima de Auschwitz, conseguiu tais diamantes?

Havia um nítido tom de dúvida na voz de Bauer.

— Ele os possuía, estou-lhe dizendo — insistiu Kaufmann.

— Guardou-os consigo durante todo o tempo em que foi prisioneiro.

— E ninguém os encontrou?

— Não. Ele me contou que os escondia... em vários orifi-dos do corpo.

Afinal, Bauer prosseguiu: — E durante todos estes anos vocês só receberam aqueles diamantes em troca do sustento de William Hass?

Os olhos de Kaufmann fitaram o chão.

— Não — respondeu ele com voz muito baixa.

— Fale! — ordenou o Coronel Schuckert.

— De vez em quando, recebemos uma ordem de pagamento contra o Banco Nacional de Israel.

— De Berger? — quis saber Bauer.

— Sim — replicou Kaufmann, irritado. — E sempre pas-samos recibo do dinheiro, além de enviar a Berger relatórios completos sobre o estado de saúde do paciente.

Kaufmann apontou para os arquivos, acrescentando: — Podem verificar. Está tudo registrado.

Bauer só conseguiu sacudir a cabeça e continuar fitando o rosto febril e úmido de Kaufmann, que brilhava sob a luz forte.

— Existem outros documentos neste arquivo — disse o Coronel Schuckert, examinando uma série de faturas. — Referem-se a outros reembolsos que vocês receberam do governo alemão como parte da Lei de Reparação. Não é mesmo, Dr. Kaufmann?

— Um estipêndio — disse Kaufmann, sacudindo os ombros.

— Entendo — disse Bauer. Vocês recebiam de ambos os lados?

Kaufmann não replicou. Embora ainda conservasse um arremedo de sua compostura anterior, mantinha os olhos grudados num ponto do chão.

Madeline tomou a palavra.

— Depois da guerra, *houve* confusão. Mais tarde, porém...

— falou em voz baixa, escolhendo as palavras com cuidado. — Surgiram as agências judaicas. Elas certamente poderiam ter ajudado Hass.

— Talvez — replicou Kaufmann com repugnância. — Mas não vieram ao Sanatório Brautnacht.

— Por que não?

— Como posso saber? Creio que não sabiam da existência do sanatório.

— E você não lhes contou por medo de perder seus "estipêndios"? — quis saber Madeline.

— E deixou de comunicar a fuga de Hass pelo mesmo motivo, não é, Kaufmann? — acrescentou Bauer.

Houve um instante de silêncio quando os olhos de Kaufmann procuraram Madeline para fitá-la acusadoramente.

— E quanto a Berger? — perguntou o médico, em voz baixa. — Ele sabia a respeito de William Hass. Por que não procurou as agências judaicas?

Kaufmann fez uma pausa, para permitir que suas palavras causassem impressão.

— Eu lhes digo por que — continuou ele. — Porque não adiantaria. Porque William Hass deixara de existir. E Berger sabia.

Bauer sentou-se na beira da mesa, com o rosto a centímetros de Kaufmann.

— Vamos, Kaufmann, diga-nos. Como era William Hass?

— Uma pedra.

— Sejam os mais precisos — disse o Coronel Schuckert, do outro lado da sala.

— Uma pedra, um tijolo. Não sentia nada, não dizia nada, não reagia a nada.

— Durante todo este tempo? — indagou Bauer: — Eu repito: viveu durante vinte e oito anos num buraco cavado por ele mesmo. Nada que fizéssemos era capaz de despertá-lo: barulhos fortes, estímulos elétricos, cores brilhantes, testes de todos os tipos — nada. Era o mesmo que falar a uma parede.

— Mas ele percebia as coisas que se passavam a seu redor? — perguntou Bauer.

Kaufmann abandonou a pose altiva. Exasperou-se.

— Não! Será que vocês não entendem? Ele não existia!

Estava morto! Amnésia catatônica. Exceto pelas funções fisiológicas básicas, ele *não existia*!

— Acho isso difícil de acreditar — murmurou o Inspetor-Chefe. — Não saber nada, absolutamente nada, por um período tão longo de tempo.

Fez-se silêncio. Bauer olhou para Madeline. Esta não sabia se devia ou não acreditar. Kaufmann aproveitou o intervalo para enxugar a testa e tornar a guardar o lenço no bolso.

— E ele nunca melhorou? — indagou Bauer, finalmente.

— Nunca melhorou.

O Coronel Schuckert avançou até a orla do círculo de luz, trazendo consigo uma pasta contendo um dossiê sobre William Hass e uma seleção de fotografias. Tirou as fotografias da pasta e, inclinando-se, mostrou-as a Kaufmann.

— Isto era tratamento? — quis saber o Comissário.

— Sim — respondeu Kaufmann, um tanto malicioso. — Esperávamos despertar-lhe a memória.

— Fizeram um bom trabalho.

Nas mãos de Schuckert estavam fotografias de judeus pregados com facas e punhais em cercas de madeira, os corpos derreados, os pijamas listrados rasgando-se com o próprio peso do corpo. Rostos suaves, intelectuais, olhavam com dificuldade através de cercas de arame farpado, incapazes de compreender quem os fotografava e por que motivo. Esqueletos com cabelos crescidos abriam as bocas em direção ao céu enquanto os guardas os jogavam em caminhões empoeirados.

— Onde conseguiu essas fotos? — quis saber Madeline.

Ela e Steinmann haviam avançado para olhar as fotografias.

— Obtive cópias delas de uma fonte americana. Com objetivos científicos.

Bauer virou-se para devolver as fotos ao Coronel Schuckert, mas este se encontrava imerso na leitura do dossiê de William Hass, a fisionomia inflexível. Quando, afinal, o Comissário falou, tinha a voz seca, desprovida de emoção, parecendo sentir o gosto amargo de cada palavra: — Berger diz aqui que antes da guerra Hass era arquiteto.

Algumas de suas construções ainda existem na Alemanha. Ele foi um dos primeiros judeus enviados aos campos de concentração. Bem aqui nos arredores de Munique, em Dachau — ele e a família. A esposa, Ilse, e a filha, Anna, de sete anos de idade. A mulher e a filha foram mortas em Dachau... e ele foi enviado para Auschwitz...

À exceção de Kaufmann, que se mexia nervosamente na cadeira, todas as pessoas na sala permaneceram imóveis enquanto o Coronel Schuckert falava.

Foi Bauer quem, afinal, quebrou o silêncio: E depois de vinte e oito anos de vácuo essas fotografias o despertaram?

— Quem sabe? — disse Kaufmann, sacudindo os ombros.

— O mecanismo da amnésia é deveras misterioso.

— Parece-me bizarro — comentou Bauer.

— Bizarro? Para o senhor? — Madeline riu amargamente.

— Como acha que *ele* se sente? Para ele, ainda é 1945. E acaba de fugir de Auschwitz!

Deixando a sala de interrogatórios, Bauer, Madeline e o Coronel Schuckert desceram calados a comprida escada — as mãos no branco corrimão de mármore alisado por décadas de outras mãos. Perto do pé da escada, o Promotor Hugo Flanck, com uma pasta de couro sob o braço, subiu ao encontro deles.

As pálpebras do Coronel Schuckert se apertaram instintivamente. Manteve um olhar de gavião fixo em Flanck enquanto se aproximavam um do outro. Houve um impasse.

Flanck sorriu.

Um presente para o senhor, Inspetor — disse ele.

Entregou a Bauer um comprido envelope branco. Bauer o abriu e extraiu dele diversas folhas de papel ofício.

— Tudo perfeitamente oficial — disse Flanck. — Um do Ministério do Interior e o outro de Bonn, autorizando-me a substituí-lo. A partir deste instante, estou pessoalmente encarregado do caso.

Bauer, impassível, encarou o Promotor. O Coronel Schuckert desceu dois degraus, até postar-se diretamente em frente a Flanck.

— Ele não é um criminoso, Flanck — disse o Comissário.

— Não é responsável por seus atos. Não deve ser morto, desde que isto seja humanamente possível. Entenda, Flanck!

Os olhos de Flanck faiscaram com algo semelhante a regozijo.

— Sua sugestão merecerá minha consideração — respondeu ele.

O Coronel Schuckert se aproximou de Flanck, até que o Promotor se deu conta do corpanzil que o ameaçava. Os olhos do Comissário lançavam chispas. Ele ergueu o dedo sob o nariz de Flanck.

— É uma questão de honra alemã — sussurrou roucamente. — Se você fizer mal ao homem, o mundo inteiro terá notícia disso! Está entendendo, Flanck?

O sorriso congelou no rosto de Flanck. Então, ele recuou e recompôs o sorriso. Inclinou a cabeça num cumprimento ao Coronel e a Bauer. Encarou Madeline com uma expressão sombria e irônica. Passando entre eles, continuou a subir a escada.

Bauer tinha o rosto tenso. Enfiou vagarosamente os documentos no bolso, mas seus olhos brilhavam com um fogo ameaçador.

Continuando, a descer a escada, Madeline, Bauer e o Coronel mantiveram-se bem juntos. Formara-se um laço entre eles. Tácito, porém conhecido pelos três. Incrivelmente, mas com um objetivo definido, nenhum deles se dera o trabalho de mencionar ao novo encarregado do caso a confissão de Kaufmann e o fato mais espantoso: o de haverem identificado o criminoso.

Capítulo 17

— Você caiu num vácuo — disse Bauer. — É o fundo de um poço. Você não é nada. Não vê nada. Não ouve nada. A vida não existe para você. Seus sentidos não apresentam evidência de um mundo exterior. Nem mesmo da escuridão em que você se encontra.

— Então, um dia, isso acaba. Inexplicável e misteriosamente, a escuridão se desfaz, camada por camada. Como um sonâmbulo andando lentamente, você sobe do fundo do poço e vê diante de si umas fotografias de judeus caídos no campo de concentração...

— Judeus com os quais você falou ontem mesmo... — interpôs Madeline.

Madeline e Bauer andavam pelas ruas intensamente iluminadas de Munique. O tráfego fluía pelas avenidas.

Fregueses enchiam as lojas de departamentos de construção moderna,

comprando roupas da moda de inverno. Faixas pendiam frouxamente nas esquinas, sopradas pela brisa fria.

— A fisionomia zombeteira do Dr. Kaufmann observa todas as suas reações — aduziu Bauer.

— Você ainda está num campo de concentração disse Madeline. — Foi submetido a uma experiência que lhe fez perder temporariamente os sentidos, mas agora recobrou a consciência.

Atravessaram juntos uma rua, passando ao longo de um gradil preto, a caminho dos parques e se afastando do Palácio da Justiça e suas luzes fortes.

— Você está amedrontado porque não consegue reconhecer o local onde se encontra... — disse Bauer.

— Porque lhe alteraram a mente.

— Você sabe apenas que os nazistas estão em toda parte e é preciso fugir deles.

As folhas vermelhas e amarelas das árvores se tornaram mais escuras à medida que o Palácio da Justiça ficava para trás e caíam, uma a uma, lentamente, tocadas pela brisa.

— Mas não há dúvida de que a arquitetura mudou disse Bauer. — É tempo de paz. As pessoas estão participando de uma festa. Será que ele não se dará conta disso, mais cedo ou mais tarde?

— Como é possível convencer um homem de que vinte e oito anos se passaram sem que ele tenha percebido? Como é possível explicar a ele? Você acreditaria?

— E a aparência dele? Os cabelos, o rosto, as rugas da idade...

— Resultado das experiências.

Gotículas de vapor flutuavam em halos difusos em volta dos globos de luz espalhados pelo parque. Aquilo desagradava a Bauer, pois lhe lembrava a noite em que o faxineiro fora encontrado morto.

— Há outra coisa que o senhor não deve esquecer, Inspetor.

Madeline caminhava ao lado dele, com um lenço na cabeça para se proteger do frio. As mãos nos bolsos, ela olhava as folhas coloridas caídas na alameda que atravessava o parque.

— Já esqueceu o enorme entusiasmo com que o povo alemão marchava atrás do Führer? A disposição com que apedrejavam as lojas dos judeus em todo o Reich? Como pode ele saber que fora do campo de concentração os alemães não estão continuando *aquelas* comemorações?

Casais perambulavam pelas alamedas à luz do crepúsculo, ou sentavam muito juntos nos bancos pelos quais Bauer e Madeline passavam.

— Compreenda, porém, Srta. Kress — disse Bauer, — Tudo isto... daqui

até os limites da cidade... foi bombardeado.

Munique ficou quase reduzida a escombros. Eu, pessoalmente, ajudei a construir a linha férrea que utilizamos para transportar os destroços até a periferia da cidade. O povo aqui passava fome.

Madeline ficou calada enquanto dobravam uma esquina e voltaram a andar pelas prósperas e bem-iluminadas avenidas de Munique.

— É possível, Inspetor disse ela, afinal. — Mas como pode *ele* saber disso?

— Você tem razão, é claro.

Como ele temia, as gotículas de vapor noturno transformaram-se em uma tênue névoa. Negas de nebulosidade já pairavam em torno das colunas rococó sob as quais eles passavam, causando uma sensação incômoda ao Inspetor.

Madeline andava silenciosamente ao lado dele. Ao se aproximarem da área da ponte de Wittelsbach, chegando à cidade velha onde as lajes do calçamento brilhavam por causa da garoa, os olhos dela assumiram uma expressão de temerosa curiosidade.

Bauer notou aquele olhar de medo.

— Desculpe-me — disse em tom despreocupado —, mas parece que os franceses estão sabotando nossa Oktoberfest, mandando-nos chuva. Quer esperar aqui, sob o toldo, e não me abandonar?

Madeline assentiu com a cabeça. O Inspetor se afastou dela um momento e, olhando para ambos os lados da rua, atravessou para a calçada oposta, passando pelos trilhos de bonde e chegando a uma pequena loja bem-iluminada situada num conjunto de lojas protegidas por toldos listrados.

— Um guarda-chuva — disse ele. — Depressa, por favor.

— Logo ali atrás do senhor.

— Perdão? Oh, sim. Graças a Deus. Vinte marcos?

— Qualquer um mais barato se dissolverá na chuva.

— Duvido. Tome aqui. Depressa, por favor.

Sob o toldo no outro lado do tráfego que passava pela rua, Madeline pareceu ao Inspetor extraordinariamente frágil e minúscula. Perdera a rigidez das salas de reuniões, o espírito aguçado de acusadora. Ao vê-la ali, as mãos cruzadas diante do corpo, esperando pacientemente que ele voltasse, o Inspetor sentiu vontade de protegê-la.

Bauer tornou a atravessar correndo a rua, escorregando um pouco nos trilhos de bonde molhados assentados entre as lajes do calçamento.

— Depois da chuva, será inverno — disse ele. — Chove durante mais ou menos uma semana e, depois, fica muito frio.

Os campos se tornam marrons. As árvores perdem todas as folhas. E, dia a dia, a neve desce vagarosamente dos Alpes, até que as colinas em volta de

Munique ficam totalmente cobertas por ela. É a melhor época.

Madeline fitou-o de modo estranho.

— Eu sei, Inspetor — disse ela. — Eu me lembro.

Embaraçado, o Inspetor calou-se um momento. Depois, viu o medo voltar aos olhos dela.

— Gostaria de voltar?

Madeline sacudiu a cabeça.

— Não — disse ela. — Eu lhe pedi que me trouxesse aqui.

Só que, agora, depois de todos esses anos, sinto medo.

Diante deles estava o beco da cidade velha, sobre o qual se debruçavam sacadas com jardineiras de flores vermelhas.

As ruas calçadas de lajes confluíam no beco, até formarem, finalmente, uma única rua que atravessava o Isar pela ponte de Wittelsbach. A chuva fustigava agora o guarda-chuva que Bauer segurava acima das cabeças de ambos. Madeline fora criada naquelas vizinhanças.

— Nada mudou — comentou ela.

Bauer acompanhou-a por uma série de lojas que, dobrava a esquina do beco. A rua estava deserta e só a água caindo fazia barulho dentro da noite. As paredes com o reboco rachado, as vigas de madeira sustentando os tetos pareciam tão familiares a Madeline como se ela fosse capaz, se necessário, de dizer o nome e que destino tivera a família que morara em cada uma daquelas casas.

— O senhor se importa...? — perguntou Madeline. — Eu gostaria de ficar sozinha aqui outra vez. Apenas um minuto.

— Não estou certo de que seja seguro. Estamos perto do prédio onde o faxineiro...

— Apenas um minuto, Inspetor. Eu lhe suplico.

Bauer entregou-lhe relutantemente o guarda-chuva.

— Ficarei fora do campo visual — disse ele.

Enquanto Bauer se recostava desconfortavelmente na parede, sob o abrigo precário de uma sacada e com a chuva caindo á sua frente, Madeline, protegida pelo guarda-chuva, avançou pela rua. Os prédios pareciam debruçar-se sobre ela, velhas construções de pedra, outrora casas de fazenda e celeiros, convertidas em residências de frente para as margens escuras do Isar, que corria ruidosamente abaixo de Madeline.

As estátuas esculpidas na ponte davam a impressão de espreitar a passagem dela. Elegantes e graciosas, pareciam etéreas sob a chuva e a luz distante dos postes de rua, mexendo-se e contorcendo-se numa macabra dança de pedra.

O pavimento brilhava sob os pés de Madeline. A água escorria em volta da

base dos postes e vinha de encontro aos seus passos.

— Oh, *Mutti!* — exclamou Madeline. — *Matti!* (Mamãe!) As árvores balançaram com força quando um vento repentino soprou a água nos telhados. Os barcos no rio balançaram-se na água negra. Os juncos dobraram-se abaixo das pedras. Havia uma carroça parada, as laterais de madeira apodrecida brilhando estranhamente sob a luz obscurecida dos postes.

— Onde fica São Bonifácio?

Sobressaltado, Bauer virou-se bruscamente. Uma velha com um lenço amarrado na cabeça fitava-o com ar matreiro.

— Sabe onde fica São Bonifácio, senhor?

— Desculpe-me. Eu... eu...

— Mas o senhor certamente deve saber onde fica. Estou procurando. Eu... me perdi.

Bauer se virou para o outro lado. Madeline já sumira.

— Com licença, por favor... — disse ele.

Mas a velha se postou diante dele. Bauer reparou que ela era cega de um olho. Era por isso que o olhava de soslaio, assumindo aquele ar peculiar e matreiro.

— Mas o senhor sabe onde fica? — insistiu ela.

— Desça esta rua e dobre à esquerda — disse Bauer. — Não pode errar.

A velha se virou com dificuldade para ver a direção apontada por Bauer.

— Muito obrigada, jovem. Obrigada. Fico-lhe muito grata.

Mas Bauer já não estava mais ali. Andava depressa sob a chuva, apertando a gola do paletó em torno do pescoço com uma das mãos.

Todas as ruas estavam desertas. Rio abaixo, a ponte Braunauer atravessava a forte correnteza do rio. A estrada de ferro passava por aquela ponte. Bauer olhou para os trilhos que levavam a um grupo de prédios numa área iluminada que era a estação.

— Madeline! chamou ele baixinho.

Só teve como resposta o barulho da chuva.

— Madeline!

Madeline, fora do alcance da voz dele, olhava para a correnteza. Hoje em dia, a balaustrada era muito menor. Os prédios também. Mas tinham o mesmo cheiro. O cheiro do ar, do frio e da chuva circulava livremente, de modo excitante, por todo o seu corpo, revivendo velhas lembranças — lembrança de uma pessoa que ela há muito julgava transformada em pedra.

Escutou os passos que atravessavam lentamente a ponte.

Ali ela jogara pedras no rio. Ali ela outrora pendurara faixas nos postes. Ali o velho pernetas ameaçara por lhe roubar as flores do jardim. Ali...

Os passos se aproximavam com regularidade, as solas dos sapatos soando nas lajes molhadas.

Madeline se voltou. Mas não era o Inspetor.

— Boa noite — disse a voz masculina. — Está perdida?

Madeline sacudiu a cabeça. Esfregou o rosto com a mão, que parecia quente em contraste com o ar frio.

— Você parecia perturbada — disse a voz. — Ou eu não teria parado.

O vulto se aproximou mais um passo, deixando-se iluminar de leve por um poste distante. Era um rapaz, um adolescente, usando um boné. A chuva escorria livremente por seu paletó e pela alça da bolsa de couro que ele trazia a tiracolo. Uma bolsa cheia de ferramentas de bicicleta, que brilhavam sob a toalha com a qual ele as cobrira.

— Não — disse Madeline. — Mas...

— O centro de Munique fica naquela direção apontou o rapaz. — E Giesing fica para lá.

Devia ter cerca de 16 anos e seu rosto ainda não se acostumara ao uso da lâmina de barbear. Cabelos escuros encaracolados emolduravam-lhe o rosto sob o boné preto de veludo.

— Você mora aqui? — perguntou Madeline.

— Além daqueles barcos.

— Não é tarde para você estar na rua?

Estive no recinto da feira.

— Diga-me...

— Sim?

— Conhece o sobrenome Eisenberg?

— Não.

— Katie e Samuel Eisenberg. Eram joalheiros e moravam aqui.

— Não. Não conheço nenhum Eisenberg.

— E os Rudolfs — Hilda e Wolf Rudolfs? E Marguerite... ?

Ela... Oh, não... ela não é da sua idade.

O rapaz sacudiu a cabeça, sem entender.

— Não conhece Marguerite? Ela era ruiva.

— Não os conheço. Sinto muito — disse ele.

— Mas era tão bonita.

— Você é americana? perguntou o rapaz.

— O quê? Não, não.

— Canadense, então? — insistiu ele. — Às vezes, aparecem canadenses por aqui. De Toronto. Também perguntam por pessoas. Mas não conheço muitas delas.

— Sim, mas... — disse Madeline, confusa. — Todo o resto continua o mesmo.

— Meu pai é presidente do Sindicato dos Joalheiros. Ele conhece todas as famílias daqui. Era bombeiro, na época da guerra.

— Não, não...

— Tudo bem. Quase todas as pessoas que vêm procurar alguém falam com ele. Ele sabe o que aconteceu com todo mundo.

Madeline escutou passos que se aproximavam depressa.

Os passos pesados de um homem quase correndo.

— Madeline! — chamou o Inspetor Bauer.

Madeline e o rapaz olharam para Bauer, que, encharcado, se aproximava rapidamente deles. Seus cabelos brilhavam na chuva. Estava ofegante e a água lhe atravessara o paletó.

— Você me assustou — confessou ele. — Perdi-a de vista.

— Está tudo bem, Inspetor — disse Madeline, voltando imediatamente à realidade.

Em desespero, sentiu que até mesmo as lembranças do passado tinham se transformado em vapor negro e fugido, como a alma no momento da morte. O Isar espumava ruidosamente, agora um som oco que nada significava para ela exceto a passagem continua e indiferente do tempo. Casas alemãs numa rua estreita da Baviera, pingando sob uma repentina pancada de chuva. Madeline já não sabia quais eram seus segredos e a quem estavam destinados.

— Está tudo bem — repetiu. — Tudo muito bem.

Começou a chover mais forte.

— Querem algum auxílio? — indagou o rapaz, — Meu pai pode chamar um táxi.

— Não será necessário respondeu Bauer.

Sem confiar no Inspetor, o rapaz tornou a perguntar: — Posso ajudá-la, senhorita?

Mas Madeline se afastou da amurada de pedra e postou-se junto ao Inspetor. Juntos, o Inspetor — com as roupas escuras encharcadas de chuva — e a mulher deram as costas ao rapaz e subiram até a ponte de Wittelsbach, atravessando-a lentamente em direção ao centro de Munique.

O rapaz os observou, estranhamente inquieto. Imaginou se deveria contar tudo ao pai. Então, também ele se afastou sob a chuva, a bolsa de couro com as ferramentas de bicicleta sacudindo contra a coxa. Desapareceu de vista. A chuva caía com insistência sobre as luzes amareladas e as paredes de pedra da cidade velha.

No apartamento onde Bauer morava, porém, as luzes não eram tão suaves.

Um forte brilho branco emanava da cozinha onde Madeline tirou o casaco e, em seguida, os sapatos. Tinha os cabelos em desalinho. Pegou na prateleira uma pequena chaleira e a encheu de água. Colocou-a sobre o fogão, dando a impressão de não saber que o Inspetor ainda estava na sala ao lado. Bauer ficara de pé, com o chapéu na mão, observando os movimentos de Madeline na cozinha e parecendo pesar os próprios pensamentos. Hesitava em falar.

— Existe uma nova sinagoga em Munique — disse ele, afinal. — Eu poderia levar você lá.

— Não. Não. Não a quero ver.

— Não?

— Nunca mais quero ver nada aqui. Está tudo morto. Eu estou morta. Tudo morreu na guerra.

Bauer deu-lhe as costas e olhou pela janela. Lampejos de luz causados pela água da chuva que escorria pelas vidraças, iluminavam a intervalos a janela escura.

— Vou voltar para casa disse Madeline. — Não posso mais ficar aqui.

Olhou para a água na chaleira. Sob a forte luz branca, sua fisionomia parecia mais vincada, mais cansada que antes, como se parte dela que ainda era uma criança tivesse morrido.

O Inspetor avançou um passo em direção a ela.

— Então, Flanck mandará matá-lo.

— Ou ele se matará. Acontecia com frequência.

Madeline ergueu a cabeça e viu a silhueta de Bauer através da sala; por detrás dele, a janela alternadamente clara e escura, iluminada pelos lampejos da tempestade. O vulto de Bauer era nítido, equilibrado; ele não sabia se devia ficar onde estava ou aproximar-se de Madeline.

— Você não deve partir — disse ele, a voz suave dominada por um estranho tom de ansiedade. — Você é indispensável.

Então, viu os olhos de Madeline.

Muito cinzentos, sombrios como a noite que lançava a tempestade de encontro às vidraças. Desprovidas de piedade, cheios de sombras, fitavam-no com uma frieza que ele raramente vira antes.

— Como você nos julga... — começou o Inspetor.

Madeline ficou calada, limitando-se a encará-lo.

— Passei a importar-me tanto com o que você pensa de nós... de mim... — continuou Bauer. — Mas não adianta. Você não consegue gostar de nós.

Madeline se sacudiu, como se tentasse livrar-se de escutá-lo.

— Você é dominada por um ódio que lhe orienta a vida — disse ele em voz baixa.

— Cale-se, Inspetor. Previno-o para que não faça isso.

— E não tem compaixão.

Madeline recuou, mantendo os olhos fixos nas bolhas de ar liberadas pela água na chaleira. Sentiu que o Inspetor a observava atentamente. O medo que sentia dele voltou à tona.

— O senhor deseja compaixão? — perguntou ela. — Só lhe posso dar ódio.

— Ódio? Você sabe o que é isso?

— Ninguém sabe melhor que eu.

— Não. Só é possível odiar uma pessoa a quem se conhece.

— Odeio os alemães — declarou ela.

Uma abstração! — exclamou ele. — Olhe bem e verá seres humanos, com suas falhas e fraquezas.

— Sim. Acima de tudo, falhas... e fraquezas.

O Inspetor se aproximara até chegar bem perto dela.

— Como consegue odiar a fraqueza? — quis saber ele. — Diga-me. Eu fui fraco. Consegue odiar-me por isso?

— Sim, o senhor foi o pior — respondeu ela. — Havia os assassinos, os médicos pervertidos, os burocratas, as enfermeiras... os guardas... os que alimentavam o fogo dos crematórios. Eram maus. Mas... vocês... gente boa, decente, fraca, que fechava os olhos e fingia que tudo aquilo não existia...

— Muito bem! — berrou Bauer. — Volte para o Yad Vashem! Vá embrulhar-se em seu ódio! Alimente-se dos arquivos até empaturrar-se de ódio! Então, talvez se torne tão doente e fanática quanto os nazistas!

Segurou o braço de Madeline quando esta tentou lhe dar as costas.

— Não me toque, Inspetor Bauer!

— Você vai me escutar, Madeline! Vai saber que vi os judeus desembarcando de um trem em Auschwitz! Vi-os passar por baixo do arame farpado! E sabia para onde eles estavam indo... embora fingisse não saber... Eu sabia... Todos nós sabíamos...

A voz do Inspetor tremia. Ele compreendeu que procurava evitar chorar diante de Madeline.

— Todos nós sabíamos... — repetiu. — E nunca nos importamos — continuou num tom mais suave. — Porque o que eram os judeus? Quem eram os judeus para nós?

Estávamos dispostos a nos deixar levar pela maré de insanidade... por que sentíamos mais medo... do que nos importávamos.

O Inspetor pegou um cigarro. Seus dedos tremiam ao manipular o isqueiro.

— Foi só depois da guerra que percebemos que nos suicidamos — disse ele, bem baixinho. — Depois daquilo, nenhum de nós estava vivo. Nunca mais

estive vivo desde então.

— Nem eu! — exclamou Madeline, rouca. — Nem eu!

— Não — concordou o Inspetor, compreendendo-a. — Nem você.

Madeline começou a chorar, escondendo o rosto do Inspetor, envergonhada diante dele.

— Por que nenhum de nós era gigante — concluiu o Inspetor, imóvel junto dela.

Por trás deles, a tempestade relampejava nas vidraças, revelando-os voltados em direções opostas, escutando-se mutuamente, presos por um laço que não lhes permitia se comunicarem.

— Não — murmurou Bauer. — É tarde demais. Muito tarde demais. Não obstante... — e o Inspetor virou-se devagar — ... poderíamos ter sido amigos. Somos pessoas do mesmo tipo.

Com o chapéu na mão, o Inspetor se encaminhou até a porta, abrindo-a.

— Se você ainda quiser, mandarei um carro buscá-la amanhã de manhã — disse ele, colocando o chapéu na cabeça.

Deixou o guarda-chuva para Madeline.

Ela enxugou os olhos com as costas da mão. Através da água que escorria pela vidraça, viu o Inspetor se afastar rapidamente sob a chuva.

MUNIQUE:

O Décimo Quinto Dia da Oktoberfest

Capítulo 18

A chuva cessara. O céu se abriu ao sol, produzindo dois arco-íris. Um céu esquisito, arroxado.

Bauer, com as mãos às costas, caminhava pelo recinto da feira. Verificava os postos de seus guardas. Cada um deles retribuía com a cabeça o seu cumprimento informal.

Com a lama se grudando às solas de seus sapatos bem engraxados, aproximou-se de um deles.

— O assassino da machadinha de açougueiro tem a ilusão de ser um matador de nazistas — disse o Inspetor num tom quase indiferente. — Preste atenção a tudo que possa lembrar um campo de concentração — por mais remota que seja a ligação.

O guarda meneou afirmativamente a cabeça, perplexo.

— Preste bastante atenção — acrescentou o Inspetor. — Ele deve ser apanhado vivo.

Bauer prosseguiu vagarosamente em sua ronda. Ao guarda seguinte, acrescentou:

— Talvez você receba ordens diferentes das minhas.

Todavia, a não ser que tenha instruções pessoais partidas de mim, ignore-as.

Os guardas lhe prestavam sucessivamente continência à medida que ele avançava por entre a multidão agitada.

Caminhava sobre a grama verde e molhada, os sapatos pretos irremediavelmente imundos de lama. Chamou a atenção de Steinmann. Quando este se aproximou, disse ao Inspetor-Chefe: — As ordens de Flanck são diferentes.

— Ao diabo com Flanck replicou Bauer.

As vozes se levantaram num brado. Os tambores marciais soaram. O povo se apinhava em massa nas calçadas de Munique. As pessoas chegavam pelas ruas de pedra, atravessando a cidade velha, passando sob os arcos, flores e faixas estendidas entre as sacadas de ferro batido.

As carroças de cerveja desfilavam, adornadas de azul e prateado, os cavalos brancos inclinados para diante puxando as pesadas cargas de barris. Marcas como Anheuser e Heineken estavam pintadas nas laterais das carroças. Um cocheiro gordo, com o maior dos bigodes, acenava alternadamente para ambos os lados da multidão.

Então, vieram as bandas. De chapéus e casacos pretos, ou com os trajes vermelhos das províncias, marchavam pelas ruas, tocando. O povo fazia chover flores sobre os músicos.

Cães pulavam e latiam.

Durante todo o tempo as nuvens se tornavam cada vez mais escuras, pois o crepúsculo era rápido e a noite chegava.

As luzes das ruas se acenderam, emprestando tons cada vez mais esquisitos de vermelho, verde e amarelo aos rostos da multidão.

Seguiram-se os dançarinos. As velhas com trajes pretos da Baviera, depois da Francônia e de Holstein, trazendo lenços nas mãos e desfilando pelas ruas. Aqui e ali os homens pulavam para a rua e dançavam com elas, sempre

progredindo em direção à campina e à periferia da cidade.

A Oktoberfest estava chegando ao fim. Quinze dias de incessantes comemorações culminavam naquilo: a última noite dos carros alegóricos.

Vieram os artífices. Os sapateiros, usando aventais de couro preto com bolsos, marchando a passo marcial e erguendo seus martelos para o povo. Então, os açougueiros, os magarefes, de rostos vermelhos, usando aventais de borracha e, com fisionomias implacáveis, carregando porcos em robustas varas, porcos pesados que balançavam ao serem levados para a campina.

Um rugido de aplauso partiu da multidão. O Rei e a Rainha da Cerveja, sob ruidosa ovação, acenavam de um trono coberto de flores, beijando-se e bebericando cerveja em seus canecos.

Atrás deles, a impressionante carroça da cidade de Munique: sete enormes cervejarias num panorama de montanhas, as mulheres fantasiadas de camponesas imitando os gestos de lavrar os campos.

A cidade de Bad Tölz — trajes verdes e pretos, com as esculturas de um touro e uma vaca na frente. Girando fantasmagoricamente uma bola de crisântemos coloridos. E uma jovem cavalcando alegremente um cavalo em pêlo.

Em seguida, saindo pelos velhos e pintados arcos de pedra que cruzavam as ruas calçadas de lajes, surgiram os pesados e enfeitados carros alegóricos de Dachau...

As carroças passavam devagar. Um cocheiro embriagado escorregou na boléia, largando as rédeas e rindo de si mesmo.

Uma criança correu para pegar as rédeas e devolvê-las.

Hass emergiu de um monturo de garrafas quebradas.

Faixas, talos de flores, papéis de embrulhar lingüiças, objetos de plástico, espetos de milho e invólucros de peixe escorregavam-lhe sob os pés. Postou-se na sombra, onde já era noite e fazia frio. Notou vagamente a multidão que gritava e aplaudia.

Um carro alegórico que formava uma silhueta de encontro à última luminosidade do crepúsculo dobrou a esquina.

Cintilantes em azul e dourado sob as luzes artificiais, lá estavam as letras góticas que diziam: DACHAU.

Os olhos de Hass faiscaram. Dilataram-se, muito negros.

Mas nenhum vácuo, nenhum poço poderia voltar a tragá-lo.

Cerrou os punhos com força. Comprimiu os nós dos dedos, muito brancos, contra os olhos.

— Ilse!

— A carroça de Dachau passou lentamente na direção da estrada que

chegava à orla do recinto da feira. Ali, o povo aproveitava as últimas horas do festival, sob o olhar atento dos policiais. Os camponeses arrumavam suas trouxas nas carroças.

— Ilse! Anna!

Os carros alegóricos voltavam para casa. Os cavalos puxavam-nos até o cume da colina, em direção aos barracões e garagens, para serem desmontados e reconstruídos no ano seguinte. Hass afastou-se da parede, correndo abaixado entre as sombras na direção do crepúsculo.

A Oktoberfest estava praticamente terminada. Amanhã, o décimo sexto dia, o dia dos "recalcitrantes", baixaria a cortina final. Então, a municipalidade poderia começar a contar os polpudos lucros. Durante o dia, os trens transbordariam de alemães e estrangeiros que partiam. O aeroporto estaria superlotado e, afinal, os hotéis poderiam suspirar de alívio.

Os pavilhões de cerveja, ainda cheios e movimentados esta noite, ficariam vazios como fantasmas à luz do crepúsculo, à espera de serem desmontados. As exposições seriam fechadas e trançadas, e os vigias noturnos patrulhariam os compridos corredores desertos.

Mas hoje, a décima quinta noite da Oktoberfest, Munique ainda estava dominada pela inebriante euforia da cerveja, do riso e da música.

Na zona rural, as árvores desfolhadas se erguiam desoladas. O panorama era nu e marrom, úmido em face da chuva da noite anterior. No início da escuridão da noite, os Alpes eram apenas uma presença que soprava ar frio das alturas.

Os grilos se ocultavam no capim. Os sapos se enterravam na lama.

Equipamentos das fazendas voltavam laboriosamente aos galpões de madeira. A intervalos, os faróis de um automóvel que passava cortavam o ar escurecido. Um vapor se levantava outra vez, uma névoa do campo, uma nuvem úmida que chegava à altura dos joelhos.

O capim dos charcos se dobrava sob o peso das gotas acumuladas nas folhas.

Uma carroça avançava lentamente pela estrada. O velho na boléia estava derreado, roncando de leve e soluçando. Os cavalos brancos puxavam a carroça cheia de flores despetaladas colina acima. O velho bateu com as rédeas nas ancas dos animais, mas isso não fez diferença. Devagar, muito devagar, a carroça seguiu seu caminho, subindo a longa e interminável colina em direção a Dachau.

No interior da carroça, uma mulher dormia profundamente, deitada no paletó de um dos três homens que estavam encostados nos barris vazios. Uma caneca de metal rolava com os solavancos da carroça, pois a mão que a segurava

se abrira com o sono. O velho na boléia tornou a bater com as rédeas nas ancas dos cavalos. Mosquitos saíam da névoa para picar o velho acima das meias verdes que lhe chegavam aos joelhos. Ela usava um traje alpino verde e preto, trazendo no peito do paletó as medalhas ganhas com suas proezas no concurso de cerveja.

A carroça atravessou o trecho de estrada que cruzava o brejo. As silhuetas das árvores iam ficando para trás. A névoa ocultava os galhos mais altos. Os arbustos, rígidos e eretos como sentinelas, iam passando. Os juncos farfalhavam.

Um dos cavalos resfolegou.

— Calma — murmurou o velho, tornando a bater com as rédeas nas ancas dos animais.

A noite era silenciosa, de modo que ele ouviu a respiração ofegante, entrecortada, que vinha dos juncos. Parou a carroça.

— Ei, você aí! Está passando bem?

Forçou os olhos para ver na escuridão.

— O que é? Está passando mal?

Os cavalos relincharam, impacientes.

O velho amarrou as rédeas na guarda lateral da boléia.

Virou-se e caminhou com passos inseguros na direção da margem do brejo, onde um vulto surgira na lama.

O chão deu a impressão de rodar e se erguer para ele, como se estivesse embriagado e quisesse agarrá-lo. O velho começou a cair. Solto uma risadinha.

— Espero que você esteja melhor que eu...

O vulto o alcançou, segurando-o. Agarrou-o pela cabeça. Os ocupantes da carroça roncavam.

Os automóveis passavam.

Os cavalos resfolegavam e batiam as patas.

Do topo da colina que descia para o brejo, a estrada estava fortemente iluminada pelos faróis de automóveis. A carroça sem cocheiro diminuía a marcha e atrasara o tráfego por pelo menos mil e duzentos metros. Motocicletas e carros de passeio engarrafavam a estrada.

As sirenes dos carros da polícia que se aproximavam enchiam o ar. Um grande grupo de curiosos se juntara para olhar. Sucessivos carros da polícia abriam caminho por entre o ajuntamento de pessoas excitadas.

— Quero os homens aos pares — dizia o Coronel Schuckert. — De Dachau até a periferia de Munique. Em comunicação pelo rádio. Revistem os brejos, e os bosques.

O sargento bateu continência e se virou para um subordinado. A mensagem foi transmitida de boca em boca.

Em breve a organização se fazia com rapidez, os líderes das patrulhas falando alto. Dois a dois, com espingardas de cartuchos nos braços e lanternas nos cintos, eles prestaram continência ao Coronel Schuckert e embarcaram nos carros-patrulha, ou começaram a andar pelas estradas em direção aos campos.

— Já não estou no controle do caso — disse o Coronel Schuckert a Steinmann. — Não passo de um guarda de trânsito.

— Sim, senhor — disse Steinmann.

Um holofote que lançava um forte fecho de luz branco-azulada, parecendo provocar fumaça na névoa, iluminava os guardas que se postavam nervosamente na beira da estrada.

Steinmann tentou interrogar a mulher e os três homens da carroça, que se sacudiam convulsivamente, sentados num barril de cerveja emborcado na beira da estrada. Mas era evidente que os homens estavam mortos para o mundo quando o fato ocorrera e a mulher se encontrava totalmente descontrolada. Steinmann gesticulou para Koenig: — Chocolate, café, rum — qualquer coisa que os aqueça e acalme.

O nevoeiro vinha até perto dos holofotes, evaporando-se com a proximidade do calor dos arcos voltaicos e tornando a condensar-se atrás deles. Os sons eram abafados, como se ouvidos embaixo d'água. Um chocante manto de irreabilidade pairava sobre a cena.

O Dr. Karl-Heinz Fischer galgou a margem do brejo. Carregava uma maleta de médico e tinha gravetos enlameados grudados aos sapatos.

Os curiosos aquietaram-se momentaneamente quando o legista abriu caminho através do grupo de guardas uniformizados e motoristas de ambulância.

— Conhaque, por favor — pediu o Dr. Fischer. Ou qualquer outra coisa.

Um carro da polícia abriu caminho por entre a multidão.

Protestando, os curiosos recuaram. Cães latiam. O casal bonito desembarcou do carro. Bauer e Madeline.

— Por que não fui avisado, Paul? — quis saber o Inspetor-Chefe.

Steinmann olhou sombriamente para Bauer, hesitando.

— Por que não avisaram meu gabinete? — insistiu Bauer.

— Ordens de Hugo Flanck — disse Steinmann, acrescentando: — Sinto muito, Martin.

A fisionomia de Bauer se anuviou. Abriu a porta do carro para Madeline. Os guardas atrás de Steinmann prestaram continência, mas Bauer os ignorou.

— Onde está o cadáver? — perguntou ele a Fischer.

O Médico apontou para a margem do brejo.

— Não puxe nada, ou sairá na sua mão — disse Fischer, tentando uma pilhéria.

Bauer conduziu Madeline através do grupo de policiais até a beira da estrada. Ali, o Coronel Schuckert ergueu os olhos, um tanto surpreso por vê-los.

— Oh, Bauer — disse o Comissário. — Fico satisfeito por você ter vindo. Uma noite bestial.

Apontando para a frente, acrescentou:

— Por aqui...

O Coronel, movendo desajeitadamente o corpanzil na margem do brejo; escorregou na lama e sujou o joelho da calça. Mas Madeline e Bauer, caminhando à frente dele, nem perceberam. Pararam na margem, olhando para o brejo.

— Meu Deus! — murmurou Bauer.

Madeline levou a mão aos lábios.

— Ele é muito forte, não? — disse o Coronel Schuckert. — Vamos, vamos, Srta. Kress. Tem que olhar a vítima.

Madeline hesitou, mas o Coronel lhe tomou o braço e a conduziu para baixo, manobrando da melhor maneira possível entre os juncos que barravam o caminho. Bauer, também, com carrapichos grudando-se às meias, avançou pela lama pegajosa.

O Inspetor-Chefe se ajoelhou ao lado do cadáver encolhido na lama. Enxugou a umidade da testa. Sua fisionomia expressava consternação.

Ergueu os olhos para encarar Madeline.

— Está bem? — indagou suavemente.

— Vá em frente — respondeu Madeline.

Ajoelhado, Bauer sentia a lama fria infiltrar-se através da perna da calça. Estendeu a mão e, meticulosamente, com muito cuidado, pegou a cabeça do cadáver, girando-a até que ficasse de frente para eles. A facilidade com que a cabeça girou provocou-lhe náusea.

— Você o conhece? — indagou o Inspetor.

— Não — respondeu Madeline.

Debruçou-se ainda mais sobre o corpo e acrescentou: — É apenas um velho.

— Mas deve ter sido alguém, no passado — ponderou o Coronel Schuckert. — Municificador, cadete...

— Não o conheço dos arquivos — disse ela. — Nem pessoalmente.

Gotículas de névoa pingavam dos juncos, produzindo um som leve e regular. Uma única badalada do campanário da Igreja de São Bonifácio anunciou quinze para a meia-noite.

Uma coruja piou — um som lúgubre que ecoou pelos brejos e morreu lentamente na distância.

— Temo que ele esteja matando indiscriminadamente alemães disse o Coronel Schuckert. — Deve ter perdido totalmente o controle.

Bauer deixou a cabeça do cadáver afundar-se novamente na lama. Ela se enterrou alguns milímetros — um rosto no qual as marcas da embriaguez ainda suavizavam os ferimentos e equimoses. Um velho que, com um só olho, fitava o vácuo.

— Bem — disse o Coronel Schuckert. — Recebi ordens para abatê-lo assim que for avistado.

Bauer tornou a caminhar com esforço pela lama até subir à margem do brejo, onde deparou com o espetáculo da multidão de curiosos. Como numa pintura de Ensor, os rostos multicores em tons de vermelho, rosa e amarelo agrupavam-se sob a luz brutal dos arcos voltaicos, falando, pilheriando ou simplesmente esperando, curiosos, além dos cordões de isolamento, na esperança de ver o cadáver.

Steinmann chamou a atenção de Bauer, que se encaminhou para a orla da multidão.

— Foram as minhas ordens — protestou Steinmann.

— Onde está ele agora? — quis saber Bauer.

— Flanck?

— Flanck.

— Partiu. Esteve aqui, mas se foi. Partiu para o norte, num carro.

— Para o norte?

— Sim.

— Para onde, no norte? Outra conferência com o Ministro?

— Para Dachau — disse o Coronel Schuckert.

Bauer se voltou depressa. O Coronel olhava para as letras góticas gravadas em relevo dourado na lateral da carroça.

Bauer esbugalhou os olhos. O Coronel repetiu para o Inspetor-Chefe: — Para Dachau.

Bauer virou-se para Steinmann.

— Quero Berg e Modelle — exigiu ele. — Atiradores de escol. Depressa!

Steinmann correu para o grupo de policiais.

Um coro de vozes gritou os dois nomes em meio à tropa de policiais ali reunidos. Bauer viu os motoristas de ambulância virem da margem do brejo com uma maca contendo uma forma inerte. Então, dois policiais — um deles uniformizado — aproximou-se depressa do Inspetor e do Coronel, prestando continência enquanto ainda corriam.

O Coronel Schuckert, muito mais alto que eles, escutou enquanto Bauer explicava aos homens o que desejava deles.

Ambos foram até os carros da patrulha e voltaram com rifles de alta potência. Cada um deles recebeu um punhado de balas retiradas de uma caixa guardada na mala do carro de Bauer.

Apontando os fuzis para o chão, às escondidas do público e protegendo-os contra a chuva, municiaram as armas.

— Espero que não haja repercussões — disse o Coronel Schuckert, preocupado.

— Não para Dachau! — sussurrou Madeline a Bauer. — Por favor... eu não posso voltar lá!

O Inspetor se virou, com os olhos muito abertos. Também ele estava com medo.

— É preciso — replicou simplesmente. E preciso!

DACHAU:

O Décimo Sexto Dia da Oktoberfest

Capítulo 19

Arbeit Macht Frei, diziam as letras desbotadas. O Trabalho Liberta. O letreiro pregado no portão de entrada do campo de concentração de Dachau era pouco visível na noite sem luar.

O campo de concentração fora mantido intacto durante vinte e oito anos, como uma lembrança perpétua do medonho ataque de Hitler contra o espírito humano. E embora o cenário atual os muros, o recinto cercado de arame farpado e os prédios sugerissem uma benigna atmosfera de parque, os símbolos berrantes do passado notório ainda pontilhavam o panorama sereno com os gritos abafados de seus incontáveis mortos.

Pontas de lanças aguçadas guarneciam o alto dos muros.

Um portão negro entre duas maciças colunas de pedra — a grade de ferro batido isolando a estrada do terrível conteúdo do campo.

Arbeit Macht Frei.

Prédios compridos e baixos surgiam nas sombras do pátio cercado. Eram feitos de madeira, agora desbotada, iluminada a intervalos pelos faróis que

passavam na estrada. Sombras de árvores dançavam nas paredes. Não havia qualquer outro movimento. Nem ruído.

Arbeit Macht Frei.

No lado de fora do portão, Flanck colocou as balas no tambor de seu revólver de cano curto. Atrás dele estavam os Guardas Kirst e Modersohn. Kirst usava óculos sem aros.

Ambos levavam fuzis nas mãos enluvadas.

Flanck olhou para o pátio. Gramados bem cuidados desapareciam entre os prédios de madeira. Coroas de flores emprestavam uma cor desbotada à noite escura. Caminhos de terra batida levavam a prédios maiores. Flanck recostou-se contra o portão, olhando para as áreas escuras do pátio.

Os caminhos estavam desertos. Lápides de pedra com inscrições, fios elétricos saídos de caixas metálicas lançavam uma grade de sombras no solo de terra batida. As barreiras de arame farpado, emaranhadas, erguiam-se embaixo das torres de metralhadoras.

Flanck empurrou de leve o portão negro de ferro, que cedeu vagarosamente. A corrente de aço que uma das duas grandes metades do portão estava quebrada, retorcida com incrível força por uma barra de aço. Agora, tanto a barra como a corrente caíram ao chão, produzindo um barulho metálico que ecoou através da área cercada.

Flanck sabia que aquele era o momento final. O medo envolvia seu cérebro, provocando-lhe arrepios na espinha e suor frio nas mãos. O Promotor estava muito pálido. Virou-se nervosamente para os guardas que o acompanhavam e disse: — Vamos acabar logo com isso.

Os portões se abriram e ali, no pátio central, com a visão totalmente desobstruída, eles depararam com uma pequena estátua de bronze: um judeu esquelético e moribundo, levemente inclinado para a frente, o rosto metálico manchado pelas sombras.

Flanck e os dois guardas entraram no campo de concentração de Dachau.

Uma expressão de repugnância contorceu as feições de Flanck.

— Um dia, dentro em breve, queimaremos tudo isto.

Vamos varrer tudo da face do solo alemão.

Os guardas menearam as cabeças, concordando nervosamente.

Percorrendo velozmente a estrada, um carro da patrulha derrapava através das aldeias ao norte de Munique, passando pelas ruas de pedra ladeadas por casas da Baviera, jardins de roseiras e cercas brancas, antes de voltar aos campos escuros no lado oposto.

— Mais depressa, Koenig — disse Bauer.

Os olhos de Koenig se arregalaram.

Desviou momentaneamente o olhar da estrada para fitar o rosto do Inspetor-Chefe e engoliu em seco. O automóvel já trafegava a uma velocidade superior à que lhe permitiria frear diante de algum obstáculo.

Celeiros, carroças desmanteladas e margens de brejos passavam rapidamente pelo campo visual de Koenig. Os faróis varriam as curvas da estrada rural. Um gato miou apavorado, pulando para lugar seguro. Insetos cegos pela luz surgiam no facho dos faróis e tomavam a desaparecer na escuridão.

Bauer, Schuekert e Madeline olhavam impassivelmente para a frente.

O Coronel Schuekert enfiou o dedo por dentro do colarinho duro do uniforme, como se estivesse privado de ar.

O rosto de granito se mantinha inflexível, imóvel, mas os olhos estavam injetados de sangue, esforçando-se para enxergar através da noite escura que parecia voar ao encontro do carro.

— Isto vai terminar logo? — perguntou o Comissário.

— Espero que sim, senhor — respondeu Bauer.

Bauer abriu um pouco o vidro da janela dianteira. O vento lhe soprou os cabelos escuros e ralos, deixando-os em desalinho. Por um instante, o Inspetor-Chefe pareceu um homem muito fatigado, esgotado.

— Rezo para que seja assim, senhor — acrescentou ele.

Madeline afundou-se no banco traseiro, como se conseguisse atuar contra o avanço do automóvel que a levava, delirantemente, a mais de cem quilômetros por hora, em direção ao campo de concentração nas cercanias da aldeia de Dachau.

O facho de uma lanterna percorria as compridas tábuas das paredes dos barracões. As vidraças refletiam a luz com um brilho mais pálido. Os vidros estavam sujos. No interior dos prédios, escuridão total. Só as vagas sombras dos toscos beliches sobressaíam no escuro que o facho da lanterna não conseguia penetrar. Nas paredes externas, as sombras das árvores dançavam e balançavam em movimentos repentinos sob as súbitas e rápidas rajadas de vento.

— Ele está aqui! — murmurou Flanck entre os dentes trincados. — Sei que está aqui!

Flanck caminhou pela alameda principal do campo de concentração de Dachau. Atrás dele, os fuzis seguros à altura do peito, vinham os dois guardas uniformizados. Os polidos sapatos pretos de Flanck levantavam poeira. Pequenas nuvens de pó se levantavam a cada passo, tornando a cair de volta ao terreno. As sombras criadas por elas ondulavam loucamente a cada passo dos três homens.

— Vocês não têm outra lanterna? — sussurrou Flanck.

Ambos os guardas sacudiram quase imperceptivelmente a cabeça, em negativa.

— Estupidez! — comentou Flanck. — Realmente muita estupidez!

O vento sacudiu repentinamente as grandes árvores atrás das torres de observação, lançando pelo ar folhas mortas, amareladas. Os grilos faziam barulho. O vento, cessando, deixou cair gravetos e pedaços de matéria morta nos telhados dos barracões, cercas e muros do campo de concentração.

— Andem até a esquina norte — ordenou Flanck aos guardas. — Fiquem juntos. Venham na minha direção em diagonal. Tentem encontrar o comutador da luz. Deve existir algum por aqui. Sei que existe.

Os guardas assentiram com movimentos de cabeça e se afastaram rapidamente do Promotor.

Flanck ficou sozinho. Estava agora entre duas fileiras de barracões destinados ao alojamento de prisioneiros. As pequenas vidraças pareciam inexpressivas como olhos fitando o vazio. O prédio da Administração ficava em algum lugar mais à frente, além do judeu de bronze e das lápides cobertas de coroas de flores. O Promotor avançou lentamente ao longo do estreito e comprido caminho entre os barracões. Segurava a lanterna na mão esquerda e o revólver de cano curto na direita.

À sua passagem, os barracões pareciam não ter conhecido os efeitos de tantos anos. Estavam bem conservados, as paredes recém-pintadas, os degraus restaurados. Só um pouco de poeira dançava no facho da lanterna enquanto Flanck avançava. Atravessou os gramados verdes que terminavam abruptamente junto a cada fileira de barracões.

No interior de cada barracão havia compridas fileiras de beliches. Sobre cada uma das camas toscas fora colocado um lençol cobrindo uma camada de palha que dava a fantasmagórica impressão de uma forma humana.

As compridas tábuas do chão estavam bem varridas.

Prateleiras de madeira tinham sido bem fixadas, embora toscamente, às paredes. A não ser pelos gravetos que caíam nos telhados e rolavam para baixo, ou pelas rajadas de vento que sacudiam levemente as vidraças nos caixilhos, não se escutava qualquer som. Não havia movimento.

— Ilse!

Na escuridão do aposento, as tábuas do chão rangiam sozinhas. Os lençóis quase não eram visíveis sob as janelas.

Lá fora, o facho da lanterna empunhada por Flanck entrou palidamente pela janela, lançando na parede interna do barracão as sombras em cruz dos caixilhos. Então, desapareceu.

— Ilse? — sussurrou ansiosamente a voz de Hass.

Mas não havia ninguém vivo ali. Ninguém respondeu.

A respiração ofegante de Hass vinha de debaixo de um beliche. Sua mão se estendeu para cima, pegou o lençol e o puxou para o lado. Os dedos tatearam a palha. Os talos compridos e amarelados da palha espetaram a carne endurecida da mão.

A mente de Hass se rebelou. Tentou ver, divisar nitidamente a forma de um rosto naquela alucinação. Olhou para baixo e para o lado, procurando penetrar com os olhos a escuridão, e murmurou para o vulto de palha: — Ela é uma judia polonesa. Tem sotaque polonês e fala alemão. É loura, magra e muito linda.

Hass debruçou-se, aproximando-se, e chegou o ouvido ao monte de palha.

— Ela fala alemão — disse ele. E uma menina: Anna. Tem sete anos. Você a viu? Pelo amor de Deus, sabe onde ela está?

Mas a pessoa com quem ele falava devia estar morta. No silêncio, Hass compreendeu algo terrível. Avançou pelo corredor, desfazendo as formas de palha nos beliches.

— Há alguém vivo aqui? — sussurrou ele, suplicante.

Encostou-se à parede, transpirando. A cabeça enorme e pesada estava fraca pela falta de sono, suja, vincada de exaustão. Hass respirava com dificuldade.

— Nem mesmo um só vivo? — murmurou ele.

De repente, soaram vozes lá fora. Hass voltou-se depressa e, comprimindo as costas contra a parede, olhou pela janela para o pátio nos fundos do barracão.

Através da janela, entre os fachos cruzados de fria luz azulada, viu homens cavando o solo com pás. Usavam sujos uniformes listrados. Tinham olhos fundos. Seus queixos pendiam frouxamente. Os membros eram finos, muito mais finos que as juntas, as quais pareciam sobressair da carne macilenta.

Alguns dos homens não conseguiam ficar em pé, mas, como se esperassem, apoiavam-se nos ombros dos que ainda podiam trabalhar.

Estavam cercados por guardas alemães. Estes não usavam uniformes limpos, mas fardas de campanha desbotadas e amarrotadas, e tinham a barba por fazer. Suas fisionomias apresentavam uma peculiar expressão morta, como se suas mentes tivessem sido substituídas por massas inertes. Eles próprios pareciam semimortos.

O *Rapportführer* baixou a prancheta.

— Quem, entre vocês, tem um irmão gêmeo? quis, saber ele.

Os prisioneiros se limitaram a fitá-lo com olhos de animais.

Vamos, vamos logo — insistiu o *Rapportführer*. — Preciso de mais três pares de gêmeos.

Nenhum dos prisioneiros se mexeu ou falou.

— Garanto-lhes que é praticamente indolor. Serão bem-cuidados. Duas refeições quentes por dia e outros privilégios.

O *Rapportführer* caminhou ao longo da fila de prisioneiros. Parou junto à carrocinha onde a terra estava sendo empilhada. Diante dele estava um homenzinho que não enxergava bem, pois franzia terrivelmente os olhos para vê-lo.

— Vá à enfermaria — ordenou o *Rapportführer*.

O homenzinho, com o pijama listrado pendendo frouxamente em volta das pernas esqueléticas, olhou estupidamente para o *Rapportführer*.

De repente, sem aviso prévio, o *Rapportführer* esmurrou o rosto do homenzinho com a mão enluvada. O prisioneiro caiu, imóvel.

O *Rapportführer* voltou a andar ao longo da fila. Parou diante de um homem de peito magro que tossia silenciosamente, apoiado em sua pá.

— Leve-o para a Enfermaria ordenou o *Rapportführer*.

Sem dizer uma palavra, o homem de peito magro se abaixou e pegou apressadamente as pernas do homenzinho que enxergava Mal. O *Rapportführer* observou, satisfeito.

Traçou uma linha na prancheta.

— Isto é terrível! — disse ele. — Vocês estão morrendo muito devagar!

Virou-se para encarar os prisioneiros. Atrás dele, lançando-lhe estranhos reflexos avermelhados na pele, estava o brilho no topo das altas chaminés de tijolos. Os reflexos ondulavam-lhe no rosto, tornando seus olhos sombrios.

— Não compreendem? — insistiu o *Rapportführer*. Não nos resta muito tempo! A guerra acabará logo!

Naquele momento, o barulho de um trem encheu o ar. Um som distante, vindo de Munique. O apito reverberava, prolongado, solitário e tristonho. A terra sacudiu e o barulho passou, afastando-se. O rosto do *Rapportführer*, lívido apesar dos reflexos vermelhos, contraiu-se de medo.

Hass comprimiu-se ainda mais contra a parede. Tremia. A seleção final estava sendo levada a efeito. Eles já não escolhiam: mandavam todos, indiscriminadamente...

Um facho de lanterna entrou pela janela, iluminando os beliches cobertos com lençóis. Hass abaixou-se com extrema cautela. A solitária fonte de luz pálida era visível através das vidraças sujas. O facho passou por cima da cabeça de Hass e foi cortado pela esquadria da janela.

Hass contou até dez e abriu cuidadosamente a porta. O *Rapportführer* e os guardas tinham levado os prisioneiros embora com a mesma rapidez e da mesma forma misteriosa com que haviam aparecido. O pátio cercado estava silencioso e deserto. Hass não avistou ninguém. O alemão com a lanterna sumira na esquina

oposta do barracão.

Hass olhou em volta. Saiu do barracão e correu pela calçada até o prédio vizinho. Horrorizado, constatou que a porta estava trancada por dentro.

Trêmulo e banhado de suor, Hass sacudiu e empurrou a porta.

— Deixem-me entrar! — sussurrou. — Sou judeu!

No pátio distante, o atirador com óculos sem aros pousou a mão no braço do outro guarda.

— O que foi isso?

— O quê? — segredou o outro.

— Não tenho certeza. Acho que escutei alguma coisa.

O guarda de óculos empurrou o colega para longe de si, de modo que ficaram mais apartados. E assim, a vários metros um do outro, convergiram lentamente na direção da extremidade sul dos barracões.

No escuro, Hass encontrara um meio de entrar no prédio.

Forçou a janela e pulou para o interior. Agora, via-se numa sala escura e quadrada. Tateou até encontrar um corredor. Na parede, longas fileiras de cabides negros.

Utilizando-se deles, Hass tateou ao longo do estreito corredor até chegar a uma pequena câmara.

Não havia portas nem janelas, mas apenas uma saída: o corredor pelo qual ele viera.

O teto era alto. As paredes ásperas e cobertas com reboco.

Uma enorme porta de aço, com meio metro de espessura, estava aberta diante dele.

— Ilse?

Hass espiou pela porta.

Fileiras de chuveiros metálicos apareceram acima de sua cabeça, escuros, silhuetados de encontro à leve luminosidade refletida na parede dos fundos. As peças de metal pareciam pequenas cabeças de animais. Peculiares. Robustas. Vivas.

Davam a impressão de piscar para Hass.

— Ilse?

Hass teve a terrível premonição de que os chuveiros iam falar com ele. Brilhavam à leve luz refletida, parecendo cintilarem no interior da câmara.

"Aqui existe um segredo!", Hass escutou-os murmurarem.

"Sabe qual é?... Apenas um segredinho!..."

O tremor sacudiu Hass até a medula dos ossos e o cérebro. Por um instante, um abismo negro deu a impressão de surgir do nada a fim de tragá-lo, mas ele recobrou a consciência.

Ergueu as mãos contra os chuveiros, desesperado, mas os barulhos de seus esforços — pés arrastados no chão e respiração ofegante — ecoaram e morreram lentamente ao seu redor.

"Não há água nestes canos. Nem um só pinga d'água nestes canos!..."

Os chuveiros metálicos piscavam para ele.

"Quer encontrar sua mulher? Bem, ela não está aqui agora.

Esteve aqui, mas agora não está mais..."

— Não! Não! — exclamou Hass, quase sufocado.

Cobriu o rosto com as mãos, como se quisesse suprimir a própria visão. Cambaleou para fora do compartimento de chuveiros, passando pelo portal de aço. Tropeçou e esbarrou na parede, batendo com força no alisar da porta de uma câmara maior e mais fria.

— Será que estou louco? — pensou ele, prendendo a respiração e se agarrando ao portal. — Por favor, ó Adonai, termine logo com isto!

No canto oposto do pátio, Hugo Flanck acionou um comutador elétrico.

— É isso! exclamou o Promotor.

Um brilho mais branco que a luz do dia iluminou Hass.

Ele procurou proteger os olhos, mas ali, diante de seus dedos estendidos, estavam os fornos. Uma fileira deles, abertos, grandes, com arestas forradas de metal, com alavancas de aço e válvulas nas portas. De bocas abertas, aninhados numa grande parede de tijolos. As esteiras rolantes que vinham do compartimento de chuveiros cintilavam, refletindo a brilhante luz.

Hass gritou e tombou no chão.

Flanck aguçou os ouvidos.

— Escutaram isso? — sussurrou ele.

Na extremidade sul dos barracões, os guardas acenaram em resposta, indicando que haviam escutado. Flanck fez sinal para que circundassem as paredes do crematório, numa manobra de cerco. Então, ele próprio correu pela comprida passagem entre os barracões dos prisioneiros. Seus pés mal tocavam o bonito gramado. O Promotor empunhava seu revólver. Parou para examinar as paredes da câmara da morte.

Em seguida, andou até a janela arrombada.

Fez o facho da lanterna incidir sobre a fileira de cabides para roupas.

— Não há dúvida de que ele está aqui! — murmurou Flanck.

Içou-se desajeitadamente até a janela e pulou para o interior. Caminhou silenciosamente pelo corredor.

O Promotor parou. A pequena porta de tela no fundo de uma sala de espera se fechara e ele não podia ver através dela.

Empurrou levemente a porta.

À sua frente, no piso de pedra, um homem enorme vestido com roupas azuis imundas e esfarrapadas estava caído, dobrado em dois, gemendo em terrível agonia.

— O que... — murmurou Flanck, incrédulo. — Rezando...?

Então, num bote tão repentino que pegou Flanck de surpresa, Hass se atirou para a frente e esbarrou no Promotor.

A cabeça de Flanck bateu com violência na esquadria da porta.

A porta cedeu, rachando-se. Flanck sentiu as mãos do homem se fecharem em seu pescoço, apertando-o com uma força na qual ele não conseguia acreditar. Os olhos de Flanck se turvaram e ele teve a impressão de que algo dentro de si se rompia. Seus dedos apertaram repetidamente o gatilho do revólver de cano curto. As explosões retumbaram nas enormes câmaras.

A perna direita de Hass se dobrou, quebrada e sangrando.

Flanck, contorcendo-se, livrou-se e recuou, segurando a garganta. O revólver, inútil, rolou pelo chão. O Promotor girou nos calcanhares e saiu correndo desvairadamente pelos corredores, sufocado, procurando respirar mas não conseguindo levar o ar aos pulmões. Tropeçou para o interior escuro do compartimento de chuveiros e tentou agarrar-se às peças metálicas, mas estas, que não eram realmente chuveiros, quebraram-se em suas mãos e Flanck caiu pesadamente no chão de pedra. Poeira e reboco o acompanharam na queda, ergueram-se ao seu redor e obscureceram o local.

— Não consigo respirar! — tentou gritar o Promotor.

Mas só conseguiu emitir um grito agudo.

Esforçou-se para chegar à porta, mas o enorme punho de Hass golpeou, acertando-o no maxilar. A pancada quebrou o queixo de Flanck, que sentiu o sangue escorrer pelo rosto.

Caiu pelo vão da porta no ar frio da noite e rolou por uma pequena série de degraus.

— Kirst! Modersohn! — gritou ele, arquejante.

"Por Deus do céu!", pensou o Promotor. "Vou morrer!"

Descendo os degraus atrás dele, enorme, avançando meio de lado como um caranguejo, vinha o gigantesco judeu, arrastando atrás de si a perna inutilizada.

Flanck se arrastou para trás, enxergando com dificuldade.

A cada movimento, seu cérebro parecia ser espetado dolorosamente por afiadas agulhas.

Hass chegou até ele, engatinhando em busca dos sapatos, das pernas, do corpo do Promotor. Este rolou no escuro, de bruços, os braços nadando inutilmente no solo.

— Hass! — retumbou uma voz autoritária.

Hass, sem escutar coisa alguma, puxou Flanck pela cabeça até uma pedra no chão. Ali, levantou a cabeça do Promotor acima da pedra, preparando-se para esmagá-la.

— Hass! Deixe-o viver!

Hass ergueu os olhos. Eles o haviam cercado. No portão do campo de concentração, alemães com revólveres em punho. Holofotes, faróis de carros da patrulha, ofuscavam-lhe os olhos.

— Vejam bem! — replicou Hass.

Trincando os dentes e chorando de ódio, ergueu ainda mais a cabeça de Flanck acima da pedra.

— *Hass!* — gritou uma voz de mulher.

A cabeça de Hass recuou como se tivesse levado um tiro.

Bauer, ofegante, acompanhado por Schuckert e Madeline, tinha entrado correndo no campo de concentração. Os faróis dos carros da polícia silhuetavam-nos, criando uma espécie de halo em torno de seus vultos sombrios.

Madeline avançou.

— *Hass!* — gritou ela outra vez.

Tinha o rosto mergulhado na sombra, mas o cabelo esvoaçava atrás dela, translúcido. Só os olhos cinzentos, brilhantes e luminosos, pareciam brilhar naquele rosto de mulher. Um rosto que dava a impressão de olhar para Hass de um outro mundo.

Hass, trêmulo, arregalou os olhos, abalado e confuso.

Ficou transfixado, hipnotizado.

— Willi — disse Madeline em fídiche —, o que fizeram com você?

Mais uma vez, a cabeça de Hass se sacudiu ao som de seu nome.

Quem era ela? Seria realmente uma criatura terrestre? E por que eles não atiravam? O que estavam esperando?

Fascinado, Hass observou o avanço de Madeline. Ela não tinha nada nas mãos? As mulheres sempre eram as piores.

— Oh, Willi, Willi — chorou Madeline.

Hass tentou focalizar os olhos, mas tudo o que viu foi o vulto da mulher, delineado pelas luzes brilhantes atrás dela.

Algo úmido e brilhante nos olhos... Ela se aproximava, cada vez mais, o rosto estranho, tenso, magro, os longos cabelos brilhantes e desfeitos em volta do pescoço. — Ilse?

As feições de Hass tremeram numa alegria indescritível e numa agonia de descrença. Inclinou-se para a frente, largando a cabeça de Flanck.

— Ilse?

Bauer saiu depressa das sombras das árvores.

Faça-o vir até você! — sussurrou com voz rouca.

Madeline parou, sozinha no centro do pátio fortemente iluminado, petrificada diante do espetáculo do judeu aleijado e louco que se arrastava pelo chão em sua direção.

Hass segurou-lhe a saia. Ficou de joelhos e olhou temerosamente para cima.
— Ilse?

As lágrimas rolavam pelo rosto de Madeline, que afastou os cabelos dos olhos. A grande cabeça de Hass fitava-a da altura de sua cintura. Ela tocou a pesada cabeça com seus dedos esguios.

— Está tudo bem, agora — murmurou com voz entrecortada.

Ajoelhou-se. Abraçou Hass e este começou a chorar, apertando-a loucamente contra si.

— Quem sou eu senão Ilse? — sussurrou Madeline.

Em seguida, repetiu: — Está tudo bem, agora, Willi.

Os policiais alemães estavam espalhados pelo pátio, imóveis. Jovens em sua maioria, fitavam com rostos tensos os dois judeus abraçados no centro do pátio central.

Bauer se aproximava dos dois, lançando sombra sobre eles. Madeline levantou a cabeça, o rosto manchado de lágrimas, indefesa. Depois, tornou a baixar a cabeça e segurou a de Hass contra a sua.

— Está tudo bem, agora, Willi.

Ela chorava.

Bauer estendeu a mão a fim de ajudá-los a se levantarem, mas teve receio e conteve o gesto. Como em Paris, como no Yad Vashern, um fogo ardente parecia consumir-lhe os ossos e ele se sentia nauseado de vergonha. Ergueu uma das mãos.

Koenig destacou-se vagarosamente do grupo de policiais que assistiam à cena.

— Apague as luzes — segredou Bauer para o guarda.

Outro policial se aproximou, um sargento, trazendo ataduras. Madeline ergueu a perna da calça de Hass e o acalmou, pois ele continuava a segurá-la como se não conseguisse ficar suficientemente perto dela.

No outro lado do pedestal do monumento central de bronze, Flanck estava sendo cuidadosamente colocado numa maca. Tinha os olhos sombrios com a visão da morte, as roupas rasgadas e os cabelos despenteados. Os dois assistentes levaram lentamente a maca para uma ambulância que partiu imediatamente, a alta velocidade, pela estrada que levava a Munique.

O Coronel Schuckert, em pé debaixo da árvore onde os insetos se haviam juntado, observava tudo, imóvel, protegido pelas sombras.

— Por que Koenig não se apressa? — indagou Bauer em voz alta, correndo os olhos pelo local bem-iluminado.

Afinal, as luzes começaram a se apagar, primeiro uma, depois outra, mudando um pouco de cor, de modo que as sombras aumentavam e diminuía, fazendo com que os reflexos da estátua de bronze parecessem crescer e diminuir, como labaredas, à medida que os fachos entrecruzados iam-se apagando alternadamente. Logo a escuridão voltou a reinar e Bauer se colocou abaixo da imponente estátua.

— Vamos, Koenig — disse o Inspetor-Chefe quando Koenig reapareceu, — Já terminamos aqui.

Madeline e o sargento ajeitaram cuidadosamente Hass, que gemia e balbuciava no banco traseiro do carro de polícia de Bauer. Madeline e o Inspetor-Chefe se sentaram a cada lado do judeu que soluçava.

No banco dianteiro, o Coronel Schuckert sentou-se pesadamente, piscando os olhos com rapidez.

Bauer recostou-se desconfortavelmente. Koenig sentou-se ao volante e ligou o motor.

No portão, Bauer instruiu um único guarda para que ficasse de vigia até de manhã.

— Certifique-se de que crianças não entrem no campo — acrescentou. — Você sabe como agir.

— Perfeitamente, senhor.

O guarda prestou continência.

Madeline continuou a abraçar Hass enquanto o carro seguia depressa para Munique.

As aldeias, aninhadas nas colinas escuras, passavam rapidamente. As nuvens haviam tomado formas de compridos dedos prateados. Vacas dormiam junto às portas de casas de fazenda construídas de pedra. Era a quintessência do isolamento germânico em uma fria noite de outono e as residências da Baviera, em suas estreitas ruas calçadas de pedras, com jardineiras de rosas nas janelas superiores, logo ficavam para trás, parecendo eternamente misteriosas e fascinantes. Agora, porém, para Bauer, o cerne de tudo aquilo fora levado para sempre, cedendo lugar a um terrível vazio e solidão.

Bauer esfregou os olhos.

Horrorizado, deu-se conta de que Hass lhe segurava a mão. Virando-se, o Inspetor deparou com os olhos escuros, profundos e cheios de lágrimas de Hass, que penetravam diretamente até seu cérebro.

Bauer engoliu em seco.

Tentou falar, mas não conseguiu.

Vagarosamente recolheu sua mão. Hass, gemendo baixinho, tornou a se recostar no ombro de Madeline. Bauer cobriu a mão no ponto onde Hass a tocara.

— Quem cuidará dele agora? — indagou o Inspetor-Chefe, após prolongado silêncio.

— Nós cuidaremos — respondeu a voz exausta de Madeline do outro lado do banco.

Bauer olhou pela janela para a escuridão impenetrável dos campos desertos.

— Bem — disse ele. — Veremos. Teremos que tomar providências a respeito.

Então, com um suspiro de cansaço, acrescentou: — Graças a Deus, terminou.

— É mesmo? — replicou Madeline em voz baixa. Será que terminará algum dia?

Muito atrás deles, no campo de concentração de Dachau, tudo estava escuro. O esquelético judeu de bronze erguia-se no pátio, triste e solitário. A seus pés estavam inscrições, ilegíveis na escuridão. A seu lado, coroas de flores murchas.

Ele era uma silhueta, uma sombra esculpida em bronze, com a forma de um homem moribundo no alto de um bloco de pedra.

Não havia ninguém para vigiá-lo, ninguém para cuidar dele, exceto o guarda solitário sentado num banco, vigiando o portão arrombado até a manhã seguinte, que preferia apreciar o lindo panorama da adormecida aldeia de Dachau.

FIM

Table of Contents

AGRADECIMENTOS

MUNIQUE:

O Primeiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 1

Capítulo 2

MUNIQUE:

O Segundo Dia da Oktoberfest

Capítulo 3

PARIS:

O Terceiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 4

ISRAEL:

O Quarto, Quinto e Sexto Dias da Oktoberfest

Capítulo 5

MUNIQUE:

O Sétimo Dia da Oktoberfest

Capítulo 6

MUNIQUE:

O Oitavo Dia da Oktoberfest

Capítulo 7

MUNIQUE:

O Nono Dia da Oktoberfest

Capítulo 8

Capítulo 9

MUNIQUE:

O Décimo Dia da Oktoberfest

Capítulo 10

Capítulo 11

MUNIQUE:

O Décimo Primeiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 12

Capítulo 13

BONN:

O Décimo Segundo Dia da Oktoberfest

Capítulo 14

MUNIQUE:

O Décimo Terceiro Dia da Oktoberfest

Capítulo 15

MUNIQUE:

O Décimo Quarto dia da Oktoberfest

Capítulo 16

Capítulo 17

MUNIQUE:

O Décimo Quinto Dia da Oktoberfest

Capítulo 18

DACHAU:

O Décimo Sexto Dia da Oktoberfest

Capítulo 19

FIM